



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



NATATCHA PRISCILLA ROMÃO

SEXUALIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Pesquisa com um Grupo de Mulheres
que Frequenta a Noite na Cidade de Juiz de Fora

Orientador
Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues

Juiz de Fora
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



Natatcha Priscilla Romão

SEXUALIDADE E CONTEMPORANEIDADE
PESQUISA COM UM GRUPO DE MULHERES QUE FREQUENTA A
NOITE NA CIDADE DE JUIZ DE FORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Natatcha Priscilla Romão.
Orientador: Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues.

Juiz de Fora
2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Romão, Natatcha Priscilla.

Sexualidade e Contemporaneidade : pesquisa com um grupo de mulheres que frequenta a noite na cidade de Juiz de Fora / Natatcha Priscilla Romão. -- 2015.
119 p.

Orientador: Antenor Salzer Rodrigues

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Mulher. 2. Sexualidade. 3. Feminilidade. 4. Contemporaneidade. I. Rodrigues, Antenor Salzer, orient. II. Título.

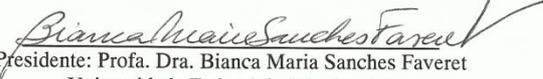
Natatcha Priscilla Romão

**SEXUALIDADE E CONTEMPORANEIDADE: PESQUISA COM UM GRUPO DE MULHERES QUE
FREQUENTA A NOITE NA CIDADE DE JUIZ DE FORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia por Natatcha Priscilla Romão

Dissertação defendida e aprovada em 27 de fevereiro de dois mil e quinze, pela banca constituída por:


Orientador: Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora


Presidente: Profa. Dra. Bianca Maria Sanches Favaret
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Profa. Dra. Elaine Terésinha Dal Mas
Universidade Nove de Julho

Se quereis saber mais sobre a feminilidade, podeis consultar a vossa própria experiência de vida, ou perguntar aos poetas, ou esperar que a Ciência possa procurar os informes mais profundos e mais coerentes.

(Freud, 1948, v. II, p. 851)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora por ter me dado a oportunidade de fazer parte do corpo

discente dessa instituição que cedeu a espaço e as condições necessárias ao desenvolvimento do trabalho, contribuindo de forma expressiva para a minha formação acadêmica.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora pelo empenho dispensado na formação dos alunos participantes desse programa.

Ao Professor Doutor Antenor Salzer Rodrigues, meu orientador que, pacientemente acompanhou o processo de construção e desenvolvimento da pesquisa.

A banca examinadora: Professora Doutora Bianca Maria Sanches Faveret (UFJF) e Professora Doutora Elaine Teresinha Dal Mas Dias (UNINOVE), que gentilmente cederam tempo e conhecimentos, contribuindo de maneira preciosa tanto na qualificação quanto na defesa para que o trabalho avançasse com mais coerência e dentro dos padrões acadêmicos.

A minha família, meus pais José Eustáquio Romão e Nailê Maria de Lima Romão, o princípio de tudo, presenças constantes na minha vida e no meu coração.

Minhas irmãs Soraya Ludmilla Romão e Waleska Alexandra Romão, obrigada por existirem.

Ao meu primo, Adriano Antônio Marques de Almeida presença amiga, que nos momentos difíceis me fazia acreditar que eu era capaz de realizar esse e qualquer outro trabalho se assim o desejasse.

A minha filha – pequena, grande mulher – cujo trajeto na construção da própria feminilidade tenho o orgulho de participar. Sem você nada disso faria sentido.

A todas as mulheres que participaram direta ou indiretamente dessa jornada cujas conversas e esclarecimentos ajudaram significativamente na tentativa de compreender um pouco mais o universo feminino.

A todos aqueles que de alguma maneira acreditaram e torceram para que esse trabalho fosse concluído.

Por último, mas não menos importante, agradeço, penhoradamente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que propiciou a bolsa de estudos.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que na caminhada diária acreditam no poder feminino como o facilitador na construção de uma sociedade mais igualitária, na qual homens

e mulheres possam se reconhecer como membros de um universo maior. Que as nossas diferenças não se tornem obstáculos ao encontro e sejam reconhecidas como singularidades importantes para a aproximação da essência de cada ser.

Dedico ainda, às mulheres que participaram diretamente desse trabalho, contribuindo gentilmente de modo singular com a própria percepção em relação ao universo feminino pelo qual trafegam.

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Análise de Conteúdo
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CEPUFJF	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora
CPAUFJF	..	Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora
Cs	Consciente
Ics	Inconsciente
P.A.	Pinto Amigo
Pcs	Pré-Consciente
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Este estudo tem como objeto o exame de como mulheres heterossexuais se posicionam diante de própria sexualidade, na contemporaneidade. Tem por objetivo verificar se existe qualquer

conflito entre aspirações afetivas dessas mulheres em relação aos relacionamentos amorosos e a vivência dessa sexualidade. Nesse contexto, elas estão saindo de uma perspectiva tradicionalista, na qual as normas mandatórias coordenavam a vida das pessoas, para viverem uma “lógica-indivíduo-centrada”, pela qual se apropriam dos próprios direitos, para formularem suas próprias questões e para viverem a seu bel prazer. Entretanto, ao mesmo tempo, elas acabam sofrendo as frustrações derivadas dessa nova “livre” condição. O objeto será abordado sob as lentes da perspectiva psicanalítica, especialmente a partir dos conceitos axiais formulados pelo próprio Sigmund Freud. Como se poderá perceber, trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo das representações de, aproximadamente, 11 (onze) mulheres na faixa etária dos 33 (trinta e três) aos 43 (quarenta e três) anos de idade e que frequentam casas noturnas na cidade de Juiz de Fora.

Palavras-Chave: Contemporaneidade, Feminilidade, Mulher, Sexualidade

ABSTRACT

This study has as its object to examine how heterosexual women stand themselves before their own sexuality in contemporary days. It has as its objective to verify if exists any conflict

between their aspirations related to their loving relationships and their real sexual life. In this context they are coming out from a traditional perspective, in which mandatory rules coordinated people existence, to live a “individual-centralized-logic” by which they get their own rights to put their own questions and to live them by their own decision. However, at the same time, they have to suffer the frustrations derived from these new “free” conditions. The object will be focused under psychoanalysis perspective, especially under Sigmund Freud’s concepts. As one can see, it is a qualitative, exploratory and descriptive study that about the representations of nearly 11 (eleven) women, that are from 33 (thirty three) to 43 (forty three) years old, and that use to go in night clubs in Juiz de Fora city.

Keywords: Contemporaneity, Femininity, Woman, Sexuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
------------------	----

1. Aspectos Gerais	11
2. Metodologia	18
CAPÍTULO I - UM BREVE PASSEIO PELO TEMPO	24
1. A Afirmação da Mulher na Sociedade Ocidental	24
2. A Afirmação da Mulher na Sociedade Atual	27
3. A Afirmação da Mulher na Sociedade Brasileira	34
CAPÍTULO II – OLHARES DA PSICANÁLISE	42
1. Psicanálise e Sexualidade	42
2. Freud: a Sexualidade e a Sexualidade Feminina	48
3. Esta Dissertação e a Sexualidade Feminina	60
CAPÍTULO III – AS MULHERES FALAM SOBRE A PRÓPRIA SEXUALIDADE ..	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS – INCONCLUSÕES	97
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXO I - Roteiro de Entrevistas	112
ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	115
ANEXO III – Autorização do Centro de Psicologia Aplicada da UFJF	118

INTRODUÇÃO

1. Aspectos Gerais

Ao longo das últimas décadas, as questões referentes à condição feminina permearam, acirrada e continuamente, tanto as discussões acadêmicas quanto as cotidianas.

Desde o final do século XVIII, verifica-se um progressivo interesse pelo conhecimento e reavaliação das reais possibilidades femininas.

De acordo com Kehl (2008), as transformações sociais, tais como os ideais de liberdade e igualdade dos iluministas, disseminados pela Revolução Francesa, a Revolução Industrial, dentre outras, inauguraram uma nova era para a humanidade. Mas, a despeito dos avanços libertários dessas revoluções burguesas, destacados pela autora, a mulher continuou sendo oprimida pelos homens, haja vista que o revolucionário Robespierre mandou guilhotinar Olympe de Gouges, simplesmente porque ela contestou que a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” era um documento que confundia a humanidade apenas com a metade dela, não contemplando os direitos femininos.

Dando um salto no tempo, para chegar à contemporaneidade, não se pode perder de vista que as mulheres, neste intervalo de dois séculos, fizeram várias conquistas, dentre as quais se destaca o advento do uso da pílula anticoncepcional, nos anos 60 do século XX, que permitiram à mulher vislumbrar novas possibilidades até então impensadas, saindo do lugar de filha, esposa, mãe e dona-de-casa (espaço privado), para se engajar em posições anteriormente exclusiva dos homens (espaço público) (Pedro, 2012).

A partir daí, não só a busca pela igualdade de direitos civis passou a figurar no imaginário feminino, mas também o domínio sobre o próprio corpo que, até então, era concebido como um “instrumento” de mera reprodução, ou seja, cuja existência era justificada somente como meio de garantir a perpetuação da espécie. Diante desse panorama, em nenhuma hipótese era permitido à mulher viver, sequer falar, em relações estabelecidas simplesmente pela busca do prazer (Scott, 2012).

Kehl (2008) assinala que as diferenças entre homens e mulheres, constatadas pela realidade anatômica, permaneceram reforçadas e perpetuadas ao longo de sucessivas gerações, estabelecendo uma espécie de senso comum em relação aos papéis, posturas e convicções esperadas de ambos os sexos. A autora usa o termo “naturalização” para nomear o que se tornou uma visão comum, ou seja, uma visão considerada natural.

A força da maternidade alocou a mulher em uma posição de significância restrita, em que este aspecto se mostrava como o mais importante e significativo da existência feminina (Scott, 2012). A maternidade – “do Latim medieval *maternitate*, condição de mãe” (A. Ferreira, 2011, p. 493) – é, ainda nos dias atuais, um fator identificador da mulher, de forte apelo social, que permeia as discussões acerca da identidade feminina e, embora seja

atualmente passível de questionamento e de reavaliação, devido à possibilidade de inseminação *in vitro* (ou artificial), continua fazendo parte do imaginário sobre a concepção do que é “ser feminina”. É o mesmo que afirmar: “a mulher teria uma vocação instintiva para a maternidade” (Neri, 2008, p. 4).

Diante do impasse de almejar novas perspectivas e, ao mesmo tempo, preservar o que até então fazia algum sentido, tendo como fundamento a anatomia feminina, um grande número de mulheres se viu diante do dilema de tentar ressignificar a sua existência. Esse conflito não era exclusividade do contingente feminino, pois em 1925, o criador da Psicanálise Sigmund Freud já havia se deparado com a incapacidade de responder à questão: “o que quer a mulher?” (André, 1994, p. 16); evidenciando que as inquietações em relação à condição feminina de maneira recorrente estiveram presentes nos mais diversos questionamentos sobre a existência humana.

Ao longo da história da humanidade, as mulheres foram marcadas pelo desconforto da tensão entre buscar a liberdade pessoal e responder, ao mesmo tempo, às pressões das convenções sociais vigentes em cada época.

Mais contemporaneamente, muitas mulheres deram passos à frente de seu tempo, questionando o que foi instituído como “feminino” – passividade, recato, receptividade em relação aos desejos dos homens e, a seguir, de seus filhos (Kehl, 2008) – e que não coincidia com suas aspirações subjetivas, iniciando o processo de estabelecimento de novas maneiras de viver a própria condição. Outra parcela da população feminina passou a vivenciar o conflito entre suas aspirações individuais e as convenções socialmente sancionadas, já que as primeiras se constituíam obedecendo à formação individual de cada um, ao passo que estas últimas era ditada, historicamente, pelas relações estabelecidas com o intuito de manter o funcionamento da sociedade.

A afirmação de Simone de Beauvoir em 1949 de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9) passou a ser a bandeira empunhada por uma grande parcela da população feminina que se recusava a aceitar as concepções de gênero tradicionalmente opressoras. Além disso, a falta de um referencial histórico-cultural libertador favoreceu o surgimento do fenômeno da contrafação da libertação, denominado por R. Ferreira (2012) “masculinização feminina”, no qual evidencia-se, por parte das mulheres, a vivência de comportamentos eróticos similares aos comportamentos tidos como masculinos. Esta assunção que inicialmente parecia libertação transformou-se numa faca de dois gumes: se, por um lado, elas sentiram-se realizadas pessoal e profissionalmente, por se equipararem aos homens; por outro lado, foram abaladas pela insatisfação provocada pelo embate cada vez

mais recorrente entre os padrões de masculinidade e feminilidade. Esse embate se torna mais complexo na contemporaneidade por causa da emergência das chamadas “relações de bolso” que, segundo Bauman (2004) consiste na “encarnação da instantaneidade e da disponibilidade sem compromisso” (p. 36), fazendo com que boa parte do contingente feminino passe a assimilar esse comportamento como natural, abrindo uma nova vertente no processo de identificação da mulher.

Diante do exposto até agora, impõe-se repensar a condição feminina, procurando compreender de que maneira a mulher vivencia, na contemporaneidade, sua sexualidade. O interesse da presente pesquisa é, portanto, o de buscar compreender como as mulheres se posicionam diante da própria sexualidade e se há conflito entre suas aspirações afetivas referentes a relacionamentos mais duradouros e a prática de uma sexualidade mais liberada. Esta investigação será feita a partir da verificação dessa possível tensão e, no limite, conflito, na vida de mulheres residentes na cidade de Juiz de Fora.

Cabe ressaltar, no estudo aqui proposto, o que se entende por "masculinização feminina" pode ser traduzido como a expressão referente às alterações apresentadas, nas últimas décadas, no comportamento das mulheres, nos quais elas cultivam atitudes até então consideradas como pertencentes ao universo masculino, tais como: o abandono de padrões de comportamento tidos como românticos, nos quais ganhavam relevo a busca de relações fundadas na afetividade; alta rotatividade na escolha de parceiros sexuais, sendo elas a parte ativa; exposição erótica extremada da própria figura, com o uso de roupas insinuantes, dentre outros. Destaca-se, ainda, o comportamento de "caçadora", no qual a mulher se iguala ao homem nas práticas eróticas (R. Ferreira, 2012).

Cabe, outrossim, identificar, na literatura especializada sobre o assunto, a definição daquilo que se convencionou chamar de sexualidade feminina, buscando também reconhecer, por meio de entrevistas e de material de apoio, como revistas especializadas, jornais e obras, as aspirações afetivas das mulheres, para verificar se há convergência ou divergência entre o seu comportamento erótico atual e as suas aspirações afetivas.

O estudo pretende, também, ao longo da pesquisa instaurar um debate sobre a diferença sexual, inserindo o discurso psicanalítico na discussão travada sobre os saberes relativos à crise de identidade sexual da mulher na contemporaneidade, apostando "na psicanálise como um discurso privilegiado para escutar, na clínica e na cultura, a inscrição de novos processos de singularidade subjetiva e erótica" (Neri, 2002, p. 14).

Uma vez caracterizado o objeto deste trabalho, qual seja, a identificação do eventual conflito entre as aspirações pela libertação feminina, mormente nos aspectos do protagonismo

sexual, e a “perda” das vantagens comparativas de uma vida desenvolvida no universo de uma sociedade em que predomina uma concepção da relação homem-mulher mais tradicional, algumas palavras devem ser ditas sobre o referencial teórico, ou seja, sobre a perspectiva analítica pela qual este objeto foi analisado.

Como se sabe, um referencial teórico tem de ser constituído por três diferentes componentes: (i) fundamentos, (ii) metodologias e (iii) procedimentos.

Esta dissertação tem como fundamentos os conceitos axiais da Teoria da Psicanálise, especialmente os formulados pelo próprio Sigmund Freud, aqui tomada não apenas como técnica terapêutica, mas como verdadeira ciência, aplicável a vários campos do conhecimento humano. Por isso, os principais conceitos dessa teoria serão, mesmo que sumariamente, aqui explicitados.

As ciências têm como ponto de partida a busca por explicações práticas para o que acontece na vida como um todo, inserindo-se como suporte necessário para explicar os problemas que se apresentam na cotidianidade. Sendo assim, a Psicanálise também emerge baseada na prerrogativa de tentar explicar e compreender as doenças psíquicas, tendo como arcabouço, isto é, o eixo estruturante, a teoria das pulsões que se fundamenta na teoria da libido (Reich, 1977).

Inicialmente na Teoria Freudiana havia dois grupos primordiais de pulsão: (i) a de conservação ou do ego e a (ii) sexual, que constituem necessidades fundamentais para os seres humanos.

O princípio fundamental da pulsão é a busca do prazer, evitando, conseqüentemente, o desprazer e o desconforto. Desta forma, a pulsão objetiva eliminar a tensão inicial provocada pela fonte de excitação, lançando mão do usufruto da satisfação, por meio de determinados objetos. Pode-se dizer que a pulsão consiste em uma noção que se situa entre o psíquico e o somático e é regida pelo princípio do prazer que propicia o movimento que permite a transformação do estado das coisas (Freud, 1988 [1923], v. XIX).

No entanto, é preciso ressaltar a existência do princípio da realidade que, de acordo com a concepção freudiana, tende a retardar, adiar ou impedir a realização das pulsões. Este princípio se opõe ao princípio do prazer e pode causar transformações no sujeito pulsional, uma vez que exige dele dar um novo direcionamento às suas necessidades. Cabe ao indivíduo achar meios de satisfazer as pulsões, de modo que elas não contradigam o princípio da realidade. De acordo com essa visão, existe algo que impede a satisfação imediata dos desejos pulsionais que precisam ser modificados para que alcancem um destino razoável ao psiquismo do sujeito (Freud, 1988 [1923], v. XIX). “Na verdade, nunca renunciamos a nada; apenas

trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado” (Freud, 1988 [1907], v. IX, p.136). Já para Arán (2002), “em função do princípio da realidade, a renúncia à satisfação da pulsão leva a uma tensão que provoca a necessidade de deslocamento de energia” (p. 76). Este processo, foi descrito por Freud em *O Mal-estar na civilização* de 1930 como algo que exigia muito investimento por parte do ser humano, sendo capaz de acarretar comprometimentos no psiquismo como um todo. “Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso” (Freud, 1988 [1930], v. XXI, p. 104).

No que diz respeito à libido o termo foi usado por Freud, segundo Roudinesco e Plon (1998), “para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão a sexualidade humana em geral... (p. 471). Este conceito constituiu a base que fundamentou toda a Teoria da Sexualidade desenvolvida de acordo com as concepções freudianas.

A introdução do termo libido, por Sigmund Freud, tornou-se, portanto, o germe de todo o trabalho construído em relação ao entendimento sobre a sexualidade e o desenvolvimento humano. Para ele a libido se constitui como um componente essencial da sexualidade, configurando-se como a fonte do conflito psíquico ao ser reconhecida como parte integrante da pulsão e da relação de objeto.

Ao estabelecer o domínio da libido sobre a vereda da sexualidade, o autor fez desta “o determinante principal da psiquê humana” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 472), dando ênfase à importância do conhecimento dela para um entendimento mais verossímil acerca dos seres humanos de maneira geral.

De acordo com o ponto de vista freudiano, a libido pode ser definida como a energia da pulsão sexual, cuja fonte remete a um processo químico “desconhecido”, que ocorre no organismo a partir da excitação sexual das zonas erógenas e do aparelho sexual. A manifestação dessa energia se dá ao longo de toda a vida do indivíduo, mas, é na puberdade que ela se potencializa, chegando a seu ápice para, posteriormente, declinar com o avanço da idade.

De acordo com a concepção de Roudinesco e Plon (1998) “num primeiro tempo, ele fez da libido uma energia, isto é, a manifestação dinâmica, na vida psíquica, do impulso (ou pulsão) sexual” (p. 473). Nesse momento, quando Freud passou a defender tal posição ele promoveu a dissociação da libido como algo, exclusivamente, pertinente à atividade somática, ressignificando-a como um desejo sexual que procura satisfazer-se por meio da fixação em objetos.

Roudinesco e Plon (1998) esclarecem que, para o ponto de vista freudiano, a libido é “uma dimensão fundamental da pulsão” (p. 473), podendo fixar-se a objetos e, ao mesmo tempo, deslocar-se mudando o alvo de seu investimento ou os propósitos a serem alcançados.

Sendo assim, para a psicanálise passa a ser aceita ideia de que a libido estava ligada a uma pulsão sexual generalizada, rompendo com a noção disseminada pela sexologia de que a mesma era pertinente somente à atividade somática e cujo fim se rogava a genitalidade.

Segundo o criador da Psicanálise, a libido está presente desde o nascimento, passando por diferentes estágios de desenvolvimento, até atingir o estágio da sexualidade genital (Freud, 1988 [1923], v. XIX). Nesse sentido, além de ampliar a noção de sexualidade, agregando-lhe todas as funções geradoras de prazer, mesmo aquelas que não estejam diretamente ligadas ao genital, mas que têm uma natureza sexual, acabou inserindo, no discurso sobre a sexualidade, apesar de todas as resistências da época, a concepção de erotismo anal e oral, ressaltando que ambas são ilustrativas da existência da libido no ser humano que busca sua satisfação por meio das “atividades” prazerosas.

Além do que foi citado anteriormente, faz-se necessário evidenciar outros conceitos pertinentes à Teoria Psicanalítica que dizem respeito à estrutura psíquica em geral, mas que são relevantes na análise do objeto desta dissertação, como os que se seguem.

Em seu texto *O Ego e o Id* de 1923, Freud explicita o conceito de inconsciente a partir da teoria do recalque, destacando que ele é formado por dois tipos de inconsciente: o latente, que é capaz de tornar-se consciente e o reprimido que requer muito trabalho para alcançar as vias da consciência. Nessa parte da mesma obra, o autor descreve três termos que passam a designar a estrutura do aparelho psíquico: o consciente (Cs), o pré-consciente (Pcs) e o inconsciente (Ics). Essa concepção é uma tentativa de compreender o aparelho psíquico em termos topográficos ou de localização dos conteúdos que o compõem. O primeiro (Cs) pertence ao âmbito dos conteúdos que são perceptíveis, capazes de sensibilizar os sentidos e passíveis de compreensão imediata. O segundo (Pcs) diz respeito aos conteúdos ditos latentes, uma vez que, podem alcançar o consciente a qualquer momento, sem que seja preciso esforço para isso. E o terceiro (Ics) constitui o grande achado de Freud, caracterizado por conteúdos que não podem se tornar conscientes, estando, para tanto, sujeitos a uma censura “pré-consciente”, que lhes impede de acessar a consciência. O que permanece no inconsciente é, muitas vezes, a representação de algo e corresponde às experiências vivenciadas pelo sujeito. Freud reconhece que o inconsciente não pode ser tomado única e exclusivamente como o reprimido, embora tudo o que é reprimido seja da ordem do inconsciente (Freud, 1988 [1923], v. XIX).

Completando sua teoria sobre o aparelho psíquico, Freud apresentou o conceito de id, ego e superego. Essas instâncias apresentam, cada qual, particularidades que as diferenciam, sendo entendidas como os componentes da disposição dinâmica do psiquismo humano, capazes de esclarecer o modo peculiar de funcionamento desse aparelho.

Sendo assim, o id configura-se como a instância do inconsciente que é constituída por “um conjunto de conteúdos de natureza pulsional ...” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 399), que se impõe ao sujeito como forças desconhecidas e de difícil controle. Nesse sentido, o id pode ser entendido como “um reservatório pulsional desorganizado, assimilado a um verdadeiro caos, sede de ‘paixões indomadas’ que, sem a intervenção do ego, seria um foguete de suas aspirações pulsionais e caminharía inelutavelmente para a sua perdição” (Roudinesco e Plon, 1998, pp. 399-400).

O ego, por sua vez, é uma instância que procura manter a integridade do sujeito por meio do princípio da realidade tentando dar um destino “apropriado” aos desejos do id, que é regido pelo princípio do prazer. O ego pode ser, portanto, entendido como a razão, o senso comum, divergindo do id que se move pela ótica das paixões (Freud, 1988 [1923], v. XIX). Ao ego é imputada a tarefa de transformar as “vontades” do id em ação, sendo configurado como fruto dos efeitos do mundo real exterior sobre o organismo funcional, estando vinculado tanto ao id (biológico) quanto ao superego (social). Ele seria uma instância intermediária que buscaria equilíbrio entre os apelos biológicos e as imposições sociais.

A terceira e última instância descrita pelo criador da psicanálise é o superego caracterizado como aquilo que corresponde ao que é esperado das pessoas (ideal de eu), denotando a capacidade de se auto-avaliar e a partir daí instaurar as proibições necessárias para que o sujeito corresponda às mais altas qualidades do ser humano (eu ideal). Ele é a chave para a construção da censura moral permitindo aos indivíduos tentarem viver em harmonia com os ditames entendidos como humanamente aceitáveis, revelando o lado superior do homem (Freud, 1988 [1923], v. XIX).

Segundo Freud (1998 [1923]), “o superego não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas” (p. 47).

Marcuse (1981) descreve o processo de formação do superego da seguinte maneira:

No curso do desenvolvimento do ego, outra ‘entidade’ mental surge: o superego. Tem origem na prolongada dependência da criança de tenra idade, em relação aos pais; a influência parental converte-se no núcleo permanente do superego. Subsequentemente, uma série de influências sociais e culturais são admitidas pelo

superego, até se solidificar no representante poderoso da moralidade estabelecida e daquilo a que as pessoas chamam as coisas ‘superiores’ na via humana (pp. 48-49).

No embate entre o ego, o id e o superego existe a possibilidade de se configurarem dois processos: o recalçamento e a sublimação. O primeiro promove a retirada de conteúdos do âmbito da consciência para o inconsciente e isto, em determinados momentos, pode gerar algum tipo de prejuízo para a pessoa. É como se o id quisesse, a todo custo, a realização das pulsões, ou seja, buscar a satisfação dos desejos pulsionais, tentando se impor ao sujeito para que ele satisfaça imediatamente os anseios do id. O segundo seria uma alternativa ao recalçamento – a sublimação, entendida como a capacidade humana de desviar a energia pulsional para um atividade possível do ponto de vista social. O indivíduo se utiliza, portanto, do recalque ou da sublimação como forma de se autoconservar, já que a plena realização das pulsões coloca em risco não só a sua existência social como também a sua integridade individual (Freud, 1988 [1930], v. XXI).

Conforme já afirmado, os conceitos até aqui destacados foram apresentados de maneira sumária, apenas para esclarecer aspectos básicos da teoria freudiana necessários aos propósitos desta dissertação, portanto, suficientes como fundamentos do referencial teórico deste trabalho.

2 . Metodologia

Relativamente à metodologia, este estudo configura-se, particularmente, como uma pesquisa qualitativo-exploratório-descritiva, em suma como uma tentativa de estudar o fenômeno, buscando compreendê-lo, ou interpretá-lo, em termos dos significados (representações) que as mulheres a ele conferem.

Inicia-se com a pesquisa bibliográfica, baseada na literatura psicanalítica, mais especialmente na obra de Sigmund Freud, de modo a apreender a sexualidade feminina nessa vertente teórica.

Bibliografia complementar nos campos da Sociologia e da Antropologia será consultada, no sentido da busca da configuração da fragilidade nas relações interpessoais contemporâneas.

Finalmente, para completar o referencial teórico desta dissertação, é necessário dizer algumas palavras sobre os procedimentos.

A investigação de campo foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas com 11 (onze) mulheres, uma vez que este número se aproximou da amostragem pretendida para satisfação dos critérios estabelecidos no delineamento da pesquisa, que eram 12 (doze) entrevistadas. E por que eram 12 (doze)? A amostra inicial seria composta por mulheres de 33 (trinta e três) a 43 (quarenta e três) anos de idade, subdivididas nos seguintes tipos: solteiras, viúvas, separadas, sendo indiferente para o último tipo serem oficialmente divorciadas. No entanto, todas elas teriam frequentado, pelo menos uma vez casas noturnas. Além disso, considerou-se que cada tipo seria “com filho” ou “sem filho”. Portanto, o universo experimental da pesquisa teria 6 (seis) tipos de sujeitos investigados. Pensou-se inicialmente – ideia abandonada na pesquisa concreta, por definitiva impossibilidade de resposta das mulheres casadas e não frequentadoras de casas noturnas – em um universo de controle, o que daria mais um tipo para cada um dos descritos do universo experimental, totalizando 12 (doze) entrevistadas. Assim, diante da última impossibilidade, a pesquisadora resolveu entrevistar mais mulheres do universo experimental, chegando próximo ao total da amostra prevista no projeto inicial, totalizando 11 (onze) entrevistadas. Na pesquisa concreta, tampouco surgiu qualquer viúva como sujeito a ser entrevistado, ocorrendo uma maior disponibilidade de solteiras. Finalmente, a amostra concreta se compôs de 8 (oito) solteiras e 3 (três) separadas.

Após a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP-UFJF), a pesquisadora foi a campo, constituído por duas casas noturnas de Juiz de Fora, no intuito de coletar a amostra por meio de convite direto às mulheres que as frequentam, observando os critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa.

A escolha das casas noturnas como universo experimental se deveu à hipótese de que, nesses ambientes, os(as) frequentadores(as) além de estarem mais propensos(as) à busca de relacionamentos, parecem adotar um comportamento mais de acordo com os paradigmas contemporâneos, não se enquadrando no modelo tradicional, mormente se se considerar que os sujeitos são mulheres.

Na oportunidade da primeira ida ao universo, foi percebido pela pesquisadora que a proposta inicial de se fazer o convite diretamente às mulheres que estavam frequentando a casa naquele momento, mostrou-se inadequada, pois foi percebida uma certa resistência por parte das pessoas abordadas, as quais mostraram desinteresse em participar do presente estudo. Além disso, esse primeiro contato evidenciou que o tipo de critério utilizado para selecionar as mulheres no local seria dificultador, pois não era possível determinar, a princípio, a idade das escolhidas. Esse fator se mostrou como um complicador para a inclusão

ou não da candidata, pois aparentemente, não era possível avaliar a idade das pessoas e era provável incorrer em erro de prejulgamento por parte da pesquisadora. Diante de tal prerrogativa, a pesquisadora optou por outro método para compor a amostra, conhecido como Bola de Neve. Este consiste numa forma de composição de amostras de pesquisa, na qual os membros são coletados por meio de indicação, ou seja, uma pessoa – geralmente conhecida e que apresenta as características necessárias para ser incluída como sujeito da pesquisa, indica uma ou duas outras pessoas para participar. Dessa forma, cada participante funciona como um pré selecionador dos sujeitos de pesquisa. Esse processo se mostrou mais eficiente, pois estabelecido um primeiro contato, as mulheres iam indicando uma conhecida ou mesmo uma amiga que estava dentro dos critérios estabelecidos para pesquisa – idade, estado civil, ter ou não filhos. Dessa forma, a pesquisa se desenvolveu com mulheres que foram indicadas por outras mulheres e a ida as casas noturnas se tornou elemento dispensável, que não comprometeu o teor da pesquisa nem o objetivo da mesma.

Posteriormente, mediante a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas foram realizadas com um único respondente de cada vez, em locais escolhidos pelas entrevistadas. Optou-se por permitir que as mulheres escolhessem o local da entrevista porque a pesquisadora procurou facilitar ao máximo o acesso das mesmas ao lugar determinado e, ao mesmo tempo, deixá-las à vontade para que o processo transcorresse da forma mais natural possível. Sempre resguardando a necessidade de estar em um ambiente adequado e com infraestrutura suficiente para que as entrevistas ocorressem de forma a assegurar o sigilo e a integridade das entrevistadas.

Sendo assim, as entrevistas não foram realizadas conforme se pretendia no projeto no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora (CPA), localizado na rua Santos Dummont, número 214, Bairro Granbery, uma vez que, embora apresente uma localização central e infraestrutura adequada para acolher as entrevistadas, foi preciso flexibilizar esse processo já que as candidatas preferiram adequar o local às próprias necessidades em função dos horários de trabalho, das responsabilidades com a casa e com os filhos. Portanto, embora o CPA tenha acolhido prontamente a proposta de trabalho e cedido, generosamente, o espaço, o deslocamento até esse local apresentou-se como entrave para a realização das entrevistas. É evidente que foi garantido o sigilo quanto à identificação das mulheres pesquisadas, bem como a possibilidade de se retirar do estudo, a qualquer momento de sua elaboração, se assim o desejassem. Cabe ressaltar que as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora, que teve como base um roteiro semiestruturado, elaborado previamente e que foi composto de tópicos guia, de modo abranger os objetivos delineados no projeto de

pesquisa. Em campo, as interlocuções com os sujeitos da pesquisa foram gravadas, também evidentemente, com a permissão das entrevistadas.

Passo subsequente, as entrevistas foram transcritas em sua íntegra e nelas foram identificados os descritores que permitem a identificação e a análise qualitativa das categorias que respondem às indagações desta pesquisa, segundo a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2000), que consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (p. 42).

O universo da pesquisa foi construído de modo a detectar a opinião (representação) de mulheres de qualquer etnia, cuja faixa etária se estende de 33 (trinta e três) a 43 (quarenta e três) anos de idade, que têm por hábito frequentar, preferencialmente, duas casas noturnas de Juiz de Fora, uma vez que estas representam as mais frequentadas na cidade pelo público que corresponde ao perfil delineado nesta pesquisa.

Neste universo, o fator étnico-racial não foi levado em consideração, porque esse fator parece não interferir na opinião das mulheres sobre o objeto desta pesquisa.

Os limites etários (33 a 43 anos de idade) foram estabelecidos com base na revolução sexual das décadas de 1970 e 1980, que constituíram um divisor de águas para o estabelecimento de novas concepções acerca da condição feminina na sociedade, quer seja no âmbito familiar, quer seja no profissional e das relações sexuais. Optou-se por 33 (trinta e três) anos de idade como limite inferior, porque esta idade corresponde à das mulheres nascidas no ano de 1980 e que, conseqüentemente, são filhas de outras mulheres que vivenciaram a transição dos costumes tidos como “tradicionalistas” para os considerados “modernos” e que, de alguma forma, ainda sofreram interferências e reflexos de uma criação impregnada pelas concepções conservadoras em relação à vivência da sexualidade. Além disso, nessa idade, as pessoas já tiveram oportunidade de alcançar a profissionalização, mesmo nas carreiras de maior longevidade. O limite superior (43 anos de idade) foi escolhido tendo por princípio o nascimento delas por volta de 1970, auge do uso da pílula anticoncepcional, que comemorava dez anos de sua recém chegada ao mercado, e porque ele está dentro do intervalo da fecundidade estabelecido pelos órgãos censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (15 a 49 anos de idade). A fecundidade foi considerada pela pesquisadora como um fator importante para a expressão do imaginário feminino, uma vez que, ainda hoje, a maternidade ocupa lugar de destaque e de investimento por uma boa parte do contingente de mulheres.

Esta dissertação se estruturou nas seguintes partes a seguir explicitadas:

a) Introdução – Nesta parte do trabalho, a mestranda retomou o projeto de dissertação proposto inicialmente, nas suas partes essenciais (objeto, referencial teórico e universo), porém, atualizado de acordo com o desenvolvimento da pesquisa. É evidente que o projeto sofreu modificações, especialmente porque estas são resultantes, como é natural, do aprendizado nas diversas disciplinas cursadas, bem como nos estudos pessoalmente realizados nas bibliografias levantadas e nas orientações recebidas do Orientador Acadêmico.

O recorte do objeto ganhou maior nitidez, sem perder o sentido original da intenção da pesquisadora, que é o de verificar e compreender se há conflito entre as aspirações dos projetos de vida das mulheres entrevistadas e a prática da sexualidade delas em contextos de afirmação da identidade feminina.

O referencial teórico, como pode ser percebido na Introdução já redigida, ficou mais claramente delineado nos seus três componentes: fundamento teóricos, metodologias e procedimentos.

c) Capítulo I - Um Breve Passeio pelo Tempo – Nesta parte da dissertação, desenvolve-se uma sumária linha do tempo, com destaque para o Brasil, relacionada à trajetória histórica das mulheres, com ênfase na afirmação de sua identidade. Para elaboração deste capítulo, a pesquisadora recorreu à bibliografia consagrada na área, especialmente a de caráter historiográfico.

d) Capítulo II – Olhares da Psicanálise - Este capítulo trata dos conceitos da Teoria Psicanalítica, com destaque para perspectiva freudiana, sem desprezo de outros pensadores psicanalistas da mesma corrente. Esta abordagem tem por finalidade esclarecer conceitos de feminilidade e sexualidade, tomados, nesta dissertação, como categorias de análise do comportamento possivelmente ambíguo das mulheres sujeito desta pesquisa. Esta ambiguidade, como se verá, está instalada na hesitação entre desejar o conforto de uma vida burguesa, porém marcada pela submissão feminina, e a própria libertação feminina.

e) Capítulo III – As Mulheres Falam sobre a Própria Sexualidade. Este capítulo contém a identificação das categorias mencionadas no capítulo anterior, as subcategorias em que elas se desdobram e seus respectivos descritores, bem como a análise de conteúdo desses componentes no imaginário das mulheres entrevistadas.

f) Considerações Finais – Inconclusões. Essa parte da dissertação apresenta as conclusões a que conseguiu chegar a pesquisadora. No entanto, certamente, foram reveladas, também outras questões que ficarão provisoriamente sem resposta, mas que poderão ser

respondidas em ulteriores pesquisas, seja da própria pesquisadora, seja de outrem, motivado em dar prosseguimento a este trabalho.

Como é da exigência acadêmica, a dissertação se estruturou tendo cerca de uma dezena de páginas pré-textuais; uma bibliografia, relacionando tanto as obras citadas quanto as consultadas sem figurarem expressamente no texto; os anexos, constituídos por: (i) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e (ii) roteiro de entrevistas, (iii) autorização do Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora.

CAPÍTULO I

UM BREVE PASSEIO PELO TEMPO

1. A Afirmação da Mulher na Sociedade Ocidental

É evidente que as assimetrias entre homem e mulher não se deram inicialmente na sociedade ocidental, mas, certamente, já na pré-história, conforme estudos considerados clássicos na historiografia e entre antropólogos. No entanto, a discussão minuciosa e mais profunda deste tema escapa aos limites desta dissertação. Por isso, considerando como algo

dado, iniciar-se-á, neste trabalho, a análise dessas dissimetrias na emergência da sociedade ocidental, a partir da chamada Idade Média.

Bauer (2001), em um estudo sobre a *Breve história da mulher no mundo ocidental* destaca que, desde a sociedade feudal nos séculos IX e XIII, as diferenças entre homens e mulheres já eram marcadamente enfatizadas. Juridicamente, não havia igualdade entre homens e mulheres e estas estavam irrevogavelmente subordinadas àqueles, quer fosse ele seu marido, quer fosse seu pai ou irmão.

Em relação às possibilidades de ascensão social, a ocupação econômica dos homens estava vinculada, durante toda a sua vida, pelo seu próprio nascimento, ao passo que as mulheres tinham como referência para a própria ascensão, além das origens familiares, as distinções do marido, por meio do casamento.

As divisões de trabalho também eram marcadas pelas diferenças, sendo os postos mais qualificados e reconhecidos socialmente destinados ao contingente masculino; “já as mulheres se ocupavam primordialmente das lides domésticas e outras tarefas desvalorizadas socialmente” (Bauer, 2001, p. 31).

Ainda segundo Bauer (2001), por intermédio do casamento, os religiosos tentaram não só controlar e disciplinar a sexualidade, como também estabelecer um poderoso veículo de controle do comportamento social. Na concepção dos clérigos, dentro da relação matrimonial, aos homens eram reservados o governo e a direção, enquanto que às mulheres cabia a submissão, sem falar que deveriam reverenciar e obedecer a seus maridos, serem “suportadas” e jamais abandonadas por eles, salvo em função de adultério. A maternidade, reconhecida pela capacidade de gerar filhos, permitia à mulher uma ascensão moral, garantindo-lhe um lugar entre os demais familiares.

Na época da Inquisição, a sexualidade feminina era rigorosamente reprimida e muitas mulheres foram acusadas de comportamentos anormais, sendo condenadas e arderem nas fogueiras (Bauer, 2001).

No mundo ocidental, a transição da sociedade feudal para a moderna trouxe consigo, como grande marco, o humanismo renascentista caracterizado pelo racionalismo, pelo equilíbrio e pela busca de clareza, o que possibilitou o aparecimento de uma nova visão de mundo centrada no homem, fortalecendo, portanto, o antropocentrismo em lugar do teocentrismo medieval (Kehl, 2008).

Embora, todas essas transformações e inovações tenham impactado de maneira significativa as sociedades, de acordo com as concepções de Bauer (2001), elas pouco

influíram na cotidianidade das mulheres, que passaram a ser alocadas no “... lugar [situado] entre as ‘sagradas paredes do lar’” (p. 51).

O fortalecimento da sociedade capitalista, que se deu por volta dos séculos XVII e XVIII, propiciou o aparecimento de uma nova classe dirigente – a burguesia. No seio do novo tecido social, consolidou-se a família nuclear, caracterizada unicamente pelos pais e pelos filhos. Esta nova organização provocou repercussões decisivas tanto no estabelecimento de um conjunto diferenciado de tarefas que deveriam ser desempenhadas pelas mulheres, quanto na concretização das concepções acerca da figura da mãe, do amor materno e da infância, semeando ainda noção da mãe responsável e dedicada aos filhos, que ecoaria na vida e na condição da mulher contemporânea. Neste panorama, é concebível inferir que, ao final do século XVIII, tornou-se evidente as dicotomias existentes entre a realização de tarefas ditas masculinas e as femininas, salientando-se a retirada estratégica da mulher do mercado de trabalho para assistir, prioritariamente, às demandas decorrentes da educação, do cuidado dos filhos e do desempenho das tarefas domésticas (Pedro, 2012).

A mulher no domínio privado conservou os valores de solidariedade e partilha. Milenarmente ela tem sido educada para o altruísmo e o cuidado, pois, se o bebê não tiver à sua disposição alguém completamente altruísta, ele não dura um dia sequer (Muraro e Boff, 2010, p. 11).

No que diz respeito ao contingente masculino, era esperado que ele trabalhasse fora, ganhasse um salário e, conseqüentemente, assegurasse o sustento da família. Esta visão contribuiu para legitimar o domínio do espaço “público” pelos homens, banindo as mulheres para o espaço “privado”, no qual ficavam restritas todas as questões inerentes ao sexo e à reprodução. “A família era o templo do privado e à mulher era confiado o rito sagrado da reprodução” (Bauer, 2001, p. 106).

As mudanças ocorridas no âmbito ideológico, econômico e social contribuíram para o florescimento de uma nova época: a contemporânea. Marcada pelo advento da Revolução Industrial, que operou profundas transformações na organização social e política do final do século XVIII, ela não foi capaz de atingir de forma significativa a condição feminina, uma vez que as mulheres eram tidas como minoria dentro da força de trabalho representativa das populações das sociedades industrializadas.

Foi somente a partir do século XX que as mulheres começaram a ocupar, de forma mais efetiva, o campo do segundo setor da economia, o da produção industrial, tendo como propósito complementar a renda familiar, em decorrência das dificuldades econômicas vivenciadas pelas famílias. Além disso, o desencadeamento das guerras mundiais

promoveram a inclusão maciça das mulheres no mercado de trabalho, resultando na imposição de uma dupla jornada de trabalho, na qual lhes eram imputadas não só as atividades exercidas nas unidades do sistema produtivo, como também os afazeres domésticos, tornando quase imprescindível que elas se apresentassem como protagonistas multifacetadas. Embora este tenha sido um dos primeiros passos para a confirmação da importância da contribuição da mulher para a construção da sociedade, é facilmente constatável, por meio de relatos devidamente documentados, que a mulher, ao longo da história da humanidade, se viu dominada pelos conceitos e preconceitos de um sistema masculino que, recorrentemente, lhe surrupiou as condições de um desenvolvimento integral próprio. Para melhor explicitar essa manobra, pode-se constatar que às mulheres sempre faltaram os instrumentos de construção de uma produção intelectual feminina e, quando foram capazes de tê-los, a despeito de todos os obstáculos, impediu-se-lhes o acesso aos canais de comunicação de suas produções, tornando-as aderentes ao conteúdo e aos traços da cultura masculina, na qual a sua constituição feminina se viu atrelada à vontade e traduzida pelos homens. Este é um dos aspectos mais importantes de qualquer processo de libertação humana: alguém se liberta integralmente de outrem somente quando é capaz de construir o conhecimento sobre si mesmo (Bauer, 2001).

Os movimentos feministas de 1960, que tomaram carona nos ideais difundidos pela célebre frase de Simone de Beauvoir, de 1949 – “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9), surgiram como fortes aliados no combate ao mal-estar feminino em relação à insustentável discriminação verificada no âmbito econômico, social, cultural, jurídico e sexual, dentre outros, promovendo uma maior visibilidade desses aspectos. De fato, um problema só começa a ser resolvido quando ele é identificado, percebido, visibilizado, podendo, assim, contribuir “para minar as imagens tradicionais de mulher, ampliando perspectivas e multiplicando os destinos individuais” (Pinsky, 2012, p. 515).

2. A Afirmação da Mulher na Sociedade Atual

Para Joana Maria Pedro (2012), “é o movimento feminista que também afirma que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza, mas sim fruto da cultura e, portanto, passíveis de transformação” (p. 241). Entretanto, o grande marco para a emancipação da mulher se deu com a invenção e popularização dos métodos contraceptivos. Dentre eles, pode ser destacada a pílula anticoncepcional que, no ano de 1958 foi inventada para, apenas dois anos depois, ser comercializada em larga escala, propiciando, a uma grande

parcela da população feminina, apoderar-se de seu corpo e, conseqüentemente, da sua própria sexualidade. Assegurou-se, desse modo, a primeira tentativa de separação definitiva entre a sexualidade e a reprodução, com o aval das ciências médicas. Por causa dessa verdadeira revolução, “concepcional”, nos dois sentidos da palavra, entrou em cena uma nova maneira de “ser feminino”, em que a maternidade passa a ser questionada como destino irrevogável e qualificador para todas as representantes do gênero feminino, ampliando seu leque de escolhas em relação ao que fazer com o próprio corpo e com a própria vida (Pedro, 2012).

Segundo Arán (2003), “a possibilidade de arbítrio sobre o próprio corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutora foi, sem dúvida, uma das principais conquistas das mulheres” (p. 404).

Seguindo essa mesma ótica, Badinter (1986) adverte que desse momento em diante: “Ela pode recusar a fazer o filho que ele deseja, como também procriar contra a vontade dele, na verdade reduzi-lo ao seu papel biológico de inseminador, sem que ele jamais saiba que é pai” (p. 200).

Paralelamente, passou a fazer parte do cenário social a convivência, lado a lado, de fórmulas conservadoras e progressistas. As primeiras apregoavam, reiterada e radicalmente, as condutas desejáveis para os cidadãos e cidadãs considerados(as) “sérios(as) e responsáveis”. As segundas denotavam a transformação dos costumes, em busca de uma maior equidade e liberdade, ampliando-se os sinais de inconformismo tanto em relação à superioridade masculina em detrimento da feminina, quanto à discriminação sexual que situava a mulher em um *locus* de menor valia.

Na visão de Pinsky (2012), eram cada vez mais recorrentes as falas sobre a “ampla liberdade sexual” para as mulheres, sobre o “amor livre” (sexo sem casamento), ou sobre o “relacionamento aberto” (sexo sem compromisso de fidelidade com um parceiro), o que disseminou a desmistificação da virgindade como uma obrigatoriedade a ser perseguida ao longo de toda a existência pela mulher. Nestes novos tempos, a imagem da mulher mudou radicalmente, tendo sido germinada uma nova identidade pela possibilidade de praticar o sexo sem risco de ser acometida por uma gravidez indesejada e pela abertura pública ao questionamento de antigos valores, como a fidelidade feminina e a dupla moral no trato da sexualidade masculina. A mesma autora destaca ainda que:

Na nova realidade que se instaurava (não sem traumas e ambigüidades), fazer sexo antes (e mesmo sem) o casamento não seria mais suficiente para comprometer a reputação das mulheres; pelo contrário, aos poucos, o acesso à informação e a busca do prazer passariam a ser considerados ‘direitos’ da mulher (p. 517).

Os antigos padrões de relacionamento, nos quais cabia ao homem tomar a iniciativa para o estabelecimento de uma relação sexual, começaram a ser repensados, ou já não se configuravam como condição *sine qua non* para a construção de uma vida a dois. Também passou a ser socialmente aceito que às mulheres também competia o direito de seduzir um rapaz e a livre manifestação de seus desejos, sem que isso lhe custasse amargar as discriminações imputadas pelos costumes tradicionais (Pinsky, 2012).

Logicamente, havia ainda aqueles que não viam com bons olhos essas novidades. Contudo, de um modo geral, principalmente entre os jovens, começava a despontar uma nova mentalidade defensora dos direitos iguais para homens e mulheres, no que se refere às experiências de prazer sexual. Elas passaram a ser defendidas como práticas comuns, naturais e saudáveis, que devem estar adstritas ao campo das opções pessoais e que se caracterizam como componentes da “vida feliz”.

Gradativamente, toda uma cultura erótica foi entrando em campo e dando voz para que o sexo ingressasse na arena social, convocando as mulheres para tomarem para si as responsabilidades de vivenciar atividades sexuais seguras, salientando o direito feminino ao “prazer sexual livre e seguro” e, ao mesmo tempo, incentivando a procura pelo autoconhecimento. Estava mais do que na hora de construir uma mulher real, capaz de gerir sua felicidade e controlar a própria vida (Carmo, 2011).

Para Pinsky (2012), no entanto, o modelo de “boa mãe” nunca chegou a ser contestado com tanta veemência quanto foram os outros valores e costumes tradicionais. Ainda hoje, vigora, no imaginário feminino, esse modelo como um paradigma a ser perseguido, não como uma imposição “natural”, mas como uma escolha pessoal, que continua marcando a crença no controle do próprio corpo.

Na visão de Lipovetsky (1997):

O facto de o lugar preeminente das mulheres nos papéis familiares se manter não se deve unicamente a factores culturais e atitudes ‘irresponsáveis’ masculinas, mas é também devido às dimensões de sentido, de poder e de autonomia que acompanham as funções maternas (p. 251).

Foi um longo percurso até se conseguir que houvesse um deslocamento das imagens femininas dos estereótipos tradicionais para outros mais liberais. Contudo, mesmo com esse avanço, que viabilizou uma maior permissividade no exercício da sexualidade feminina, mantiveram-se preservados os traços de uma cultura tradicionalista como constitutivos de um

modelo norteador dos relacionamentos, dentre os quais se destacam, a exigência de relações heterossexuais e as diferenças em relação às concepções de gênero, em que o masculino prevalece como referência, revelando a manutenção das hierarquias entre homens e mulheres. Sendo assim, pode-se depreender dessa constatação que “... serão necessárias várias gerações para que se realize uma revolução dos costumes” (Badinter, 1986, p. 227).

Priore (2013) defende a tese de que, nas últimas décadas, as mulheres passaram a apostar tudo no gozo, que passou a vigorar como “sinônimo de prazer, alegria, bem-estar e volúpia” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 299), sem aventarem para o fato de que este poderia escravizá-las. Ou seja, apostaram numa espécie de tentativa para escapar dos ditames das antigas repressões, tornando-se vítimas em prol de um ideário que legitimava a atividade sexual indiscriminada como algo libertador. Em outras palavras, as mulheres passaram a aceitar as investidas masculinas como forma de justificar a sua libertação, fazendo com que o sexo de proibido se transfigurasse, passando a ser obrigatório, numa verdadeira “ditadura do orgasmo” (Carmo, 2011, p. 338).

Neste sentido, as mulheres, ao mesmo tempo que almejam os benefícios de se reconhecerem como mulher, passaram a se sentir descontentes com relação à realização de sua própria feminilidade, que se viu enredada em relacionamentos superficiais e efêmeros, guiados por impulsos que, embora se soubessem serem transitórios, acalentavam a esperança de que não deixariam ocorrer as consequências capazes de impedir novos momentos de prazer.

Para Lipovetsky (1997):

Elas haviam acreditado numa vida sexual sem tabus nem compromisso profundo mas, no final de contas, o resultado acaba por ser tudo menos satisfatório quando o amor não está envolvido: o sexo isolado, sem investimento emocional convirá talvez aos homens, mas não corresponde aos desejos profundos das mulheres (p. 33).

No que diz respeito ao contingente masculino, os homens também se percebem desnorteados diante dessa nova concepção de mulher, pois se sentem despatriados de posições referentes à identidade até então, conquistada.

Doravante libertas, as mulheres estão mais acessíveis enquanto parceiras sexuais mas, ao mesmo tempo, mais intimidantes, mais ameaçadoras para o homem. Muitos são os homens que já não compreendem o que as mulheres esperam deles. Se se mostram protectores e conquistadores, são apelidados de machistas; se se coíbem, elas deploram o ‘desaparecimento dos verdadeiros homens’. Desamparados face às ‘novas mulheres’ independentes, que se recusam a viver à

sombra dos homens, estes estariam actualmente ansiosos, fragilizados, desestabilizados na sua identidade, inquietos quanto às suas capacidades viris (Lipovetsky, 1997, p. 54).

Bauman (1998) ressalta que “o presente discurso sexual propaga o ‘esfriamento’ da interação humana e sua libertação de todo o sabor erótico (e, mais generalizadamente, afetivo) – em suma, sua nova e mais radical ‘impessoalização’” (p. 189). O autor advoga ainda que, dos encontros sexuais, não é possível contabilizar nenhum resultado, salvo o próprio sexo e as sensações que o acompanham, sugerindo que hoje existe uma espécie de divórcio entre o sexo e a busca pela constituição da família.

Para Lipovetsky (1997) as pessoas deixaram de se guiar pelo *slogan* “amar até enlouquecer” para assumir o “desfrutar sem entraves” (p. 27).

De acordo com as concepções de Bauman (2004), hoje, na “modernidade líquida”, é muito recorrente optar-se pelas chamadas “relações de bolso”, que geram a sensação reconfortante de que não é necessário mudar o próprio rumo, nem investir tanto de si, a fim de manter o relacionamento intocável por um longo período de tempo. A qualquer momento, existe a possibilidade de se colocar a relação “no bolso”, sem que isso gere algum tipo de comprometimento ou exija investimento e excesso de intimidade.

Se o Outro é a causa de nossa insatisfação, nós o deixamos. Vale mais a pena cultivar seu Ego do que sufocar um aspecto de sua personalidade. Se não sabemos nos fazer amar como somos, em compensação, estamos sempre prontos a nos amarmos com paixão (Badinter, 1986, p. 267).

Nesse tipo de encontro, acredita-se que, de alguma maneira, a própria integridade está assegurada. Considerando que qualquer tipo de relação, na qual convivem duas pessoas diferentes, incide certo grau de insegurança, que sinaliza uma ameaça constante para ambas, optar por essas chamadas “relações de bolso” parece atender a uma necessidade íntima das pessoas, na atualidade. Encontros sem compromisso, instantaneidade e fluidez se configuram como antídotos que faltavam nas relações; algo a ser buscado de forma frenética e sem critérios. As pessoas nutrem a ilusão de que, procedendo dessa maneira, estarão no controle e, portanto, não precisam se atormentar com uma inoportuna insegurança gerada no convívio íntimo com o outro, que sempre se apresenta duvidoso e imprevisível (Bauman, 2004).

Buscar relações livres, nas quais o sexo pode ser praticado sem restrições ou amarras, parece configurar uma aspiração que habita o imaginário coletivo, há algum tempo. Ter prazer, alegria e felicidade, sem que para isso precise pagar o preço das restrições, do medo e de seus efeitos colaterais, é, sem dúvida, estimulante. No entanto, o autor ressalta o custo de

todo esse processo, sendo que um deles é a preocupação de manter essa forma de relacionamento da maneira desejada, ou seja, correspondendo ao modelo de uma estrutura que, na verdade, não se tem. Nas palavras do autor, “voar suavemente traz contentamento, voar sem direção provoca estresse” (Bauman, 2004, p. 64).

Essa afirmativa parece contradizer tudo o que se pretendeu alcançar com todos os movimentos em busca da emancipação feminina – sexo livre e vivência do prazer que não atendesse a um padrão rigoroso, até então vigente. Entretanto, o que Bauman procura demonstrar, nesta mesma obra é que qualquer escolha, que tenha como pressuposto a insígnia do desejo, por mais simples que pareça, requer perdas, ganhos e o mínimo de expectativa capaz de nortear a rota a ser seguida. São esses os pressupostos básicos para que não se desperdice muito tempo, buscando algo que, ao final, nem se sabe o que é. Ele toma emprestada a palavra do terapeuta Volkmar Sigusch para retratar as queixas mais comuns, em decorrência dos relacionamentos atuais:

Todas as formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falsa felicidade de que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde pelo amor livre... Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição... As *performances* substituíram o êxtase, o físico por dentro, a metafísica, por fora... A abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão igualmente distantes da livre vida da sensualidade que nenhum de nós conhece (citado por Bauman, 2004, p. 64).

Essa passagem ilustra a “desilusão” a que estão fadados os relacionamentos da era da “razão líquida” (Bauman, 2004, p. 65), na qual o corpo, marcado pelo sexo como fenômeno físico, tem que sobreviver a fardos supérfluos, avulsos e inúteis, tornando-se sobrecarregado e, ao mesmo tempo, incapaz de realizar as expectativas a ele direcionadas.

A razão líquida enxerga os envolvimento duradouros como opressores, incapacitantes e capazes de gerar uma espécie de alienação que submete as pessoas ao desejo do outro. É como se perder de si mesmo, não conseguindo se reconhecer dentro da relação.

Na mesma ótica, Lipovetsky (2004) argumenta que chegamos à pós-modernidade, na qual institui-se a exacerbação dos desejos subjetivos, da realização individual e do amor-próprio. Fomos tomados pelo que o autor denominou como a “era do vazio” (Lipovetsky, 2004, p. 23), disseminando o hedonismo individual, a busca de emoções e prazeres e a superficialidade dos vínculos, que parecem ter contagiado todo o conjunto social.

Badinter (1986) ressalta que o “capitalismo do Ego” (p. 268), vigente na atualidade, exige que se cultive e se desenvolva mais e mais as potencialidades individuais de cada um,

apostando-se na autonomia do Ego como se ele fosse o provedor absoluto do prazer, da felicidade e da glória o que acirra ainda mais a certeza na importância de investir em si mesmo a despeito de qualquer outra coisa. O fato de não se amar acima de todas as coisas é algo tido como mortal o que propicia o forte incentivo à procura pelo conhecimento de si mesmo e da capacidade de se auto suportar como valor supremo da existência.

Segundo a visão *badinteriana* a ordem do dia gira em torno da máxima de que as pessoas precisam se amar, deixar fluir as mais íntimas características de si mesmo e acima de tudo gozar, gozar muito.

Nesse sentido, “... a permissividade tira da paixão seu motor mais poderoso. Ao admitir que o coração não está mais fora da lei, mas acima dela, pregou-se uma peça no desejo” (Badinter, 1986, p. 281).

Além disso, neste contexto, as relações intersubjetivas perdem valor já que o outro é visto como vazio em consistência, desinteressante e destituído de qualidades que o tornem desejável. Perpetua-se uma moral egocêntrica, na qual acima de tudo e de todos está o amor a si mesmo. A capacidade altruística vê-se fortemente associada às recompensas que possam advir da relação com o outro, ou seja, as relações são estabelecidas tendo como meta a inflação do próprio Ego.

No que concerne às mulheres, Lipovetsky (2004) é defensor da ideia de que não se deve nutrir as discussões em torno da permanência de certos referenciais conhecidamente tradicionais, como se a busca da equidade entre os sexos não tivesse levado sua lógica até o fim. Afirma:

Mas é preciso entender que, se certas normas sociais ou funções tradicionais reservadas ao feminino se mantiveram, foi porque a lógica individual as reciclou, com as mulheres tendo-se apropriado delas a fim de auferir mais felicidade privada e não porque aquelas normas e funções constituíssem um resquício arcaico do qual, segundo as feministas, seria preciso ver-se livre (Lipovetsky, 2004, p. 14).

Essa nova ordem sentimental repousa menos sobre os valores coletivos e mais na aspiração profundamente individual de construir uma identidade, na qual se prioriza a realização pessoal, que se sacraliza no gozo sem proibições e que se coloca acima de tudo, recusando a se sujeitar, a renunciar a qualquer tipo de desejo que, quando não satisfeito, possa causar frustração ou culpabilização.

Na sociedade atual, a sublimação dos impulsos sexuais e sua concomitante repressão, defendida por Freud como condição essencial para a ordem e para o arranjo social, parece ter caído em desuso ou está passando por severas modificações. A sociedade tem ofertado uma

gama de objetos sexuais e uma multiplicidade de formas de gozo, na tentativa de fazer com que as pessoas sublimem seus impulsos não somente em prol de uma coletividade, mas em troca de garantia da própria existência.

Em todos os tempos, contudo, parece haver o consenso sobre as mulheres quererem ser amadas e desejadas, construindo sua identidade por meio do olhar do homem, que continua a deter o poder de decidir quem ele escolhe: a liberta ou a libertina (Priori, 2013).

Lipovetsky (2004) acrescenta:

Ainda que as uniões sejam mais frágeis e mais precárias, nossa época, apesar de tudo, testemunha a persistência da instituição do matrimônio, a revalorização da fidelidade, a vontade de contar com relações estáveis na vida amorosa. Observam-se mais insatisfações ou frustrações referentes às experiências sem futuro, do que odes aos amores casuais (p. 74).

Para o autor, esta sociedade hipermoderna em que vivemos dá uma espécie de nova vida à exigência de permanência, de equilíbrio duradouro, como contrapeso ao reinado do efêmero, que tem causado tanta dor, tanta frustração, tanta ansiedade.

3. A Afirmação da Mulher na Sociedade Brasileira

Na história da sociedade brasileira, os valores patriarcais estiveram presentes desde os tempos coloniais e nortearam o modo como deveriam ser conduzidas as vidas nessa sociedade. A ideia da submissão feminina fazia parte do consenso e se reservava à mulher papéis identificadores bem definidos e vinculados à posição de filha, esposa e mãe. A princípio, ela devia obediência ao pai e aos irmãos, caso os tivesse e, posteriormente, seria submetida aos mandos do marido, quando contraísse núpcias. Seus projetos individuais e a manifestação de eventuais desejos estavam fortemente atrelados ao grupo familiar e por ele condicionados, quando não determinados. Cabia à mulher zelar pela felicidade da família, colocando como primeira ordem do dia o bem-estar do cônjuge e dos filhos. Em relação ao sexo, ele deveria ser “tolerado” em nome da procriação – destino inarredável de todas as mulheres (Scott, 2012).

Na visão de Scott (2012), para os homens, no entanto, vigorava uma dupla moral, asseguradora das inevitáveis “puladas de cerca”, tidas como a possibilidade de exercer a própria sexualidade da maneira como bem entendessem. Pode-se perceber que o Brasil

colonizado pela sociedade europeia sofreu forte influência dos valores difundidos por aquela sociedade, fazendo com que as pessoas apresentassem um comportamento diferenciado diante da sexualidade masculina e da sexualidade feminina, acentuando, de forma explícita, a diferença entre os gêneros.

Prado e Franco (2012) destacam que, no Brasil, os movimentos feministas provocaram abalos expressivos na maneira pelas quais as mulheres significavam sua existência. As referidas autoras afirmam que, nesse momento, ganhou relevância o nome de Nísia Floresta, que lutou a favor da capacitação intelectual das mulheres, acreditando ser essa a maneira mais eficiente de garantir, ao contingente feminino, tomar consciência de suas reais capacidades. Nísia trouxe para o Brasil o livro *A Vindication of Rights of Woman*, da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, publicando sua tradução em 1832, intitulada *Direito das mulheres e injustiça dos homens*¹. Tornou-se grande estudiosa das questões relacionadas às mulheres brasileiras, trazendo notoriedade aos costumes vigentes e tentando subverter a ordem estabelecida. Ela sempre defendeu que as mulheres tinham um papel extremamente significativo dentro dos ditames ditos tradicionais e que deveriam assumi-los de maneira integral pois, “cumprindo suas ‘obrigações naturais’, as mulheres conseguiriam obter uma ‘grande ascendência’ sobre os homens, fazendo com que eles, ao invés de as colocar em papel secundário, reconheceriam ‘o proveito real que podem obter dessa importante parte da humanidade’” (Prado e Franco, 2012, p. 207). Nesse sentido, é possível inferir que a autora era adepta da ideia de que o governo do mundo está diretamente ligado “à mão que balança o berço”, uma vez que, atuando junto aos filhos, a figura da mãe pode influenciar de forma indelével as transformações ao longo do tempo. Nesta perspectiva, o melhor a fazer era investir na educação da mulher, dando-lhe suporte intelectual para que ela pudesse se reconhecer enquanto sujeito capaz de modificar a história.

Nísia acreditava que, sendo as primeiras educadoras dos homens, as mulheres deveriam estar sempre bem informadas, a fim de promoverem mudanças significativas capazes de alterar a hierarquia de poder nas relações entre os sexos, ou seja, “exercendo a influência sobre os homens, as mulheres podiam não só educá-los, mas também, ‘regenerá-los’ acabando com os preconceitos deles em relação a elas” (Prado e Franco, 2012, p. 207). Os “dons naturais” femininos passam a ser reconhecidos como poderosas armas de poder

¹ Como é sobejamente conhecido, a “tradução” de Nísia foi, na realidade uma adaptação, ou, em outras palavras, uma espécie de versão da obra da feminista inglesa, na medida em que Nísia introduziu reflexões próprias, de acordo com as conveniências de sua luta no Brasil.

sobre os homens, os filhos e, conseqüentemente, a sociedade. Se a mulher soubesse usá-los a seu favor, eles certamente significariam a garantia de um papel de destaque na vida social.

Chegando ao final do século XIX, com o advento da República, as mulheres brasileiras deslocaram o alvo de suas aspirações para as novas propostas do movimento feminista que, com Berta Lutz, inauguraram o conceito de emancipação feminina. Esta líder feminista se formou bióloga na Sorbonne e foi uma das primeira mulheres a pleitear, em solo brasileiro, uma posição no serviço público no Museu Nacional do Rio de Janeiro. As ideias dela giravam em torno da necessidade de ser conferido, à mulher, o direito primordial de trabalhar, “pois propicia às mulheres os meios de subsistência, livrando-as de uma ‘dependência humilhante para elas’ e ‘nefasta para os homens’, e favorece o amadurecimento da personalidade feminina, ajudando a ‘disciplinar a vontade e educar o pensamento’” (Scott, 2012, p. 220). A partir daí, as concepções sobre a fragilidade física e as limitações intelectuais da população feminina foram os principais alvos atacados por esses movimentos em prol da mulher. As feministas não tinham como bandeira a alteração de papéis, mas a igualdade de direitos civis para homens e mulheres. Mais do que questionar posições, elas desejavam afirmar sua feminidade, sem que, para isso, tivessem de abrir mão da sua participação na sociedade. Não pretendiam, portanto, uma inversão de papéis sociais tradicionais, mas sim, uma aproximação entre homens e mulheres (Soihet, 2012).

Somente a partir do século XX esses valores começaram a ser abalados, apresentando novos contornos, nos quais a vontade dos indivíduos, no que diz respeito aos relacionamentos, começou a ser considerada. As mulheres passaram a ter o direito de escolher com quem gostariam de se casar. Afinal, o autoritarismo não era mais viável em um país que se modernizava.

A ideia de amor romântico se propagava como algo a ser conquistado dentro do casamento, que se tornava reconhecido pelo Estado e pela Igreja. Corroborando estes princípios, os discursos médicos se apropriaram das ideias legitimadas na Europa em torno da união entre amor e sexo, promovendo transformações no modo de como as pessoas passaram a orientar suas vidas (Bauer, 2001).

Amparada pelo Estado, pela Igreja e pelo discurso científico, a intimidade torna-se valorizada, ressaltando a preocupação de reiterar a privacidade do lar como local adequado de aconchego e proteção.

Dentro dessa visão, recaiu sobre a mulher a exigência da correspondência dela às aspirações da sociedade, que lhe imputava a responsabilidade da dedicação aos filhos, priorizando-lhes os cuidados pessoais, a educação moral e os afazeres domésticos. O modelo

de família burguesa, que vigorava nesse momento da sociedade brasileira, passou a servir de parâmetro norteador das relações entre homens e mulheres, sendo considerado mais “civilizado” por permitir, a elas, a opção por uma relação resultante de sua própria escolha, sem qualquer imposição. Contudo, em relação aos papéis masculinos e femininos, ainda era perceptível a hierarquização entre marido e esposa, com o primeiro sempre à frente da chefia da casa e a segunda como sua dependente.

De maneira geral, as manifestações feministas se situavam em torno dos direitos de cidadania em geral. Contudo, em 1960, aterrissa, no Brasil, o movimento feminista da “Segunda Onda”, no qual são discutidas questões que extrapolam a igualdade dos direitos civis, fazendo incursões no campo da sexualidade, do corpo e da violência contra as mulheres. O principal lema é: “as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza, mas sim fruto da cultura e, portanto, passíveis de transformação” (Pedro, 2012, p. 241). Como, nessa época, o acesso a informações sobre o corpo e o prazer sexual era praticamente restrito, as ativistas tornaram comum a formação de grupos para discutir esses assuntos, dando prioridade à sexualidade. Encontros dessa natureza difundiram-se por todo o país, permitindo que germinassem os primeiros locais, onde era dado à mulher a posse de uma voz que, durante muito tempo, se manteve silenciada, amordaçada pela dominação masculina.

Segundo Carmo (2011), o Brasil, na segunda metade do século XX, começa a sofrer uma série de transformações derivadas da intensa migração do campo para a cidade e da expansão expressiva do processo de industrialização. Os espaços da sociabilidade, como cinema, trabalho e passeios ao ar livre, surgem de maneira acelerada, permitindo que as pessoas tivessem contatos mais próximos e pudessem estabelecer relacionamentos de caráter mais afetivo. Diante dessa nova forma de funcionamento, pais e ou responsáveis passaram a nutrir uma forte preocupação em relação ao comportamento dos jovens. Ao contingente feminino era dispensada uma vigilância redobrada, para que elas não se “perdessem” diante da liberalidades oferecidas e comprometessem o futuro casamento, idealizado pelos pais como finalidade a ser alcançada pela(s) filha(s).

No Brasil, nos idos de 1964, a tradicional família brasileira era tida como um ideário a ser perseguido ao longo de toda a existência feminina e as mulheres que, por acaso tentassem fugir a essa regra, eram mal vistas socialmente. Scott (2012), no entanto, ressalta que algumas mulheres tentaram se livrar das imposições relativas tanto ao matrimônio, quanto à constituição de uma família, como no caso de Leila Diniz que, em 1969, defendia, a plenos pulmões, o amor livre e o prazer sexual para as mulheres. Em entrevistas concedidas a jornalistas brasileiros, ela tocou em temas cuja discussão era rigidamente proibida em público,

tais como: virgindade, sexo livre e “casos” com homens casados. As atitudes dela provocaram repercussões sociais e foram usadas como bode expiatório para a instituição, por parte dos governantes da época, “da lei de censura prévia à imprensa, apelidada de ‘Decreto Leila Diniz’” (Scott, 2012, p. 24).

Para Carmo (2011), Leila representou o resultado de uma longa linhagem de mulheres que lutaram nos anos de 40 e 50 do século XX pela independência feminina e que, à sua maneira, anteciparam-se em relação à moral vigente, numa tentativa de disseminar a quebra de tabus.

Esse período, entretanto, ainda era regido por um falso puritanismo, capaz de acobertar o que acontecia no interior dos lares burgueses, em decorrência da sexualidade reprimida: adultério, incestos, perversões, paixões proibidas e preconceitos. Além disso, foi uma época marcada pelo surgimento de uma espécie de comportamento denominado “inflação sexual” (Carmo, 2011, p. 339), que se caracterizava pela vivência sexual livre de compromissos. A máxima defendida pelos seus adeptos era “transar” à vontade sem sequer pensar na mínima hipótese de estabelecer um vínculo mais duradouro. Os seguidores deste tipo de comportamento tinham verdadeira aversão a vínculos mais profundos e se esforçavam para que o pacto de não adesão ao compromisso sério fosse tomado como lema nos relacionamentos. Apesar de essa época apresentar os primeiros rumores em torno de questionamentos a respeito da condição feminina, foi somente no final da década de 1960 e de 1970, que as mulheres brasileiras colocaram em pauta questionadora os valores cultuados pela sociedade e as ideias vigentes. Gradativamente, elas foram requerendo, para si, a participação no mercado de trabalho, o acesso à educação, o direito de decidir se queriam ter filhos e quando, bem como a possibilidade de estabelecer relacionamentos afetivos, socialmente reconhecidos. Pode-se inferir que houve a instituição do sexo casual, no qual se buscava a plena realização do desejo, sem que isso levasse a comprometer a individualidade das pessoas.

Carmo (2011) ressalta que, na mesma época, surgiram as questões relativas à “contracultura unissex” (p. 338), na qual se verifica uma verdadeira inversão dos valores e dos costumes difundidos na sociedade brasileira. Seus principais lemas giravam em torno, dentre outras, das máximas: “Faça amor, não faça guerra”; “Ereção, insurreição”; “Amai-vos uns sobre os outros” (p. 338).

Ainda na concepção de Carmo (2011), é a partir desse momento que o sexo e o prazer passam a vigorar de maneira incisiva sobre a vida dos brasileiros e das brasileiras, estabelecendo o que ele decodificou como a “ditadura do orgasmo” (p. 338). O sexo tomou

uma dimensão excessivamente acentuada, sendo disseminado aos quatro cantos como fator preponderante da saúde individual. Para ser considerada uma pessoa saudável, era preciso que a vida sexual estivesse em dia e, nessa verdadeira corrida sexual, as mulheres passaram a buscar o sexo sem restrições.

Embora esse momento possa dar a impressão de um aumento de liberdade sexual, a sociedade brasileira permanecia marcada por um relativo conservadorismo, escamoteado pela “falsa” difusão, por parte do contingente feminino, de posturas tidas como liberadas. As mulheres, mais uma vez, viram-se aprisionadas no padrão sexual que era divulgado, passando a se confessar, no âmbito público, liberadas e assumidas. Entretanto, na intimidade, elas seguiam padrões tradicionais de comportamento.

Aqui, é importante ressaltar que a sexualidade apresenta, também, uma vertente política, sendo, portanto, um reflexo do que acontece na sociedade. Não há como negar que as relações íntimas acabam por desmistificar padrões socialmente sancionados, legitimando o modo como as pessoas administram sua sexualidade.

Para Scott (2012), as mudanças efetivas com relação à mulher surgiram a partir de 1980, quando emergiu um fenômeno identificado, pela autora, como a “reinvenção da mulher” (p. 24), que ecoou sobre o desempenho dos papéis femininos, tanto sociais quanto na família.

Essa transformação já tinha sido cogitada pelas mulheres da década de 1970. Elas acreditavam que novos ventos soprariam a favor da libertação feminina e que as filhas delas conseguiriam ocupar posições igualitárias junto aos maridos na sociedade conjugal. Esse desejo, no entanto, só se concretizou com a Constituição de 1988, que teve grande importância para as mulheres brasileiras, pois tornou legal a isonomia entre homens e mulheres quanto ao quesito “sociedade matrimonial”. A partir daí, as mulheres passaram a ver, com menos naturalidade, os relacionamentos que lhes impediam viver os próprios desejos, ambicionando, cada vez mais, lutar pelas próprias conquistas.

Na sequência, a saída para o mercado de trabalho passa a ser vista como algo “natural”, desde de que esse movimento fosse o reflexo das atividades exercidas pela mulheres no âmbito domiciliar, pois, dessa maneira, a função exercida continuaria a autenticar as representações sociais a que se via submetida. A tentativa de abertura, na verdade, se mostrou paradoxal, uma vez que sugeria o surgimento de uma suposta “liberdade”, mas, ao mesmo tempo, mantinha a figura feminina associada à imagem do lar, aprisionando-a na chamada “dupla jornada”, gerando mais desgaste tanto físico quanto psíquico para as mulheres. Ao longo de todo esse processo, pairou sobre as mentes femininas

o conflito antagônico entre buscar novos horizontes, ou se voltar para as paredes seguras do ambiente familiar (Scott, 2012).

De qualquer forma, algumas atividades que atualmente soam corriqueiras, tais como, ir ao cinema sozinha, dirigir carros, sair desacompanhada, frequentar faculdades e competir em pé de igualdade com os homens, sem restrições, são frutos de uma lenta conquista feminina.

Segundo Carmo (2011), para algumas estudiosas, que se dedicaram à compreensão das questões relacionadas à sexualidade feminina na sociedade brasileira, como Rose Marie Muraro, existia, aqui, uma sexualidade de classe e um corpo de classe. Neste sentido, a pesquisadora feminista constatou que a forma como a classe média se comportava diante da sexualidade divergia, em muitos pontos, em relação ao comportamento da classe burguesa. Na primeira, existia uma maior permissividade, vivenciada no contexto de menos interditos e preconceitos. Além disso, verificou que, nos meios urbanos, alguns tabus, como a virgindade e o aborto, começavam a ser abalados, promovendo-se a associação entre amor e sexo que transformaria, de forma definitiva, o duplo padrão de moralidade característico do fundamento machista tradicional. No entanto, ressalta que, nos idos de 1983, ainda era comum encontrar mulheres que se submetiam ao sexo, simplesmente, para satisfazer os desejos do marido ou do companheiro. Muitas desconheciam o próprio corpo e se alienavam no desejo do outro, não aceitando de forma natural a masturbação como modo de usufruir o prazer solitariamente e investiam no padrão homem/mulher como modelo mais aceito e inteligível de relacionamento, mesmo que ele não lhes proporcionasse a satisfação esperada.

No Brasil, entre os jovens, ainda hoje, é possível constatar resquícios de um modelo de sociedade fundamentado no patriarcado, no qual é exigido o recato à mulher e, aos homens que demonstrem, desde cedo, conhecimento das artimanhas sexuais. Assim sendo, muitas mulheres, na atualidade, preservam a ideia de que o homem seja um exímio conhecedor das atividades sexuais, esperando que ele demonstre toda a sua *expertise* no tema, quando se relacionam sexualmente, cabendo a elas um papel passivo (Carmo, 2011).

Com a grande divulgação em torno do sexo, a população feminina passou a investir mais acirradamente na busca de parceiros para o exercício de sua sexualidade. Os encontros eventuais tornaram-se, a seu modo, aceitos socialmente e foram profetizados como os grandes aliados para uma vida saudável e feliz.

O Brasil, que sempre figurou como o país de moral sexual flexível diante dos supostos padrões rígidos europeus, passou a construir uma “psiquê nacional” (Carmo, 2011, p. 404),

que interfere diretamente no modo de pensar a sexualidade dos brasileiros e das brasileiras, adotando uma postura mais flexível e liberada.

Nesse ínterim, surge a Síndrome da Imonodeficiência Adquirida (SIDA)², ou AIDS, “como um castigo dos Deuses”, irrompendo sobre toda a sociedade, que se vê novamente às voltas com o impasse de regular e vigiar os comportamentos sexuais. Agora, entretanto, não é preciso atuar de forma punitiva e repressora sobre os corpos, como era feito no patriarcado, mas de modo a proteger e prevenir, porque da punição encarregar-se-á a própria AIDS.

Os discursos sobre a doença insistiam em profanar as práticas sexuais destituídas de critérios e incutiam nas pessoas o medo da contaminação. Como consequência, a busca pelo autocontrole da sexualidade passou a ser perseguida de maneira frenética, revelando a fragilidade das relações.

A doença se configura, então, como forte dispositivo social de regulação da sexualidade e qualquer pessoa (homem ou mulher) que se declarasse portadora da doença estava se autodeclarando como uma pessoa de práticas sexuais mal vistas aos olhos da sociedade. Nesse contexto, insistia-se em associá-la a uma minoria praticante de sexo inseguro. Os primeiros alvos foram a infidelidade conjugal e os grupos homossexuais. Com o passar do tempo, tornou-se, cada vez mais recorrente, jovens e mulheres comprometidas serem surpreendidos pela doença. Entre os primeiros era de se esperar o aumento da incidência da AIDS. Afinal, durante anos, as pessoas lutaram pela liberdade sexual a qualquer preço e a sociedade ainda estava atrasada com relação à conscientização da importância do sexo seguro. O mais curioso, entretanto, foi constatar que, mesmo mantendo padrões de fidelidade, por meio das uniões estáveis, mulheres de todas as classes sociais se viram às voltas com a contaminação por seus parceiros. Isso revelou que, no Brasil da década de 1980, prevalecia a mesma dupla moral da época patriarcal mais conservadora, dando aos homens o “direito” de viver sua sexualidade como bem entendessem (Carmo, 2011).

Aos poucos, os grupos considerados “de risco” foram se alargando, passando a exigir, novamente, uma transmutação das condutas quanto ao quesito sexualidade. “Sexo sim, mas sexo seguro”, era o lema da nova geração.

Hoje, no Brasil, pratica-se mais sexo. No entanto, do ponto de vista da sexualidade, muito se perdeu em termos de qualidade erótica, sendo muito frequente o uso de subterfúgios para se garantir uma *performance* satisfatória (Carmo, 2011).

² Mais conhecida no Brasil por sua sigla derivada da denominação em inglês, AIDS, de *Acquired Immunodeficiency Syndrome*.

Fala-se muito – e poucos o compreendem – que o pleno exercício da sexualidade requer mais do que a realização de um ato físico. Ele movimenta todo um processo psíquico de sensações, sentimentos e emoções que, nos dias atuais, estão sendo altamente negligenciados. O que se verifica, então, é um descontentamento geral, principalmente por parte do contingente feminino, que continua às voltas com o ideário de construir relações estáveis fundamentadas no afeto mútuo.

Evidentemente, mudanças ocorreram, mas quando o assunto esbarra na sexualidade da mulher, ainda há muito o que se conquistar e estamos longe de alcançar a sua total aceitação.

CAPÍTULO II

OLHARES DA PSICANÁLISE

1. Psicanálise e Sexualidade

Segundo Serge André (1994), quando Freud busca compreender o que quer a mulher, está interessado em desvendar o que está para além da materialidade da carne, colocando em segundo plano a importância da diferença anatômica entre os sexos. Assim, a realidade do sexo não está inscrita por meio da representação do órgão anatômico. “A anatomia pode bem distinguir dois sexos, mas nem por isso deixa de ficar muda quanto à determinação daquilo que faz a virilidade ou a feminilidade” (p. 190).

Este autor acrescenta que o sexo feminino não é reconhecido no início das incursões freudianas na sexualidade, pois a teoria psicanalítica é *a priori* falocentrada, concebendo apenas a existência ou a ausência do falo. Nesta perspectiva, o que se acentua é a prerrogativa “tem falo/não tem falo”, diferentemente da lógica “com falo = homem”; “sem falo = mulher”.

O sexo feminino permanece não descoberto tanto para a menina, quanto para o

menino, que só reconhecem a existência ou a ausência dele. Segundo André (1994), pela visualização do genital feminino, o homem não reconhece o sexo feminino, mas a castração. Estava ali e foi retirado, ou está, mas não é visível. Inicialmente a mulher seria tida com o um pequeno homem, que deverá se submeter a um longo processo de transformação pessoal para tornar-se mulher. Esse caminho perpassa dois pressupostos básicos: trocar o objeto de amor (a mãe pelo pai) e trocar de sexo (substituir o clitóris pela vagina).

Para o mesmo autor, o que conduz a menina a se inserir no propósito da busca de sua identidade feminina não é resultado de algo natural, mas de um mecanismo psíquico inconsciente e cultural. Ela se dirige ao pai como objeto de seu interesse por acreditar que a mãe lhe negou o falo, privando-lhe de algo que foi injustamente dado ao menino. A princípio, a menina rejeita a mãe, culpando-a pela falha e dirigindo-lhe todo seu ódio. Posteriormente, a menina reconhece que a mãe também não possui o órgão desejado e passa a se identificar com ela, voltando-se para o pai, que imagina ser capaz de dar-lhe o que a genitora não fora capaz de lhe dar. Para a menina, não existe um traço identificador da feminilidade que possa tomar como referência. A única coisa que a aproxima da ideia de haver algo diferenciado entre ela e o menino é a presença/ausência do falo. A menina constata que o pênis é o signo de uma identidade sexual da qual se vê privada. “A identificação fálica só faz sublinhar a exclusão do ser feminino da representação” (André, 1994, p. 181).

Birman (2003) ressalta que a sexualidade ocupa lugar de grande relevância na constituição do sujeito, de acordo com o ponto de vista psicanalítico. Desde suas origens, a Psicanálise foi identificada como um discurso, que se inscreve no social, fundamentado no sexual. Segundo este autor, a Teoria Psicanalítica fundada na sexualidade contribuiu para que ela fosse identificada como “pansexual”. De acordo com esta perspectiva, ela seria tida como uma área do conhecimento que via a sexualidade em tudo, mesmo em coisas que não apresentavam qualquer cunho erótico. Ainda segundo ele, essa visão simplista certamente colaborou para que houvesse distorções significativas nos conceitos dessa perspectiva teórica e, de certa forma, para a banalização do que Freud considerava uma das mais relevantes contribuições do discurso psicanalítico para a leitura da sexualidade.

De acordo com o discurso psicanalítico freudiano, a sexualidade apresenta um caráter polissêmico, agregando uma multiplicidade de significados e, por isso, para ser analisada e compreendida, requer um amplo leque de referenciais. Neste sentido, a busca do entendimento do que é sexualidade exige a incursão numa ampla gama de noções, conceitos e concepções. Por isso, a sexualidade guarda uma complexidade que se sobrepõe à superficialidade das interpretações que vulgarmente se propagam na sociedade.

A ratificar esta afirmação, Birman (2003) explicita que, para abarcar todo o conceito de sexual que perpassa o discurso psicanalítico, é preciso mergulhar no universo de significados que se imbricam e que dão sentido à palavra “sexualidade”. Ele destaca ainda que, para se compreender a complexidade deste conceito de acordo com o ponto de vista freudiano, é necessário desvendar quais os eixos de leitura que foram percorridos por Freud para que ele pudesse tecer a complexa trama da sexualidade. O mesmo pensador acrescenta que essa verdadeira epopeia teórica torna-se condição *sine qua non* para o entendimento da ideia freudiana sobre o campo sexual, que divergia acentuadamente do discurso da Sexologia Ocidental, por volta da segunda metade do século XIX.

A Sexologia sempre procurou enfatizar a construção da sexualidade como objeto da ciência, sendo esta conduta extremamente valorizada e legitimada, por se apropriar da noção de rigor que, constantemente, perpassa o conceito de cientificidade. Socialmente ela foi vista com bons olhos porque “assegurava” a credibilidade de conceitos que mantinham a concepção de sexualidade alicerçada no poder convencedor da ciência, já que, desde o século passado, na sociedade ocidental, era tradição a tentativa de construir uma *scientia sexualis*.

Birman (2003) destaca que, contrapondo-se à cultura ocidental, existiam outras tradições que se fundamentavam em uma *ars erótica* que se distanciava, vertiginosamente, da noção de ciência do sexual. Ele, contudo, não pretende associar à Psicanálise a responsabilidade de representar a arte erótica no Ocidente, pois isso, na sua visão, seria um equívoco. O autor ressalta que a Psicanálise é portadora de uma teoria própria, capaz de fazer uma leitura adequada e oportuna da sexualidade e, portanto, não precisa para isso buscar sustentação a partir de parâmetros científicos e tampouco da filosofia. A partir disso, é preciso reconhecer que a Psicanálise tem um campo teórico singular que não representa uma ciência da sexualidade, nem uma arte erótica. Ela emerge e transita entre dois pólos – *scientia sexualis* e *ars erótica* –, mas não se confunde com eles, apresentando uma originalidade na construção de seus “registros teóricos, éticos e estéticos” (Birman, 2003, p. 19).

Cabe ressaltar que as sexologias, baseando-se no conceito de ciência, empreenderam todos os esforços possíveis para associar a sexualidade ao registro do comportamento. Para elas, haveria, no âmbito do sexual, padrões de comportamento recorrentes que poderiam ser delimitados e nomeados pelo saber científico e que passariam a vigorar como universalmente aceitos. Neste viés, a Sexologia e a ciência andam de mãos dadas, quando se trata de delimitar aquilo que invariavelmente se repete tanto no comportamento dos indivíduos, quanto em relação à sua consciência. Nessa busca por dar sentido ao conceito de sexualidade, a Sexologia, juntamente com a ciência, procura agregar, ao comportamento, outros registros

que possam, de alguma maneira, contribuir para as concepções que defendem. Dentre eles, destacam-se o biológico, o psicológico e o social, sendo que o primeiro geralmente é considerado, pelo discurso da Sexologia, como o mais fidedigno, quando o assunto diz respeito à sexualidade.

Partindo dessa visão, Birman (2003) advoga que as sexologias podem ser consideradas como discursos “biologicistas” da sexualidade e passam a ocupar os *loci* de ciências do comportamento sexual.

A partir desse ponto de vista, tendo posse do que considera invariável no comportamento humano, a Sexologia passa a instituir normas sociais sobre a sexualidade, tornando-se exímia representante da *scientia sexualis*.

Para se constituir como teoria, a Psicanálise precisou romper com a Sexologia presente no Ocidente, na segunda metade do século XIX, uma vez que esta última se alicerça na vertente reprodutiva.

Segundo Kraft-Ebing (1958 [1887], citado por Birman, 2003, p. 20), idealizador da Sexologia, a sexualidade humana estaria *a priori* a serviço da reprodução da espécie e seus outros atributos, como o desejo e o prazer, seriam irrelevantes, ou no mínimo secundários, submetendo-se a prioridade da reprodução. Diante desse ponto de vista, a sexualidade se viu fortemente atrelada à genitalidade e tudo o que extrapolasse esse modo de realização estabelecido para o pleno exercício da sexualidade, ganhava o sentido de monstruosidade, aberração, não sendo, portanto reconhecido e nem aceito pelo senso comum. Ao disseminar essa visão sobre a sexualidade humana, seu idealizador colaborou para que fosse formulada uma série de normas que passaram a fazer parte das concepções difundidas no Ocidente, desde o Cristianismo, relativas ao modo de vivenciar a sexualidade. Dessa forma, a Sexologia atendia perfeitamente aos ideais tradicionais da religião católica, que pregava a doutrinação do erotismo em nome da reprodução e dos ideais do amor familiar. Sentir prazer e gozar passaram à categoria de menor significância, sendo encarados como desqualificadores do comportamento humano. É nesse viés que surge a noção de sexo vinculado ao pecado que, portanto, deveria ser vigiado e, se necessário, punido. Essa interação entre a Sexologia e as ideias do Cristianismo permitiu que se solidificasse, no imaginário social, as concepções que reforçam a ideia de “pecaminosidade” ligada ao sexo.

Embora Kraft-Ebing (1958 [1887], citado por Birman, 2003, p. 20) tenha produzido suas concepções na segunda metade do século XIX, o que acabou dando uma certa “cientificidade” à conotação ética negativa do sexo, é bom lembrar que a ideia de pecado a ele vinculada e, no limite, a criminalização do sexo, já vinha desde a Idade Média, ou mesmo até

de antes, como explica o historiador Faramerz Dabhoiwala, em sua volumosa obra *As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual* (2013).

Na contramão dessa vertente de pensamento, a Psicanálise se insere como defensora da sexualidade pela via do prazer e do gozo. Na perspectiva freudiana, a reprodução biológica seria uma possível consequência da exercício sexual, mas sua existência não se limita, nem tampouco pode ser tomada como uma decorrência automática desse exercício. A Psicanálise propõe a ressignificação do conceito de sexualidade, questionando a exigência reprodutiva que lhe era imputada pelos discursos vigentes, retirando-a do registro concreto do comportamento e potencializando novas possibilidades de encaminhamento de sua vivência (Birman, 2003).

Para dar esse ressignificado à sexualidade e removê-la definitivamente do plano do comportamento, Freud se aproxima do senso comum e da tradição mito-poética, acreditando que eles continham os signos que dariam conta da desmistificação das ideias que construíam as concepções sobre o entendimento da sexualidade.

Freud justifica ter adotado esse posicionamento por acreditar que poderia apreender o psiquismo humano, bebendo nas fontes poéticas e nas tradições literárias, ao invés de se inspirar nas tradições científicas. Ao aproximar-se do discurso poético e do senso comum, a Psicanálise promove uma transformação que marcará de maneira indelével o próprio discurso da ciência em geral.

Como a clínica psicanalítica se origina a partir do discurso histórico, essa transmutação do lugar conferido à sexualidade, permitiu a Freud considerar que o corpo, na histeria, só seria passível de interpretação a partir da “representação corporal presente no imaginário social e não no registro anatômico” (Birman, 2003, p. 21).

De acordo com a visão freudiana, a sexualidade seria algo da ordem da fala e da linguagem, sem esquecer, contudo, que o erotismo se inscreve no corpo. Nesta perspectiva, haveria, na fala, uma economia do gozo e do desejo que andariam alinhados com o registro do comportamento sexual. Essa afirmação permitiu à Psicanálise unir-se ao que é revelado sobre o sexual nos locais que se diferenciam, vertiginosamente, dos laboratórios ditos “científicos”.

Freud ultrapassou, de forma perceptível, os laboratórios que se debruçavam sobre o comportamento, quando permitiu, pelo método da associação livre, que os sujeitos falassem o que lhes viesse à cabeça, uma vez que são as experiências aparentemente sem significado que fornecem a matéria-prima necessária para o desenvolvimento da literatura e da arte, fortes aliadas na fundamentação da Psicanálise. Ela permite inferir que a sexualidade se inscreve, primeiramente, na fantasia, sendo esta a sua principal fonte de inspiração. Sem a fantasia não

haveria possibilidade de a sexualidade se transformar nas diversas formas comportamentais, sendo essa, portanto, podendo ser entendida como caminho fundamental que conduziria ao elo final de uma longa cadeia de relações que se interpenetram e que, em suma, constituem o comportamento. Esta afirmação permite constatar que, de acordo com a visão freudiana, o sexo seria um dos últimos efeitos alcançados pela sexualidade.

Birman (2003) enfatiza: “Essa ênfase conferida ao registro da fantasia indica o lugar psíquico onde a sexualidade se esboça e se materializa, para se desdobrar então no registro do corpo” (p. 22).

É na fantasia que o desejo se modela, formando um corpo pulsional que difere, substancialmente, do corpo somático e do organismo, ultrapassando o registro biológico da vida. A descoberta da existência de um corpo pulsional pode ser considerada uma das mais importantes contribuições da Psicanálise ao erotismo.

Aqui, é possível perceber a existência de um paradoxo entre o registro do corpo e o registro organismo/somático, já que o erotismo pode se contrapor à ordem natural da vida, que associa a sexualidade ao registro da reprodução biológica.

De acordo com a concepção freudiana, por meio do erotismo, o sujeito poderia colocar a vida em risco, já que o registro biológico da vida, invariavelmente, é acometido pelas pulsões. Sendo assim, não é possível dissociar o psíquico do corporal, pois ambos interagem enquanto aparato legal da sexualidade. Não é demais repetir que, para melhor compreender a sexualidade, Freud partiu em busca do esclarecimento do que se passava com a mulher histérica, que se apresentava como uma forma doente (conversões), sem uma materialidade aparente que justificasse seu estado, ou seja, ela não apresentava nenhuma lesão corporal. Seguindo seu caminho como pesquisador, lançou a hipótese de que havia algo na histeria que apontava para um aprisionamento do sujeito nos impasses sexuais que, de alguma forma, impossibilitavam-lhe o gozo e o prazer. De acordo com essa visão, esse processo levaria à produção de sintomas variados que estariam diretamente ligados à sexualidade (Cruz, 2002).

Pela via da fantasia, o sujeito seria capaz de apresentar uma atividade sexual a qualquer momento de sua existência, sem que isso invalidasse ou implicasse a reprodução sexual. Na visão freudiana, esses dois aspectos ligados à sexualidade – fantasia e reprodução – coabitam na subjetividade de maneira autônoma.

Segundo as concepções freudianas, a sexualidade estaria presente na origem das perturbações psíquicas. Nesse momento, o discurso freudiano emerge com a ideia de que o prazer e o gozo se inscrevem na base do erotismo, tornando-se sua mola propulsora e sua finalidade. Ele dá à sexualidade uma nova acepção que é da ordem do desejo.

Sendo assim, “aquilo que caracterizaria o sujeito seria justamente a possibilidade de desejar, sendo essa a marca insofismável do seu ser” (Birman, 2003, p. 30).

Para Freud, o desejo se decodifica como fundamento primordial do inconsciente e, conseqüentemente, do sujeito. É sob esta ótica que o projeto humano se viabiliza e a individualidade se manifesta como produtor de uma ordem dentro da história.

Ao conceituar a sexualidade como polimorfa, busca esclarecer a multiplicidade de formas de existência e de apresentação por meio das quais ela pode se manifestar. Neste sentido, o sexual tem como instrumento de satisfação um leque variado de objetos, sendo que o parceiro do outro sexo se torna apenas uma das possibilidades dentre os mencionados objetos eróticos disponíveis. Neste aspecto, seria um equívoco acreditar que a sexualidade se restringiria à busca de um único alvo: genitália do sexo oposto, banalizando, deste modo, a importância dela na constituição subjetiva do sujeito. Cabe ressaltar, no entanto, que de acordo com Freud, a genitália não perdeu sua função relevante na sexualidade e, por isso mesmo, sua importância na análise dela, sendo incorporada a um conjunto mais amplo de articulações eróticas.

A partir daí, o corpo sexual passou a ser dividido naquilo que Birman (2003) denominou “territórios eróticos”, mas que, em Freud, foi definido como “zonas erógenas”. Essas regiões teriam como *locus* a superfície do corpo, sendo, portanto, a fronteira entre o exterior e o interior, fazendo contato com os outros corpos e denunciando a descontinuidade dos corpos pulsional e físico, suas fendas e suas rupturas. Por meio do erotismo, o sujeito persegue, a todo custo, a completude do corpo, numa tentativa de preencher a distância entre o “dentro” e “fora”. Embora, à primeira vista, a constatação de incompletude possa gerar a impressão de algo aniquilador para o sujeito, ela trabalha em prol da constituição subjetiva do mesmo, pois de acordo com Birman (2003), “seria então a incompletude do corpo do sujeito que empurraria este de maneira fatal para os braços do outro, pois precisa desse outro de forma inapelável para a experiência da satisfação e do gozo” (p. 35).

Cabe, nesse universo de discussão, destacar o conceito de pulsão, que remete a uma força constante imposta ao psiquismo pela vinculação ao corpo e que requer, por parte do sujeito, um forte trabalho individual para dominar a excitação por ela provocada e a própria irrupção concreta e desordenada dela na vida real.

Sendo assim, a pulsão pode ser definida “como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 628).

Embora a teoria de Freud sobre a perversão e a homossexualidade tenha ligações muito próximas com essas considerações, esta dissertação não tratará desses conceitos, porque escapam aos limites dela, cujo foco é a sexualidade feminina de sujeitos heterossexuais.

2. Freud: a Sexualidade e a Sexualidade Feminina

No texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1989 [1905]), Freud se dedica ao entendimento da sexualidade, procurando destacar os principais aspectos imbricados no desenvolvimento desse aspecto essencial da vida do ser humano.

O referido autor destaca que um dos aspectos significativos para a compreensão da sexualidade adulta, geralmente negligenciado, é a existência da pulsão sexual na mais tenra idade. Para ele todo aquele que deseja obstinar-se na busca pela compreensão do universo sexual é preciso ter em mente que não se deve esquecer da presença do pressuposto fundamental da sexualidade - a pulsão sexual, que está vigente desde os primeiros anos da infância.

Seguindo essa linha de pensamento é preciso destacar que não nos lembramos, na vida adulta, das primeiras manifestações da pulsão sexual infantil porque somos acometidos por uma amnésia que “... encobre os primeiros anos da infância ...” (Freud, 1989 [1905], p. 163) e pode se prolongar até o intervalo dos 6 aos 8 anos de idade, mas “temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância” (Freud, 1989 [1905], p. 163). Sendo assim, ele defende que as primeiras impressões deixam rastros profundos em nossa vida anímica e acabam por determinar nosso desenvolvimento futuro.

A explicação encontrada por Freud (1989 [1905]) é que essa amnésia tem repercussões na vida adulta porque na vida psíquica existe um acervo de traços mnemônicos que se tornaram inacessíveis pela via do recalçamento, mas que, de alguma maneira, ficaram armazenados e acabam influenciando o modo como o indivíduo conduz a própria sexualidade. Nesse sentido, pode-se dizer que a chamada amnésia infantil acaba por ocultar os aspectos primários da vida sexual, cujas impressões embora sejam passíveis de sofrer uma série de repressões, permanecem registradas em uma instância do inconsciente, influenciando como se processará o desenvolvimento ulterior de cada ser humano.

Essa afirmação reitera a importância de agregar o conhecimento sobre as reminiscências da fase infantil para o entendimento da sexualidade como um todo.

Suspeita-se que o recém-nascido traga consigo os germes das propensões sexuais que são sumariamente suprimidas ou suspensas, já que as primeiras manifestações da vida sexual de uma criança podem ser observadas em torno dos 3 ou 4 anos. Dentre elas, segundo a perspectiva freudiana, destaca-se em um primeiro momento a dedicação da criança ao ato de chuchar, o qual consiste na repetição rítmica da atitude de sugar com a boca sem objetivar a nutrição. Em um momento posterior, evidencia-se o autoerotismo configurado pela presença da pulsão que não está dirigida a outras pessoas e/ou objetos, mas para si mesmo, para o próprio corpo.

Durante o período no qual o infante se dedica ao sugar – parte do corpo ou objeto, essa atitude é caracterizada como a possibilidade de retomar (reviver) a sensação prazerosa que a criança vivenciou ao sugar o seio materno. Neste instante, a boca ganha ares de zona erógena se revestindo com a capacidade de “saciar” as primeiras manifestações das investidas sexuais infantis.

Destaca-se, ainda, que no chuchar há três características que demarcam o caráter sexual desse ato: ele nasce tendo como suporte funções somáticas vitais, desconhece o objeto sexual, sendo portanto autoerótica e o alvo sexual está sob a guarda de uma zona erógena (boca).

Resumidamente, Freud (1989 [1905]) destaca que desenvolvimento sexual infantil origina-se tendo como pressuposto uma necessidade orgânica – a fome, por exemplo. Por isso a boca se torna a primeira zona erógena que exerce fundamental importância nesse processo. Somente mais tarde os seres humanos se voltam para si mesmo evidenciando o autoerotismo.

Segundo o autor a atividade autoerótica, exercida ao longo dos primeiros anos de vida, mostra-se indiferenciada para ambos os sexos, sendo que nas meninas esta se configura como eminentemente masculina, uma vez que nelas o clitóris adquire importância similar ao pênis para o universo masculino. Nesse sentido o clitóris equipara à glândula acentuando sua importância para o pleno exercício da sexualidade feminina. Em um momento posterior ocorrerá a transferência da zona erógena clitoriana para a região da vagina que se vê incitada a entrar no jogo da sexualidade pela via da excitação do clitóris. O autor observa:

Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas, assim como as lascas de lenha resinosa podem ser aproveitadas para atear fogo a um pedaço de lenha mais dura (Freud, 1989 [1905], p. 208).

A transferência de dominância de uma região corporal para outra está intimamente ligada à natureza da feminilidade, reconhecida pela psicanálise como “normal” e, principia o exercício adulto da sexualidade.

É preciso esclarecer, as zonas erógenas são entendidas como “... uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (Freud, 1989 [1905], p. 171). Além disso, deve-se compreender que essas áreas são descobertas, tornando-se conhecidas por mérito das estimulações capazes de despertar a sensação de prazer, ou seja, uma parte do corpo será tida como uma zona erógena se for estimulada de forma adequada a ponto de desencadear sensações prazerosas.

Dessa forma, é possível inferir que o alvo da pulsão sexual infantil é a busca de satisfação que se principia pela estimulação da zona erógena apropriada. O que acontece é, provavelmente, a criança já vivenciou essa sensação em um momento anterior e tende a repeti-la em outras ocasiões, isto é, o lactante tende a buscar situações que possam lhe proporcionar novamente aquela sensação experimentada e sentida como agradável.

Geralmente essa busca orienta-se a partir do surgimento de uma tensão que preconiza a expectativa de uma sensação de desprazer. Na ânsia de se livrar do desconforto, a criança empenha-se em procurar algo que possa por fim ao próprio impasse de tentar aliviar a tensão vivenciada, usando para isso a zona erógena que lhe parece mais adequada.

Nesse sentido, a atividade anal também é reconhecida como sexual por possibilitar a excitabilidade dessa área. De acordo com o ponto de vista freudiano, a retenção do bolo fecal, no momento em que este passa pelo trato intestinal, provoca uma estimulação da mucosa retal, causando percepções apazíveis. Dessa maneira, essa região pode ser considerada outra forma ilustrativa da atividade sexual infantil.

Com relação à atividade da zona genital propriamente dita, pode-se dizer que as estimulações dessa área “... são sem dúvida o começo da futura vida sexual ‘normal’” (Freud, 1989 [1905], p. 175), pois propicia os contatos iniciais com os órgãos sexuais.

A explicação para esse fato vem da verificação que nos primeiros anos de vida a zona genital, demarcada pela presença do pênis no homem, do clitóris e da vagina na mulher são continuamente manipulados pelos cuidadores durante a assepsia diária e isso propicia uma excitabilidade nessas regiões, as quais futuramente se tornarão os alvos preferenciais da manifestação da sexualidade adulta. Diante de tal afirmativa, é possível inferir que são os carinhos dirigidos à criança pela mãe e/ou cuidadores os responsáveis por despertar a pulsão sexual e por servirem de subsídio para a intensificação futura das manifestações dessa mesma pulsão.

“Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais” (Freud, 1989 [1905], p. 210). Quer dizer, cabe aos cuidados iniciais introduzir a criança no universo “obscuro” da sexualidade, preparando-a para exercê-la da maneira mais assertiva possível.

Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão (Freud, 1989 [1905], p. 210).

Como as crianças se vêm sujeitas a fricções constantes nos genitais e isso gera no corpo sensações prazerosas, elas tendem a querer a repetição dessa situação. Futuramente se voltarão para essas áreas priorizando-as como fonte essencial para o exercício de uma sexualidade dita normal.

Freud (1989 [1905]) adverte que a compreensão mais adequada da sexualidade como um todo, envolve o conhecimento dos vários estágios pelo qual passa a organização da libido enquanto energia que rege a vida psíquica e sexual de todo o ser humano. Por isso destaca a existência de uma organização pré-genital, na qual a região genital ainda não é tomada como prioritária, porque não assumiu o protagonismo na vida sexual dos indivíduos.

Além disso, a importância de conhecer o meio pelo qual se dá a distribuição e as possíveis fixações da libido contribui para a compreensão do desenvolvimento do caráter de uma pessoa, uma vez que, de acordo com as concepções freudianas, este se encontra fortemente atrelado a esses dois acontecimentos.

Sendo assim, pode-se depreender, a primeira organização da libido é a oral, na qual o alvo sexual consiste na incorporação do objeto, prevalecendo a renúncia de um objeto alheio em prol de outro situado no próprio corpo.

A segunda organização é a denominada sádico-anal, sendo coordenada pela atividade na qual vigora a pulsão de dominação. O controle se dá por meio da musculatura e, neste momento, “... já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio, faltando ainda a organização e subordinação à função reprodutora” (Freud, 1989 [1905], p. 186).

O estabelecimento dos genitais como alvo para a reprodução só se dará na última fase da organização libidinal, reconhecida como pertinente à puberdade pelo pai da psicanálise. Esse momento se caracteriza pelas frequentes modificações sexuais, que passam a edificar a configuração normal da sexualidade, promovendo a transmutação da vida sexual infantil para

a configuração de uma futura atividade sexual adulta. Além disso, se antes a emergência das manifestações sexuais se davam a partir de pulsões que se conjugavam a zonas erógenas distintas e independentes, buscando prazer sexual como alvo exclusivo; na puberdade vê-se emergir um novo propósito que integra todas as pulsões parciais e imprime a subordinação das zonas erógenas à supremacia da zona genital. Na visão freudiana é durante essa fase que o ser humano se vê equipado com o mais complexo aparato sexual em termos anatômicos, acentuando-se, de forma acelerada, o crescimento e concomitante amadurecimento dos genitais tanto internos quanto externos. É, portanto, esse complexo processo que viabiliza a maturação do suporte adequado ao exercício pleno da sexualidade adulta ulterior.

Diante de tais afirmações é legítimo deduzir o aparecimento, nessa etapa, de diferenciações mais efetivas e acentuadas das características femininas e masculinas embora, já na infância seja possível perceber algumas diferenças anatômicas e psíquicas entre meninos e meninas. Ao longo dessa fase da vida humana as dicotomias acentuam-se e passam a nortear o modo como cada um vai lidar com os mandos e desmandos da sexualidade.

A partir também desse período, é possível perceber que o desenvolvimento sexual de homens e mulheres diverge de maneira significativa, consonante às diferentes funções exigidas de ambos os sexos. No entanto, ambos se equiparam em função da pulsão sexual a qual “... coloca-se agora a serviço da função reprodutora ...” (Freud, 1989 [1905], p. 195). Sendo assim, todo arsenal sexual entrará em operação por meio de excitações sexuais, as quais podem surgir vindas do meio externo – excitação das zonas erógenas, do mundo interno e da vida anímica.

O período da puberdade é portanto, considerado de suma importância, pois nele se instaura o primado das zonas genitais e, conseqüentemente, em termos psíquicos inicia-se a busca em prol do encontro do objeto capaz de permitir a concretização da relação sexual em si. Na visão freudiana “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud, 1989 [1905], p. 209), tendo em vista que esse processo se dá a partir de traços remanescentes das experiências infantis, as quais servem como base estruturante de toda a vida psíquica e sexual ulterior.

O processo todo se desenvolve tendo como princípio o surgimento do estímulo de uma determinada zona erógena do sujeito. Esse estímulo gera uma excitação sexual que ativa determinados centros endógenos, os quais passam a secretar substâncias excitatórias (hormônios sexuais) causando o aumento da tensão/prazer. Como essa tensão se torna mais acirrada sendo capaz de produzir sensações de desprazer, cabe ao indivíduo dar-lhe um destino adequado numa tentativa de “garantir” a dissipação do desconforto. É pela via do ato

sexual que essa tensão se rarefaz, causando uma sensação de alívio concomitante com a satisfação. Nesse instante a tensão libidinal se vê convertida em satisfação, aliviando todo o aparato orgânico e psíquico, os quais entram numa espécie de relaxamento até que todo o processo se reinicie novamente.

A tensão produzida pela excitação sexual inicialmente é sentida de maneira prazerosa pelo ser humano, mas à medida que ela aumenta em intensidade traz como consequência a sensação de desprazer, reclamando a necessidade de atingir o objetivo último – a satisfação da pulsão.

As excitações sexuais costumam se apresentarem por meio de dois sinais - o anímico (pensamento) e o somático, sendo que o primeiro se reflete no segundo causando modificações significativas nos indivíduos, como alteração do tamanho da genitália e umedecimento da vagina.

De acordo com as observações freudianas, o caminho percorrido pela excitação sexual perpassa, em um primeiro momento o olhar, que desencadeia a sequência de passos indispensáveis para a concretização da relação sexual final. Mas é a estimulação das zonas erógenas que gera, efetivamente, um aumento de tensão, cuja característica principal é a excitação sexual capaz de produzir a energia motora essencial para viabilizar o ato sexual em si. Este último é entendido como o meio adequado de extinguir a tensão da libido, ao menos temporariamente.

Nesse sentido, pode-se inferir que a excitação das zonas erógenas consiste no que ficou conhecido como pré-prazer e a expulsão de substâncias sexuais é considerada o prazer final ou “prazer de satisfação da atividade sexual” (Freud, 1989 [1905], p. 198).

Reproduzindo o criador da psicanálise, as zonas erógenas “são empregadas para possibilitar, por meio do pré-prazer delas extraído, como na infância, a produção do prazer maior da satisfação” (Freud, 1989 [1905], p. 198).

Com relação à escolha objetal o autor acredita na concretização desta pela via das representações, pois os jovens se encontram em fase de amadurecimento e o único espaço que se apresenta como viável para a realização de seus desejos sexuais é o que concerne à fantasia.

No entanto, como essas fantasias são sempre de cunho incestuoso, em um primeiro momento se instaura uma das mais significativas realizações psíquicas “o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações” (Freud, 1989 [1905], p. 213). Havendo um desligamento “satisfatório” das figuras parentais, o menino e a menina adquirem a

bagagem necessária para subsidiar as escolhas objetais que se tornam cada vez mais iminentes. A partir do conhecimento desses pressupostos é factível compreender porque, em algumas situações, os homens tendem a eleger como parceiras mulheres que se assemelhem às suas mães, enquanto as mulheres se aventuram na busca por companheiros que parecem possuir características análogas a do genitor.

“A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto” (Freud, 1989 [1905], p. 215).

Segundo Freud (1989 [1905]), o desenvolvimento da sexualidade configura-se como bitemporal sendo o primeiro momento o da infância sucedido pelo período de latência e o segundo momento demarcado pela puberdade, no qual sobressai a primazia dos genitais e a busca pelo objeto a ser catexizado pela libido.

No texto *Sexualidade Feminina* (1988 [1931]), Freud explica que, na fase do complexo de Édipo tido como “normal”, o que se verifica é uma ligação amistosa entre a criança e o seu genitor do sexo oposto e uma “agressividade” direcionada àquele que pertence ao mesmo sexo. Esta afirmativa encontrou respaldo no que diz respeito aos meninos, mas trouxe certa controvérsia em relação às meninas, tornando necessária a busca pelo entendimento de como o processo se consolidava para ambos os sexos.

Inicialmente, ele acreditava que o desenvolvimento de ambos os sexos se dava de forma similar, mas com o decorrer das observações em torno do tema sexualidade, percebeu que havia algo particular e marcante na maneira como as meninas e os meninos vivenciavam a entrada e a saída no complexo de Édipo.

“... já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino” (Freud, 1988 [1931], p. 234).

Diante disso, Freud passou a se dedicar à compreensão do processo feminino e em 1931 retoma as ideias posteriormente defendidas, integrando-as e ressignificando-as quanto ao espectro feminino.

Em se tratando dos meninos, parece fácil compreender como isso se dá, uma vez que, sendo a mãe o seu primeiro objeto de amor durante o complexo de Édipo, ela permanece investida da função de objeto de seus desejos eróticos, o que lhes confere “conforto” de não ter de despender energia para se desvincular de seu primeiro alvo libidinal. O pai, no entanto, passa a ser visto como o principal oponente e a grande luta deles será a de neutralizar o opositor diante do interesse materno.

Freud ressalta que, no caso das meninas, o desenvolvimento da sexualidade é algo mais complexo: para chegarem ao pai, elas terão de percorrer um longo caminho de renúncias e frustrações. Durante esse processo, elas terão de abandonar aquilo que *a priori* constitui a principal zona genital delas – o clitóris – e eleger uma nova zona erógena, a vagina. Além disso, terão de ser capazes de trocar o objeto original de desejo (a mãe) pelo pai (Freud, 1988 [1931], v. XXI).

Em seus estudos, Freud baseou-se em observações feitas sobre mulheres que apresentavam uma forte ligação com a figura paterna, que o levaram a propor um ponto de vista específico em relação à sexualidade feminina. Segundo ele, foi possível perceber que, nessas mulheres, que diziam ter uma forte ligação com os respectivos genitores masculinos, era comum relatarem uma conexão exclusiva com a mãe, intensa e apaixonada, no período que precedia a fase subsequente de ligação com o pai. Ademais, conseguiu constatar que o tempo de ligação com o primeiro objeto de amor havia se prolongado até a parte mais longa da eflorescência sexual.

Diante dessas revelações, Freud passou a nutrir a ideia de que o período pré-edípiano era de suma importância para a compreensão do desenvolvimento psicosssexual feminino. Assim, a mulher só atingiria uma posição edípiana positiva depois de superar uma fase anterior marcada pelo complexo negativo. Esse “complexo negativo” é evidenciado na rivalidade que não chega à hostilidade que as meninas nutrem pelo pai em relação à mãe. Nessa fase, o pai exerce pouca influência, segundo a percepção das meninas, cujo interesse se volta, preferencialmente, para a mãe. Passada esta fase, o pai se torna o herdeiro natural de uma ligação acentuadamente forte com a mãe (Freud, 1988 [1931], v. XXI).

O autor enfatiza que, no desenvolvimento sexual humano, a bissexualidade está presente, sendo que, nas mulheres, ela é mais evidente, já que, para os homens, há apenas um órgão sexual; enquanto que, para as mulheres, existem duas zonas sexuais – o clitóris, que se assemelha ao órgão sexual masculino, e a vagina que é o órgão sexual feminino propriamente dito.

Nas mulheres, portanto, as primeiras ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina (Freud, 1988 [1931], p. 236).

Em relação à sexualidade feminina, Freud afirmou que a vagina é um órgão que permanece oculto por muitos anos e, somente no momento posterior à infância, ou seja, na

puberdade, é que esse órgão emergirá com seu papel específico na construção da sexualidade genital feminina.

As concepções psicanalíticas fundamentadas na visão freudiana sobre a sexualidade feminina defendem que, nos primeiros anos de idade, a mulher concentra a própria sexualidade no clitóris, sendo que, nesse momento, a vida sexual dela denota uma fase caracterizada pela masculinidade. Somente com a transferência do foco da região clitoriana para a vaginal é que a mulher passará a exercer uma sexualidade eminentemente feminina.

Como já foi mencionado, o primeiro objeto de amor de uma menina é a figura materna e os motivos dessa escolha objetual parecem óbvios, uma vez que a “mãe”³ é que lhe propicia as condições necessárias para o desenvolvimento e a subsistência, ou seja, ela cuida, alimenta e protege a menina, tornando-se, portanto, a figura mais proeminente aos olhos da criança.

Contudo, para que a criança do sexo feminino chegue ao final do próprio desenvolvimento psíquico, deve ser capaz de eleger o pai como novo objeto amoroso. Para Freud, a mudança de importância da região clitoriana para mulher requer que ela mude o sexo do objeto libidinal.

A problemática que se apresenta, diante dessa visão psicanalítica, é compreender como se dá esse processo e quais as possibilidades que são potencializadas ao longo desse desenvolvimento.

Freud destaca que o percurso masculino diferencia-se do feminino e parece demandar menos esforço para que o homem entenda sua condição e se aventure no mundo da sexualidade. No menino ocorre a combinação entre o amor por um dos pais – pela mãe – e “ódio” direcionado ao rival (ao pai). Para o pensador, a descoberta da castração pela visualização da genitália feminina, impõe modificações edípicas no menino e o conduz à formação do superego. É nesse momento que se iniciam os processos que o conduzirão a encontrar o lugar próprio na comunidade cultural específica. Na concepção psicanalítica, é a internalização do agente paterno pelo menino, com a subsequente formação do superego, que possibilita o desligamento dele em relação às figuras iniciais que constituíram os representantes psíquicos de amor e ódio. Para o menino, as restrições auto-impostas são tentativas de preservação dos próprios órgãos genitais, na medida em que imagina que a menina os perdeu (Freud, 1988 [1931], v. XXI).

As meninas notam no próprio irmão ou em algum companheiro de brincadeiras o pênis visível e de grandes proporções quando comparado à própria genitália. Imediatamente

³ As aspas aqui se justificam porque pode ser tanto a mãe biológica, quanto a simbólica, configurada na amamentadora, na cuidadora etc.

identificam-no como correspondente superior do órgão feminino, pequeno e imperceptível. A partir daí se instaura a inveja do pênis. Ela o viu, tomou consciência de que ele existe e, portanto, passa a persegui-lo como ideal a ser alcançado (Freud, 1988 [1925]).

A persistência da mulher em se manter nessa luta pelo falo pode gerar obstáculos no caminho que deve percorrer em busca do desenvolvimento regular do sentido da feminilidade. Deve-se, assim, ser superada o mais cedo possível.

Sendo assim, no caso da menina, o complexo de castração ocasiona outros efeitos. Na visão freudiana, “ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável” (Freud, 1988 [1931], v. XXI, p. 237). A partir daí, a mulher tem três possíveis caminhos para o próprio desenvolvimento sexual. No primeiro, ao assustar com a constatação de que seu clitóris não corresponde ao falo masculino, cresce insatisfeita com o órgão, abandonando a atividade fálica e, com ela, a eminente masculinidade. No segundo, ela assume uma postura desafiadora de autoafirmação em relação à masculinidade ameaçada. Esse processo pode se prolongar por um longo tempo, pois ela nutre a esperança de conseguir o pênis em algum momento da trajetória. O terceiro e último caminho em busca da feminilidade definitiva é o da atitude feminina descrita por Freud como “ideal”, na qual tomando o pai como alvo de seu desejo pulsional, encontra o rumo que lhe conduzirá à forma feminina do complexo de Édipo.

Diante dessa concepção, é possível inferir que o complexo de Édipo, para as mulheres, emerge como resultado final de um longo processo de seu desenvolvimento psicosexual, que sofre forte influência da castração, sendo instituído a partir da constatação dela. Pode-se perceber, aí, que a castração também é vivenciada, de modo diferenciado, pelo homem e pela mulher. No homem, ela é condição para que ele saia do complexo de Édipo; já no caso das mulheres, a castração a introduz no complexo. Neste sentido, a fase pré-edípica já mencionada se mostra essencialmente importante para a mulher, sendo ela a chave para as várias questões que se revelam na vida sexual subsequente, porque há uma grande chance de conteúdos reprimidos dessa fase voltarem à tona e serem transferidos para as ligações objetivas afetivas.

É importante compreender que, segundo a visão freudiana, não é fácil determinar o momento exato ou o curso típico desses eventos, podendo eles variar em modo e intensidade. Entretanto, uma coisa é certa: “invariavelmente a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos” (Freud, 1988 [1931], v. XXI, p. 241). E o pai da Psicanálise acrescenta:

Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher” (Freud, 1988 [1931], v. XXI, pp. 241-242).

Quando ela compreende em que consiste a castração, pode-se dizer que aí surge a primeira via de acesso a feminilidade e, conseqüentemente, um sentimento de depreciação da mãe, que se instala e causa a ruptura entre elas.

Nesse contexto, a proibição da masturbação é também fator que promove o afastamento da criança em relação a mãe, uma vez que, a genitora atua sobre ela impedindo-lhe a plena manipulação das genitálias. A criança se ressentida por não poder vivenciar a satisfação que tal atividade lhe confere e tende a afastar-se da pessoa que porventura venha impor-lhe tal proibição.

Cabe ressaltar, em um primeiro instante, a menina não reconhece o caráter universal da castração como característica própria do ser feminina. Para ela o fato de ser destituída de um pênis soa-lhe como punição, vendo-se como alvo potencial da mãe. Só em uma segunda oportunidade ela compreenderá que esse fato é próprio do universo feminino, passando agora a ver a mãe com desprezo, “julgando-a” também como possuidora de um órgão inferior.

A partir daí, a menina vê a mãe como a principal opositora de sua atividade sexual e como aquela que não lhe deu o falo, desenvolvendo em relação à mãe uma atitude hostil e depreciativa, como foi afirmado antes neste trabalho. Quando a menina se afasta da mãe, ela introduz o pai na própria vida sexual, atribuindo-lhe papel de destaque em seu desenvolvimento psicosssexual.

O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina. Trata-se de algo mais que uma simples mudança de objeto... podemos agora acrescentar que, de mãos dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos” (Freud, 1988 [1931], p. 247).

Segundo Freud (1988 [1931]), nas primeiras fases da vida erótica da mulher, a ambivalência é uma regra e esse traço pode permanecer ao longo de toda a vida.

A compreensão da diferença entre a organização sexual-psíquica da mulher e a do homem está, para a Psicanálise, fortemente ligada à distinção anatômica dos órgãos genitais e corresponde a uma castração que foi “executada” e a outra que foi “ameaçada”.

Apesar de ter percorrido, ao longo da formulação de sua teoria sobre a sexualidade humana, caminhos que o levaram a constatar diferenças significativas entre homens e mulheres para a construção do psiquismo humano, Freud chama a atenção para o fato de que

A maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (Freud, 1988 [1925], v. XIX, p. 286).

No texto “Feminilidade” (1948 [1916]), o pensador se debruça primeiramente sobre a definição do que denomina-se, no senso comum “ser um homem” ou “ser uma mulher”.

De início, discorre sobre a facilidade com que as pessoas associam fisicamente características masculinas e femininas, respectivamente aos homens e as mulheres, inserindo um debate que a ciência trouxe para o centro das discussões acadêmicas. Essa discussão revelou que é possível identificar a existência de órgãos femininos em corpos masculinos e vice-versa, destacando que o mesmo acontece no psiquismo, ou seja, existem momentos nos quais as mulheres apresentam comportamentos eminentemente masculinos e os homens, por sua vez e a seu modo, comportamentos considerados femininos.

Destaca ainda a associação recorrente que se faz do que pertence ao universo feminino como algo passivo, ao passo que ao masculino associam-se os aspectos ativos. Para ele, essa herança advém do fato de a célula masculina (espermatozoide) ser a parte ativa na reprodução da espécie, enquanto a célula feminina (óvulo) espera passivamente pelo encontro com o gameta do sexo oposto. Essa associação é geralmente transferida para as relações sexuais, nas quais o homem “perseguiria” a mulher a fim de concretizar a satisfação de seu desejo libidinal.

Freud, no entanto, tenta desconstruir essa ideia vinculada aos sexos e passa a descrever que da mesma forma em que no meio animal os papéis se confundem, também, na espécie humana o mesmo pode acontecer. Em alguns momentos, por exemplo, a mulher demonstra uma posição ativa em relação aos filhos, por um lado, enquanto que, por outro, o homem torna-se passivo.

Segundo a visão freudiana, quanto mais as pessoas se afastam da esfera sexual, essa distinção se torna mais perceptível. “Com tudo isso”, afirma Freud “suporeis já que

tampouco a Psicologia haverá de resolver o enigma da feminilidade” (Freud, 1948 [1916], v. II, p. 841)⁴.

Portanto, a preocupação da Psicanálise não é de escrever o que é a mulher, mas como ela se forma, quais os caminhos precisa percorrer para alcançar o *status* ideal de feminilidade.

Embora teoricamente essas afirmações freudianas possam gerar um relativo desconforto, elas constituem a condição essencial para o desenvolvimento das funções sexuais femininas, segundo o próprio Freud (Freud, 1948 [1916], v. II).

3. Esta Dissertação e a Sexualidade Feminina

Como foi destacado na Introdução desta dissertação, o objeto dela é a investigação científica de um possível conflito entre o exercício da sexualidade feminina na contemporaneidade e as suas aspirações quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos mais duradouros.

No mesmo universo temático de pesquisa, foi desenvolvida a tese *Amok: feminilidade e clínica* (2002), mas cujo foco difere ligeiramente do escolhido para esta dissertação. Ela se concentra na queixa feminina de que “não existem mais homens, parceiros para o encontro amoroso” (Cruz, 2002, p. 10), enquanto que, aqui, o olhar voltar-se-á para um possível conflito entre a escolha consciente de um exercício mais contemporâneo da sexualidade feminina e o desejo do estabelecimento de relacionamentos afetivos mais duradouros.

Por suas convergências e aproximações com esta dissertação, não é demais destacar alguns pontos da tese mencionada.

Em primeiro lugar, cabe destacar que, segundo Ana Beatriz Lima da Cruz, autora da tese em tela, os homens, talvez, não tenham desaparecido, mas algo acontece no modo como as mulheres estão se organizando subjetivamente, que vem causando a impressão de que não existem mais homens para as mulheres. Esse “algo” parece impedir ou dificultar os encontros amorosos. Será que as mulheres se tornaram tão fálicas que não conseguem “ver” os homens, nem mesmo despertar o interesse deles por elas? Indaga a autora da tese. E ela ratifica a desconfiança com mais esta questão: Será que, hoje, as mulheres não têm se julgado tão donas de si que, de alguma forma, se sentem autossuficientes, completas e capazes de abrir mão do parceiro do outro sexo?

⁴ “Con todo esto supondréis ya que tampoco la Psicología habrá de resolver el enigma de la femineidad” (trad. da pesquisadora).

Segundo a mesma autora, as novas formas de subjetivação se constroem tendo como referência o falo e, desta maneira, qualquer experiência de perda é vista como algo insuportável. Por isso, também convergindo com Lipovetsky, Cruz (2002) informa que não querer perder nunca é típico da cultura da hipermodernidade, que nutre a recusa de vivenciar frustrações. É preciso tamponar as “falhas”. Neste momento, as mulheres estão embarcando no modelo da sociedade fluida, despotencializando os homens, em busca da autonomia.

Ainda de acordo com essa perspectiva, a literatura psicanalítica atribui um grande valor ao falo, como referência a ser perseguida tanto por homens, quanto por mulheres, na medida em que se apresenta como normatizador do psiquismo. Isso faz com que se tornem, cada vez mais acirradas, as disputas pelo poder, promovendo uma organização psíquica muito pouco prazerosa. Se há o fortalecimento da importância em torno do falo como regulador do psiquismo, dificilmente poderá haver uma organização psíquica confortável, pois ambos, homens e mulheres, entram em campo com intuito de alcançar o poder referenciado no falo. As mulheres, segundo a autora, se queixam do modo como os homens hoje se comportam e repetem, insistentemente, essa queixa.

“A repetição dessa queixa é indicação de que certas mudanças em nossa cultura, que ainda não temos condição de apreender através dos meios lógicos formais; uma repetição que insiste como que na tentativa de algum esclarecimento” (Cruz, 2002 p. 13). Isso pode sugerir que as mudanças ainda não se deram de forma efetiva; estão se processando e não encontraram uma forma adequada de nomeação.

As mulheres que se queixam, na perspectiva da Psicanálise, são tidas como pertencentes ao contingente das histéricas e, neste sentido, denunciam algo que não está funcionando bem, ou, mais precisamente, as possíveis falhas de um modelo que precisa ser revisto na sua estrutura e funcionamento, de modo a permitir um melhor gerenciamento de determinadas condições ou conflitos.

De acordo com o discurso psicanalítico, segundo a autora, para tornar-se mulher, é preciso que se abandone o referencial fálico e se depare com a angústia da castração que advém do encontro com o território obscurecido da feminilidade. Para Freud, a subjetividade feminina é alcançada a custa de esforço, renúncia, acertos e desajustes, em um longo processo de construção. A mulher deverá passar pelo processo de “histerização”, que implica abandonar o referencial fálico, direcionando-se para outro campo da subjetividade denominado feminilidade. No entanto, nesse momento, devido à ausência de referenciais identificadores, o desamparo e a angústia se exacerbam, promovendo a abertura para um campo erótico que favorece a criação de novos referenciais. Quando a mulher se depara com a

ausência fálica, ela tenta superar o desamparo e a angústia por meio da erotização, que viabiliza o encontro com novos objetos de satisfação.

Entretanto, alerta a autora, se a mulher incorpora o funcionamento psíquico da sociedade atual, fundado no modelo fálico-castrado, esse processo não ocorrerá e, conseqüentemente, ela não terá como se haver com o desamparo. Dessa forma seu campo erótico não será sensibilizado, dificultando o encontro amoroso.

A autora ressalta ainda que há dois tipos de organização feminina: (i) as masoquistas, que se entregam ao outro para que ele dê conta de seu desamparo e (ii) a fálica, que se sente poderosa, autoconvencendo-se como capaz de cuidar de si mesma e prescindir do outro.

Como Freud, considera que viver na cultura sempre causa mal-estar nas pessoas, pois não existe a certeza de que o objeto de satisfação virá, quando e como virá ao encontro delas. Vive-se em busca desse objeto (falo), que não promove certezas, mas que aumenta as dúvidas. Parafraseando Kehl (2008), o falo nunca cumpre o que promete.

Cruz (2002), no entanto, acrescenta que é preciso acreditar que o objeto existe, para que se consiga amenizar os efeitos do mal-estar existencial. Conviver com o desamparo é a única forma de transformar o mal-estar em cultura. Mas, hoje, alimenta-se a ideia da capacidade de dominar a dor, a frustração e a culpabilidade.

Finalizando, a autora afirma: “Não se trata de que as mulheres precisam de um homem para completá-las, mas sim que o amor de um homem confere a elas o reconhecimento da sua individualidade, como acontece com qualquer ser mortal” (Cruz, 2002, p. 160).

Como se pode perceber a proximidade da tese de Cruz com esta dissertação dá-se tanto no universo dos objetos, quanto no dos referenciais teóricos. Contudo, o trabalho dela se distancia, especialmente por não adentrar o terreno perigoso das discussões sobre as diferenças entre civilização (universalidade) e culturas (singularidades). Este é um problema ainda não resolvido entre os historiadores, sociólogos e antropólogos, que já esgotaram toneladas de tintas para discuti-lo. Essa discussão escapa aos limites desta dissertação cujo objeto já foi sobejamente explicitado.

CAPÍTULO III

AS MULHERES FALAM SOBRE A PRÓPRIA SEXUALIDADE

Os sujeitos da pesquisa compreenderam 11(onze) mulheres, que preferiram a própria residência, ou locais mais próximos ao trabalho e centrais, para a realização das entrevistas. A indicação feita por elas foi acatada pela pesquisadora, que procurou ter o cuidado de verificar se os locais escolhidos possuíam infraestrutura adequada para garantir o sigilo e resguardar a identidade das entrevistadas. Constatadas estas condições, cada entrevista foi realizada com uma única respondente de cada vez.

Em um primeiro momento, a pesquisadora, juntamente com as entrevistadas leram e, após sanadas as dúvidas, assinaram o Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido (TCLE). Terminada essa primeira etapa, as entrevistas se iniciaram e foram gravadas com consentimento das interlocutoras, sendo que nenhuma delas apresentou qualquer obstáculo a esse procedimento. Finalizada a parte de coleta do material, as entrevistas foram todas transcritas na íntegra, sendo realizada apenas a correção do Português para obter um texto mais organizado e inteligível para a análise.

Na abordagem das entrevistas foi utilizado o método de Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (2000), respeitando-se as duas primeiras etapas, consideradas essenciais pela autora para se proceder à análise temática: (i) pré-análise e (ii) exploração do material. Esse método foi escolhido, porque se buscava compreender aquilo que tinha sido coletado, de forma a evidenciar algo “além dos seus significados imediatos” (Bardin, 2000, p. 29). O significado objetivo de uma fala nem sempre está na superfície flutuante da alocação, mas nos nexos mais profundos, que só podem ser apreendidos a partir de uma teoria, com suas categorias analíticas e que, no caso desta dissertação é a Psicanálise.

Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo constitui um método de apreciação científica cujo objetivo primordial “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (p. 38).

Na análise de conteúdo o objetivo maior não é a descrição de conteúdos, mas, sim, a busca pelo sentido a eles conferido, no caso, pelas entrevistadas. Desse modo, pode-se dizer que esse método se baseia na construção de inferências, pela pesquisadora, a partir da compreensão do sentido conferidos a determinados conteúdos, que se tornam os norteadores capazes de permitir o acesso aos significados subentendidos nos discurso dos (as) interlocutores (as). Mais do que o sentido pura e simples, o enfoque maior tem como alvo a elucidação dos “núcleos de sentido da comunicação” (Bardin, 2000, p. 39).

De maneira contundente, a AC possibilita realçar um sentido que se situa em um segundo plano, permitindo o esclarecimento de conteúdos que possam estar subentendidos na fala dos sujeitos do universo pesquisado. Trabalhando com a palavra e suas possíveis significações, “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 2000, p. 44).

Pode-se dizer, portando, que o objetivo desse tipo de trabalho “é estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e o teórico, de modo a assegurar-nos – e é esta a finalidade de qualquer investigação – que o corpo de hipóteses é verificado pelos dados do texto” (Bardin, 2000, p. 69).

A organização da análise se desenvolve em três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados que inclui a inferência e a interpretação.

A pré-análise consiste no processo de organização do trabalho, caracterizado pelo estabelecimento de qual documento será submetido à análise, quais hipóteses são possíveis de serem levantadas em relação ao tema e, por fim, os indicadores que deverão fundamentar a

interpretação final. De acordo com essa concepção, é legítimo afirmar que os objetivos predeterminados, durante a elaboração de um projeto de pesquisa, acabam por designar qual tipo de documento será construído, a fim de coletar os dados necessários ao trabalho. Cabe ressaltar que nada impede que esse processo se dê ao contrário do que foi dito, ou seja, tendo posse de um tipo de documento (inventário, por exemplo) se defina os pontos objetivados. No entanto, é mais comum, optar-se pela primeira proposta. No caso do estabelecimento de hipóteses e indicadores, o processo se desenrola de maneira similar à descrita anteriormente, isto é, pela determinação da hipótese é possível depreender os indicadores que irão subsidiar a análise.

Nesse contexto epistemológico, a análise realizada na investigação para esta dissertação foi construída partindo-se do objetivo determinado na confecção do projeto de pesquisa. Após o delineamento do objeto geral, concomitantemente aos objetivos específicos, o instrumento escolhido para se processar a coleta de dados foi construído de modo a responder ou, ao menos tentar esclarecer, aspectos pertinentes a eles. Procedeu-se da mesma maneira em relação às hipóteses. A princípio, foram intuídas algumas hipóteses em relação ao tema e, de forma gradativa, elas foram sendo revisitadas ao longo dos levantamentos e investigações de partida, até que surgiu a hipótese principal, que passou a direcionar a construção dos índices que serviriam de base para a interpretação.

Esse percurso teve como sustentação os passos que norteiam o processo de análise, a seguir descritos.

1 - Pré-Análise

Essa etapa aborda os seguintes passos:

a) Leitura Flutuante, entendida como análoga à leitura psicanalítica - Permite tecer as primeiras impressões sobre o material, podendo evidenciar o surgimento de novas hipóteses.

b) A Escolha do Documento – Como descrito anteriormente, o documento escolhido reflete o objetivo pretendido. Como o que se buscava era a opinião das mulheres com relação à própria sexualidade e a vivência desta sexualidade na sociedade atual, optou-se pelo questionário semiestruturado como instrumento de coleta de opiniões. Este instrumento foi estruturado em tópicos que, por sua vez, foram formulados de modo a abarcar os aspectos e as categorias contidos nos objetivos da pesquisa.

c) Formulação das Hipóteses e dos Objetivos - A hipótese consiste em uma afirmação provisória que se propõe verificar, recorrendo-se, para isso, aos procedimentos de análise. Ela é um pré-conceito inteligente e bem informado. A origem de uma hipótese é intuitiva, ou seja, tem-se uma intuição, ou percepção acerca de um fenômeno e isso conduz à formulação de

uma ou mais hipóteses. Ela se mantém provisória, porque nem só de intuição vive a pesquisa. Uma vez intuída a hipótese permanece provisória até que se façam os primeiros levantamentos e estudos de partida, para que ela seja melhor informada. Ainda assim, a hipótese permanece em suspenso até que possa ser confirmada ou refutada pelos dados coletados.

Seguindo esses pressupostos, uma hipótese foi intuída em relação à sexualidade das mulheres reconhecidas como heterossexuais, na atualidade. Tinha-se em mente que o contingente feminino vive, nos dias correntes, uma sexualidade mais fluida, porém dissociada das reais necessidades dessa população, ou seja, havia um eminente conflito entre a prática de uma sexualidade dita mais “libertária” e os desejos que circunscrevem a busca de relacionamentos mais duradouros.

Em relação aos objetivos desta dissertação, quer seja de cunho geral, quer sejam específicos, todo o esforço da pesquisadora foi no sentido de que eles constituíssem e estruturassem, em seu conjunto, o objeto da pesquisa, refletindo, portanto, aquilo que ela pretendia demonstrar ao final do processo.

Desde o princípio, o objetivo geral pretendido – compreender se existia o conflito mencionado e como ele se dava na relação da mulher com a própria sexualidade –, sobressaiu-se aos demais objetivos específicos da pesquisa, já que ele funcionou como o motivador principal para a realização do presente trabalho.

O procedimento adotado, ao longo de todo o processo de análise, foi o exploratório, uma vez que o quadro de análise não estava previamente determinado, mas foi se constituindo ao longo do trabalho. A pesquisadora partiu da perspectiva de buscar as evidências e propriedades nos textos da literatura inicialmente consultada, em conjugação com as observações de partida que fazia no universo a ser pesquisado.

d) A Referenciação dos Índices e a Elaboração de Indicadores – Segundo este tópico, os textos devem ser compreendidos como manifestações que contêm índices que, pela via da análise, ganham voz e adquirem condição de “falar”. Cabe, portanto, ao analisador determinar quais índices são cabíveis de serem aplicados ao conteúdo coletado. O índice, por sua vez, pode se configurar como uma menção explícita de um tema em uma mensagem. Nesse sentido, ele se equipara ao tema e o indicador é o que permite inferir sobre um determinado conteúdo.

O primeiro passo, portanto, é determinar os índices (temas) e depois associar indicadores que justifiquem a identificação dos temas.

Para exemplificar, pode-se pensar no estado emocional como um índice (tema) e a fala repetida, a fala interrompida como possíveis indicadores desse aspecto.

e) Preparação do Material – Última passo da Pré-Análise, o material coletado deve ser devidamente editado (transcrição das entrevistas). Quanto a esse quesito, conforme dito anteriormente nesta dissertação, as entrevistas foram previamente gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, resguardando-se a fidedignidade do material coletado.

Após essa minuciosa tarefa de Pré-Análise, instaura-se o segundo momento, o da Exploração do Material.

2 - Exploração do Material – Esse é o período destinado à codificação dos dados brutos, contidos, no caso desta pesquisa, nas entrevistas das 11 (onze) mulheres, a serem agregados em unidades de modo a revelar a descrição mais pertinente do conteúdo. No fundo, é uma espécie de “tabulação” em pesquisa qualitativa, por meio da qual os dados brutos contidos no material coletado é organizado de acordo com critérios previamente estabelecidos e que dizem respeito aos objetivos da investigação.

“Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’) e válidos” (Bardin, 2000, p. 101).

Segundo O. R. Holsti (1969) a codificação “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo” (citado por Bardin, 2000, pp. 103-104).

Como não se trata de pesquisa quantitativa, as três “escolhas” descritas por Bardin para operacionalizar a codificação serão desprezadas. No entanto, as unidades de registro serão necessárias, na medida em que configuram os temas presentes nas entrevistas.

As unidades de registro podem dizer respeito a temas, e nesse caso, o recorte se configura como tipo semântico. Caso se use como ponto de referência a unidade de registro, pode-se recorrer às palavras-tema ao invés de recorrer à classificação de todas as palavras que estão inseridas no texto.

As palavras-tema ajudam a delimitar o conteúdo total do que foi escrito, permitindo uma aproximação do objetivo pretendido, ou seja, elas funcionam como demarcadores significativos em relação ao assunto desenvolvido na pesquisa.

Dentro da perspectiva de um recorte semântico pode-se ainda optar pelo tema propriamente dito, descrito como “uma afirmação acerca de um assunto. Quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser afectado um vasto conjunto de formulações singulares” (Bardin,

2000, p. 105). Nesse sentido, o tema pode ser compreendido como “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado” (Bardin, 2000, p. 105).

O tema pode ainda ser referenciado como:

uma unidade de significação complexa, e comprimento variável; a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) para diversos temas ... (M. – C. d’Unrug, 1974, citado por Bardin, 2000, p. 105).

A autora ressalta a importância de se colocar em relevo os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação, quando se trabalha com a análise temática, porque a presença bem como a frequência com que aparecem em um texto podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

Segundo o ponto de vista de Bardin (2000), o uso do tema como unidade de registro permite acessar as motivações de opiniões e de atitudes, os valores defendidos, bem como as crenças e as possíveis tendências dos (as) entrevistados (as). Nesta dissertação, as unidades de registro foram utilizadas como instrumento de inferência das categorias e subcategorias. A título de exemplo, as palavras “sexo”, “conquista”, “referenciais” etc. foram utilizadas pela pesquisadora nas questões, como unidades de registro, porque, a seu juízo, elas facilitariam a construção das categorias e subcategorias, como se poderá observar mais adiante.

A análise do tema torna-se opção propícia, quando se a utiliza como forma de investigação de respostas a questões abertas, entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas). Esse fato corrobora a proposta da presente pesquisa, que teve como instrumento de investigação o questionário semiestruturado, no qual prevaleceram perguntas abertas, na tentativa de facilitar o acesso à opinião das entrevistadas sobre a temática explorada.

Como ponto de partida para a análise utilizou-se a perspectiva do objeto ou referente descrito por Bardin (2000) como os “temas eixo”, ou seja, o foco principal da fala “em redor dos quais o discurso se organiza” (p. 106). Por exemplo, na pesquisa desenvolvida, o tema-eixo foi a sexualidade feminina. Por isso, era importante tentar destacar nos discursos das entrevistadas, aspectos que fossem capazes de conduzir a um esclarecimento mais fidedigno ao tipo de sexualidade auferida na literatura sobre as mulheres.

A unidade de contexto é outro item que, se necessário, pode fazer parte da análise de conteúdo, pois “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de

registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (Bardin, 2000, p. 107).

Logo, a unidade de contexto está para a unidade de registro assim como a frase está para a palavra e o parágrafo para o tema, ou seja, uma frase dita pode esclarecer a palavra usada como índice. O mesmo ocorre com o parágrafo em relação ao tema-eixo destacado.

É preciso inferir que, às vezes, é necessário ter conhecimento sobre o contexto do discurso, uma vez que, quando se procura associar a palavra ou o tema identificado dentro de um contexto, esse procedimento diminui a margem de erro em relação ao sentido mais legítimo do que foi proferido. Como a fala, em muitas situações, é polissêmica, pode ser que, em algumas situações, seja necessário aferir o contexto para se entender o sentido pretendido na construção de uma fala.

Observar, pois, “quanto maior é a unidade de contexto, mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais numerosas são as co-ocorrências numa análise de contingência” (Bardin, 2000, p. 108).

Por isso, a princípio, teve-se o cuidado de deixar claro que as mulheres pesquisadas pertenciam ao contexto juizforano. No entanto, esse aspecto não se revelou como imprescindível para o entendimento das concepções singulares das pessoas ouvidas pela pesquisadora. É que, ouvindo, difusamente, mulheres tanto de outras cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, quanto do exterior, como do Canadá, percebeu que os contextos nacional ou municipal não constituem variável importante para a emissão dos discursos. No entanto, o contexto social, ou seja, a origem das entrevistadas, enquanto mulheres de classe média – com grau de formação média e superior, portanto, com relativo conhecimento sobre as conquistas femininas contemporâneas, com certa autonomia financeira etc., em suma, mulheres “modernas” – pesou na caracterização das respostas. Neste sentido, o contexto social mais restrito se faz presente, como não poderia deixar de ser.

Porém, como o que interessa a esta pesquisa são as categorias psicanalíticas, a pesquisadora abriu mão da consideração das unidades de contexto na análise, concentrando-se nas “unidades de expressão pessoal”, que poderíamos, talvez, denominar “unidades psicanalíticas”.

O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação fazem parte do momento da análise, no qual são feitas inferências a fim de adiantar as interpretações, sempre retomando o objetivo proposto.

Durante o processo de análise surgiram novas questões, algumas das quais foram interpretadas e submetidas a inferências; outras, porém, foram descartadas por escaparem aos

limites desta dissertação. Como todas as questões dizem respeito ao pesquisador, o descarte é provisório, devendo elas serem retomadas em outros trabalhos, pois precisam ser tratadas com a mesma reverência dirigida às questões que servem de resposta às interrogações predeterminadas.

Diante de tudo o que foi dito até o presente momento, cabe esclarecer que, na abordagem qualitativa, o que importa não é quantas vezes determinado índice aparece, mas sim se ele aparece ou não. Nesse tipo de perspectiva, o que conta, portanto, é a presença ou ausência de determinados índices. A abordagem qualitativa “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses” (Bardin, 2000, p. 115).

Esclarecidos alguns pontos importantes sobre o método eleito por esta pesquisa, cabe destacar como foi organizada a análise.

As entrevistas foram identificadas por letras em ordem alfabética, respeitando a data da realização. Desse modo, a primeira interlocução, realizada no dia 3 de maio de 2014, foi nomeada pela letra A; as demais foram, sucessivamente, submetidas ao mesmo procedimento até chegar à entrevista de número 11 (onze), datada 22 de agosto de 2014, que ganhou a letra “K”. Esta configuração foi adotada para que não pairasse quaisquer dúvida em relação ao resguardo das entrevistadas quanto a possíveis identificações. Assim, sempre que citadas, as falas das entrevistadas foram identificadas pelas letras correspondentes, pois, caso seja necessário confrontar o que foi referenciado com o que se encontra na transcrição original, rápida e seguramente, se pode localizar a fala citada.

A análise teve como ponto de partida os conteúdos manifestos (explícitos), tal qual eles se apresentavam, não se partindo portanto para a projeção subjetiva. Nesse sentido, tentou-se evitar possíveis interferências pessoais na elaboração das inferências, embora com a consciência de que a “asepsia total” neste caso seja impossível. O distanciamento analítico (relativo) da pesquisadora foi tentado por meio do embasamento em pressupostos teóricos acerca do tema em questão, para que a voz das interlocutoras pudessem falar mais alto.

As categorias temáticas selecionadas foram:

1. Padrões de Conquista;
2. Referenciais;
3. Sexo pelo Sexo.

Dentro de cada uma delas foi possível identificar ao menos duas subcategorias a saber:

A) Padrões de Conquista:

a) conservador e

b) liberal.

B) Referenciais:

a) tradicionais e

b) pós-revolução sexual.

C) Sexo pelo Sexo:

a) atendimento ao impulso e

b) atendimento ao desejo.

Essas categorias e subcategorias foram reconhecidas após a leitura exploratória de cada entrevista, não sendo, portanto apriorísticas. Em outras palavras, foram configuradas e estabelecidas a partir das unidades de registro identificadas nas entrevistas e comparadas com os objetivos da pesquisa.

A) Padrões de Conquista

Dentro dessa categoria temática, a análise procurou evidenciar quais os aspectos se revelaram nas falas das interlocutoras em relação à percepção quanto aos padrões de conquista conservadores e liberais, com especial foco nas características da atualidade, isto é, se prevalece as investidas masculinas ou o assédio feminino.

De acordo com o que foi apurado nas entrevistas quanto a esse quesito, a percepção por parte da unanimidade das interlocutoras é de que houve mudanças expressivas no âmbito das investidas, tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres. Todas ressaltam perceber, na atualidade, uma forma de abordagem bem distinta de tempos anteriores, assegurando que as iniciativas têm sido mais incisivas e têm partido de maneira recorrente do lado feminino, que se expõe e se permite mais:

É bem atirado assim, no sentido que a mulher... ela... antes, antigamente, ela esperava que o cara chegasse; dava sinais que estava interessada; você via, tinha o olhar. Hoje, não. Ela chega mesmo, pára perto, dá a entender que quer mesmo... (C.).

Na verdade, eu não percebo mais o jogo da sedução; eu, eu acho que o homem meio que virou a caça, né? E as mulheres... elas saíram para cima (E.).

... acho que as mulheres estão muito mais atiradas hoje que os homens. Elas demonstram muito mais essa vontade de, de ficar, de sair do que os homens... A gente não fica mais esperando que o homem... é a gente que fica procurando, é a gente que fica observando... os homens parecem estar mais na deles (F.).

Segundo Lipovetsky (1997), o âmbito da sedução se constrói, ao longo dos tempos, sob a ótica baseada na oposição binária: masculino/feminino. Essa percepção ditava os moldes da conquista que dotava o homem da prerrogativa de tomar a iniciativa nas relações de cunho amoroso e à mulher o papel de espera. A postura masculina entrava em acordo com a figura do guerreiro que lutava para conquistar o que queria e, ao mesmo tempo, assegurava a perpetuação da imagem masculina associada àquele que deveria dar os primeiros passos rumo à construção do relacionamento. Nesse contexto, a iniciativa da sedução passava a vigorar como uma característica viril, legitimando a ousadia, a capacidade de vencer os possíveis pudores e a conquista como performance pertinente ao contingente masculino.

Para as mulheres advogava-se em prol de uma conduta condizente com os padrões de moralidade baseados no pudor, na capacidade de resistir à vontade e de esperar. Nessa contradança, enquanto um avançava, o outro recuava até que, por meio de inúmeras insistências de um, o outro aceitava e, enfim, a união se concretizava.

Nos dias atuais, essa lógica, segundo o universo pesquisado, parece ter sofrido uma mutação, uma vez que a sociedade atual foi tomada pela paixão da igualdade entre os sexos. Ao longo de sucessivas gerações, disseminou-se a ideia da permissividade da vivência do sexo livre, endossada pelos movimentos de emancipação feminina, pela revolução sexual, pela cultura do lazer e pela busca da autonomia e da autenticidade. Essa nova concepção decretou a ruína dos antigos “protocolos de sedução” (Lipovetsky, 1997, p. 50), percebidos como hipócritas, sexistas e ultrapassados.

As mulheres passaram a se sentir mais livres e menos aprisionadas a um modelo que lhes imputava a obrigação de retardar os anseios dos próprios desejos e a difícil tarefa de incitar a paixão masculina, bem como, ao mesmo tempo, negar-lhe a satisfação.

A partir de então, passaram a não se reconhecer dentro de um jogo de sedução que percebiam como desigual, requerendo para si relações mais igualitárias, menos convencionais e mais livres.

Sob a ótica das paixões democráticas, o contingente feminino inverteu o processo de sedução e proclamou a aceleração das conquistas, compactuando-se com a ideia favorável à diminuição do intervalo que separava o começo e o fim dos envoltivos amorosos. É como se tivesse ocorrido a implosão de um modelo de mulher, abrindo caminho para a manifestação de comportamentos e atitudes mais imediatistas, diretas e próximas às dos homens.

Essa dinâmica da busca pela igualdade nas conquistas acabou por embaralhar não só as concepções femininas acerca do universo sexual, mas, também, o modo como os homens lidam com essas novas acepções. Enquanto elas assumiram uma postura mais “agressiva”,

eles se posicionam de forma passiva diante dessas “novas mulheres”, agora mais libertas e acessíveis; porém, intimidantes e ameaçadoras, já que os homens não conseguem compreender o que elas desejam. Quando tomam atitudes protetoras são taxados de machistas; se permanecem mais reclusos, elas conclamam o sumiço dos verdadeiros homens. Desamparados diante da perturbação dos papéis, os homens esperam que as mulheres tomem a iniciativa e se encarreguem de “garantir” o estabelecimento da relação.

Essa parece ser a percepção de todas as entrevistadas, pois elas descreveram, cada uma de maneira própria, essa postura masculina diante da nova atitude feminina.

Veja-se outros exemplos da mesma categoria nas falas de outras mulheres:

Ah! A impressão que eu tenho é que, hoje, a mulher, ela tem que partir p’ra cima (D.).

Eu percebo que... as mu... os homens estão se sentindo até um pouco acuados com as mulheres, que elas estão muito, muito... agressivas. A palavra acaba sendo até essa, “agressivas”. A mulher, quando ela quer, mira alguém ali, fala: - Eu vou fazer aquilo ali.... Os homens, eles... uns estão mais acuados pelo fato de, de ficarem até meio - não sei se a palavra medo é a palavra correta, talvez não seja – mas, ficam assim meio receosos e outros preguiçosos. Porque eles não precisam ter trabalho; é só chegar e esperar que vai chegar alguém (H.).

É interessante perceber que elas falavam das mulheres de forma generalizada: “As mulheres dão muito em cima” (B.). “Elas realmente vão para cima” (E.). “... acho que as mulheres estão muito mais atiradas hoje que os homens” (F.).

É como se elas não fizessem parte desse universo; como se fosse algo distante. Durante toda a entrevista procuraram demarcar bem que esse comportamento, embora percebido como recorrente nas mulheres, não faz parte da compreensão que têm de si mesmas.

Quando questionadas se tomariam a iniciativa da abordagem, elas demonstram dificuldade de fazê-lo, revelando a preferência pela iniciativa do contingente masculino,

Porque isso é o papel do homem fazer isso, não da mulher... continua sendo. A mulher não tem que sair abordando, não tem que sair, tem que se ... até por uma questão de não ser machista, não. Porque é legal, é dele, é da natureza do homem; ele foi criado assim... é a cultura nossa. Nisso eu acho que a gente está meio que invadindo o espaço” (C.);

... a mulher não tem que sair abordando ele é que tem que demonstrar, ele é que tem que partir para cima (D.).

E mesmo que, em algumas circunstâncias, elas venham a cogitar ter a iniciativa da abordagem, pensam em garantir uma postura mais “sedutora”, isto é, implícita, dando apenas indícios: olhar, puxar conversa, tentar uma aproximação para que o homem se posicione e pense que ele está no comando da situação.

Elas relatam sentir que, a despeito de qualquer mudança que possa ter ocorrido, os homens ainda primam pela sensação de estarem cortejando a mulher:

... a gente vê que eles sentem a necessidade... (E.).

Eu faço ele achar que é ele que está chegando na “minha”. Eu dou algum indício para ele chegar, ou eu chego perto, conversando sobre uma outra coisa e ele que vai acabando, né? (I.).

... Mas, quando eu vejo que tem interesse da parte do homem, quando eu vejo que ele está me olhando, então eu também começo a olhar. Mas, eu tomar a iniciativa, não (J.).

Como se pode perceber nessas expressões das entrevistadas, o impulso para tomar iniciativa ainda se reveste de alguns cuidados.

Na visão de Lipovetsky (1997) “a desvalorização das condutas machistas e a nova independência das mulheres não originaram de forma nenhuma uma fragilização extrema da identidade viril” (p. 55). Nesse sentido, os homens continuam a perseguir o prestígio de poder conquistar uma mulher e elas, ao contrário do que se possa imaginar, continuam a valorizar essa atitude.

É perceptível que, na atualidade, embora as mulheres encarem com maior naturalidade as manobras de abordagem, elas continuam a praticá-las raramente, tomando o cuidado para serem discretas. Além disso, se optam por tomar a atitude, sempre o fazem levando em conta que sejam homens conhecidos, ou que tenham algum tipo de referência sobre eles.

Nossa! Não, dificilmente. Nossa! Depende muito da circunstância. Tá. Vou falar assim... eu chegar para um cara... se for uma pessoa que eu estou de alguma forma, em algum lugar, já interessada nele, ele não está demonstrando nada... eu chegar do nada e chamar ele para sair, não. Aquela coisa assim: - Que isso? Essa pessoa apareceu aqui, desceu do céu, está me chamando para sair? Não. Se é uma pessoa que está me interessando e que eu percebo que, de alguma forma, ele está correspondendo, eu chamaria, sim (A.).

Acho que... talvez. Dependendo de quem fosse... Por exemplo, os meus amigos... jamais, porque eu sei como eles pensam; como homens... (C.).

Se eu souber que ele já está a fim de mim, aí sim. Mas eu chegar assim, em um desconhecido que nem olhou para mim, nem sequer deu sinal que está interessado, aí, eu não tenho coragem (I.).

Diante do que foi exposto, pode-se depreender que as investidas, geralmente, ocorrem em último caso, quando todos os artifícios se esgotaram e o homem se mostra mais tímido ou sem iniciativa. Continua a prevalecer, para ambos os sexos, a preferência por homens que adotam uma postura mais ativa no período que serve de preparação para os encontros amorosos. As mulheres parecem gostar disso e, em nenhum momento, demonstram interesse em promover discussões contrárias a esse movimento, ou mesmo incitar a busca pela equiparação dos papéis em relação às iniciativas das conquistas.

Enquanto os homens parecem continuar, na visão das entrevistadas, a demonstrar interesse pela aparência física, pelos dotes femininos e pelo prazer da aventura; as mulheres afirmam que só o físico não basta; é preciso conhecer, conversar, saber dos interesses. Isso retrata que o contingente feminino permanece com a mesma visão de outrora, acreditando ser importante manter uma postura seletiva, exigente e mais harmônica em conformidade com próprios desejos.

Nossa Senhora! A primeira coisa? Primeira coisa é visual. Físico, nem conversei com ele. A segunda coisa é tentar uma aproximação, se for uma pessoa que corresponda ao físico, ou seja, se for interessante e corresponder ao físico, legal, casou. Agora se abriu a boca não tem conteúdo nenhum, o físico não prevalece (A.).

É. O físico... é... Depois a conversa. Depois a conversa; o papo, se é bom. Aí depois que vem, né? O conhecer... o sair, né? (J.).

O universo feminino pesquisado enfatiza a importância de admirar o homem pelo que ele é, mais do que aparenta ser, reafirmando a visão lipovetskyana de que:

Nas expectativas como nas práticas, o universo da sedução continua a organizar-se segundo uma lógica bissexual. De longe, a indistinção dos sexos está em progresso; visto de perto e em detalhe, a disjunção estrutural de um e de outro mantém-se (p. 61).

Nesse sentido, percebe-se que a dinâmica igualitária profetizada em torno da máxima “equiparação entre os sexos quanto à conquista” não conseguiu promover, em definitivo, a derrocada da concepção milenar da diferença no âmbito da sedução. A afirmação de I, “com toda essa liberdade que hoje a mulher, a gente tem, mesmo assim o homem ainda prefere chegar,

seduzir, ele acha que ele é que tem que fazer tudo” (p. 89), ratifica em suma o que se acabou de analisar em relação à categoria “Padrões de Conquista”.

B) Referenciais

Nessa categoria temática, a análise procurou evidenciar que aspectos se revelaram nas falas das entrevistadas em relação à percepção dos referenciais tradicionais ou pós-revolução, que norteiam as atitudes femininas na atualidade, ou seja, se prevalece uma concepção tradicionalista ou uma visão calcada em ideias pós-revolucionárias.

Na visão de Badinter (1986), Lipovetsky (1997) e Muraro e Boff (2010), o século XX se instaura sob a égide do fim da desigualdade que regia as relações entre homens e mulheres. Embalada pelos movimentos libertários dessa época, a prevalência das dicotomias entre os sexos entra em pauta nas discussões acaloradas que tomam conta das sociedades ocidentais. De alguma forma, buscava-se reverter a situação vigente em prol de relações mais igualitárias entre os seres humanos.

Para Badinter (1986), a sociedade, desde então, passou a buscar, com toda a força, formas de realizar uma vivência dissociada da diferenciação sexual dos papéis e das funções entendidas como específicas de um ou outro sexo.

As teorias evolucionistas e a história estão demonstrando, a todo o momento, que a natureza e a humanidade se mantêm em movimento contínuo, fazendo crer que os valores morais, os referenciais e os padrões vigentes em cada época também estão sujeitos às mudanças que porventura venham a ocorrer.

Isso se reflete na fala das entrevistadas, quando questionadas sobre as possíveis influências do movimento libertários que vigoraram em torno dos anos de 1960 e 1980. Elas acreditam que, de alguma maneira, eles reverberam nas atitudes das mulheres das novas gerações:

Tabus que existiam... que deixaram de existir, a própria... fala a respeito da sexualidade ficou uma coisa mais à vontade... (A.).

Com certeza. Eu, eu entendo que a gente fica muito mais à vontade para expor o que está com, né? Os desejos, né? As nossas expectativas em relação ao sexo por causa dessa liberdade, a gente não precisa mais hoje esconder o que quer... posso transar com um cara ou não, isso aí é normal. A aceitação, acho que da própria pessoa, acho que é mais fácil (F.).

A gente... eu acho que a gente lida melhor um pouco com o sexo (K.).

Para Pinsky (2012), as referências de cada época influenciam as pessoas no sentido de se situarem no dia a dia, determinando o modo de ser, sentir e agir de cada um. De acordo com essa perspectiva, as mulheres em todos os tempos foram, direta ou indiretamente, influenciadas pelos referenciais de cada momento histórico. Elas entendiam o papel social que lhes era imputado pelos discursos que eram proferidos sobre a existência feminina.

Os referenciais de qualquer época atingem não somente as mulheres, mas, também, as políticas públicas, o mercado de trabalho, as diretrizes religiosas, os desdobramentos jurídicos, a educação e até mesmo a forma como a ciência passou a ser desenvolvida, em suma, tudo no interior de uma visão que passou a reconhecer o papel legítimo da mulher no meio social e no processo civilizatório.

Foram anos de rebeldia para que se promovesse o que se constata nos dias de hoje: “fronteiras borradas, polarizações desfeitas e identidades reconhecidamente cada vez mais plurais” (Pinsky, 2012, p. 513).

Lipovetsky (1997) assegura que três momentos contribuíram para desencadear essas mudanças: o domínio feminino sobre a procriação, a ‘desinstitucionalização’ da família e a disseminação de ideias igualitárias entre os sexos.

Gerações sucessivas assistiram, de forma progressiva, o surgimento de uma época, na qual se valoriza de maneira generalizada os princípios do livre arbítrio sobre si mesmo e, com isso, o aparecimento da “terceira mulher” (Lipovetsky, 1997, p. 227).

Nesse sentido, tudo o que se relaciona à existência feminina passou a se vincular à ideia de opção e de livre arbítrio. Entregues a si mesmas, as mulheres se viram submetidas ao imperativo de dar sentido a própria vida, estando sujeitas ao próprio olhar sobre a existência.

Na visão lipovetskyana, as reais modificações se deram em torno das edificações do Eu, que conferiram a ambos os sexos o “direito” de advogar em causa própria e a favor dos interesses pessoais de cada um.

Na sociedade implodiram orientações facultativas, cabendo a cada ser vivente escolher o que melhor se ajusta aos próprios anseios. As mulheres passaram, com isso, a assumir comportamentos e atitudes que estão no cerne do ideal viril.

Segundo as participantes das entrevistas, a grande contribuição para a transmutação da posição da mulher do âmbito privado para o público se deu pela via do mercado de trabalho. Elas reconhecem esse fato como um diferencial positivo e importante para a afirmação das mulheres enquanto sujeitos sociais, além de propiciar reais modificações na forma como as elas passaram a compreender o valor da própria existência.

Eu acho que foi mais para o lado profissional. A mulher, antes ela não podia trabalhar igual ela trabalha... muitas vezes, ela tinha um filho... ela tinha um marido que dependia dela, era dona de casa... hoje em dia, não. A mulher tem a grana dela, tem o carro dela, é... tudo (B.).

Com certeza; e acho que um dos fatores que contribuiu foi, tipo assim, ter saído para o mercado de trabalho, ter a sua independência. Porque eu penso assim, tipo assim, penso igual aos homens, hoje, se eles estão me usando, eu uso eles também (G.).

Ah, eu acho que hoje a mulher está mais independente... Acho que a mulher quer se auto realizar no trabalho, é... financeiramente, entendeu? (I.).

Enquanto Badinter (1986) associa o principado da equiparação de homens e mulheres ao reconhecimento da bissexualidade que diz respeito a ambos os sexos, Lipovetsky (1997) insiste na perspectiva do advento do surgimento da “terceira mulher”. Ele acredita que ao proclamar o “abandono” de uma sociedade baseada na coletividade, em nome de outra formação social que advoga a favor da autonomia individual, as pessoas foram “convidadas” a arcar com a própria existência. Nesse sentido, viu-se, pouco a pouco, tomar conta da sociedade como um todo a lógica indivíduo-centrada, alicerçada na ideia de que cada ser humano tem que se responsabilizar pelo ônus de se manter no mundo. Enquanto criaturas pertencentes a esse novo universo, as mulheres tomaram as rédeas do próprio destino, tentando assumir, cada vez mais, o desejo de apropriar-se de si e dos custos de bancar a própria sobrevivência.

Pelo que se pode depreender da fala das entrevistadas, elas acreditam, sim, ter havido algumas variações em torno da compreensão do dualismo homem/mulher, principalmente em relação às aceções sobre a autonomia feminina. Nesse ponto, reafirmam a importância de as mulheres terem ascendido ao mercado de trabalho como sustentáculo fundamental para a condecoração das reais possibilidades femininas.

No entanto, a despeito de qualquer desejo de mudança, uma vertente do movimento feminista já havia alertado para o risco das consequências que poderiam advir da busca pela promoção da igualdade entre os sexos. Essa vertente acreditava que, ao tentarem se assemelhar aos homens, as mulheres estavam colocando em risco as especificidades femininas. Adotando os modelos masculinos, elas não conseguiriam descobrir a própria essência, afastando-se de um inconsciente eminentemente feminino.

Elas acabaram querendo equilibrar com os homens, até que elas... Aí acho é que foi o erro, entendeu? Acho que tem mais... o erro foi da modernidade de tudo, da profissional também (B.).

Oh! Estão bem mais atiradas, para variar, né? Mas assim, eu vejo que, ao mesmo tempo que elas estão mais atiradas, elas estão procurando alguma coisa que está perdida... (C.).

Preocupações à parte, Badinter (1986) acredita que o ser humano acabou se tornando vítima da perda de antigos referenciais, já que não pode contar com a certeza da existência de novos. Encontrando-se deslocados das próprias raízes, plantadas no antigo mundo, homens e mulheres se confrontam com a necessidade de procurar novas referências que lhes façam algum sentido.

Nessa contradição dos sexos, as mulheres têm ocupado lugar de vanguarda, tentando aproximar-se, ao máximo, das condutas entendidas como inerentes aos homens, acalentando a certeza de que esse é o caminho propício para uma satisfação individual mais plena.

Entretanto, parte dos sujeitos de pesquisa pontuaram que, em relação à sexualidade, isso não procede. Apesar de a sociedade incentivar as pessoas a viverem uma sexualidade mais fluida, as mulheres, que compõem o universo pesquisado, têm percebido a vigência de padrões tradicionais emitidos na forma de mensagens subliminares, quando o assunto em pauta é a sexualidade feminina. Notam que até mesmo algumas componentes da ala feminina têm encontrado dificuldades de lidar com as consequências decorrentes da adoção de uma postura mais liberada em relação ao sexo, demonstrando rejeição às mulheres que assim se comportam.

O homem, sim. Ele lida muito bem com o sexo. Sabe transar. A mulher lida até um momento. Eu vejo por mim. Eu lidei muito com isso: - É um momento! Hoje em dia eu não lido mais... (B.).

Falam que não esquentam a cabeça, que é liberal, mas, mentira. Todas 'tão buscando um grande amor; romantismo que o cara abra a porta, que o cara mande flores, que o cara busque em casa, que o cara ligue para saber... É, elas dizem que não. Rotulam que não. São liberais, mas, no fundo, todas estão querendo isso (C.).

... A mulher, ela sempre vai ser diferente do homem nesse sentido... (E.).

Mesmo que hoje as normas sejam menos rígidas e a sociedade se apresente mais flexível em relação aos padrões de comportamento exigidos de homens e mulheres, reconhecendo-lhes o direito de fazer as próprias escolhas, o olhar dirigido sobre as condutas ainda reflete uma diferenciação entre os sexos. Nesse sentido, o ideário da “unissexualização” não se perpetuou e a intercomunicabilidade de papéis e lugares continua a sofrer as influências dos resquícios de valores tradicionais. É como se o valor feminino fosse aferido à

luz dos referenciais intrínsecos a uma cultura que tenta disfarçar a raiz tradicionalista da qual se nutre. Tem-se, portanto, a continuação de uma ideia do “feminino” muito atrelada ao relacional, ao psicológico, ao íntimo e às preocupações afetivas, domésticas e estéticas. (Lipovetsky, 1997).

... A mulher precisa disso e ela está lutando com ela mesma. Ela quer mostrar uma coisa que ela não quer... A grande maioria está pagando um preço muito alto. Muito alto (H.).

Aham... eu vejo que não mudou nada, nada. Já fala que a mulher... já julga porque ela foi no primeiro encontro, que ela é safada, que ela é vadia (J.).

Mas é estranho, porque, assim, ao mesmo tempo, que a gente tem... que é incentivado... isso, talvez, seja um pouco... a mulher ainda ela é mal vista se ela tem uma vida sexualmente ativa. Aliás, muita das vezes, muitos desqualificam... Mas ainda há uma mente tacanha de, de crucificar a mulher, de desabonar ela pela condição de mulher, pela sexualidade... então, é complexo (K.).

A imagem masculina, por sua vez, parece ter sofrido uma espécie de reciclagem, em decorrência da recusa da sociedade em aceitar a permanência de valores entendidos como machistas e dos sinais mais enfáticos da virilidade. Entretanto, em diversas circunstâncias, permanece a ideia de masculinidade associada à instrumentalidade, à vontade de vencer, à capacidade de tomar a frente em situações adversas e de decidir. Essa concepção do universo masculino parece vigorar entre as entrevistadas, que notam, em várias situações, atitudes por parte dos homens que deflagram uma posição machista diante da mulher.

São muito machistas. Quando você pergunta: Você transaria com duas mulheres? Ela com a sua esposa? Não. Os machistas. Têm muitos, eles são muito machistas. Eu lido com vários tipos de homens, classe média, classe alta, vários. Tenho vários amigos, como eu saio muito. Cada um tem uma opinião, mas eles são mega machistas. São machistas e têm duas namoradas; outros têm uma em casa e comem outras na rua, entendeu? (B.).

Porque eu acho que, apesar de toda essa liberação que mulher tem hoje, o homem ainda é muuuito machista. Se ele ver que a mulher está indo com tudo p'ra cima, ele vai achar assim: - Se ela faz assim comigo... eu que eles pensam assim: - Ela deve fazer com qualquer outro. Então, eu acho que fica mas fácil ele achar que ele está chegando na minha. Mas, eu que dou todas as coordenadas para ele achar que é assim, mas, na verdade... (I.).

Arrependi de ter transado no primeiro encontro, porque parece que a gente fica aquilo que rotulada. O quê que acontece? Vou te contar. Conheci um rapaz que poderia ter dado certo, mas, como ele estava com um amigo que há um ano atrás a gente tinha transado no primeiro encontro, então, atrapalhou em que fosse além. (J.).

Na visão lipovetskyana “as pressões igualitárias não porão fim aos códigos sociais, aos estereótipos e às associações imaginárias que dizem respeito à diferença entre os sexos” (Lipovetsky, 1997, p. 300).

Isso porque, embora a sociedade se reconheça sob a vertente da democracia, desestabilizando os papéis e os imperativos que vigoravam sobre os sexos, ela continua a exigir formas de identidade capazes de diferenciar os papéis e comportamentos característicos do feminino e do masculino. Existe uma ideia pulverizada de que é preciso identificar, ou pelo menos, aproximar homens e mulheres da sua “essência primordial” e isso faz crer que serão necessárias inúmeras gerações para que floresça uma verdadeira revolução dos costumes.

Mesmo assim, as mulheres tentaram (e tentam) se adequar às novas “exigências”, acreditando que se assim não for, podem perder a oportunidade de viver coisas novas e, quem sabe, estabelecer uma relação mais duradoura.

Igual eu te falei. Hoje, eu vejo as coisas com mais... Não é também... sabe? Até porque a gente vai tendo necessidade, né? E, hoje, não está fácil (risos)... Então, assim você acaba, é... sabe? É... como é que eu vou te dizer? É... ampliando mais o seu limite. Assim, sabe? Ah! Não, só vou se for assim. Mas, aí desse jeito, querida! Sabe? Então, esquece! Que, alooô! O mundo é esse. Então, você faz o que? Então, belê, então eu vou ampliar um pouquinho até onde eu vou. E assim... entendeu? (D.).

Hoje, eu não falo p’ra você que eu não vou. Vou, porque eu estou sendo sincera; não ponto mentir, claro. Não vou falar com você que eu não faria; que eu não faço até as vias de fato, digamos assim... Mas, eu vou com um arrepen... Se eu gostei muito da pessoa, eu vou com aquele pesar: eu vou estragar tudo. Mas, às vezes, amanhã, eu posso não ter a oportunidade de ter isso; de me sentir viva de novo; de ter uma relação sexual, digamos assim... Então, eu vou (H.).

Não, porque é uma questão de escolha. Tudo para mim é uma questão de escolha. Depende do que eu escolhi para mim naquele momento. Se eu escolhi ficar com aquele cara, me envolvi com ele para ver se vai ser legal, foi eu que escolhi. Se amanhã ou depois não deu certo, aparecer outro cara, eu me envolvi e eu saber, de um jeito ou de outro, que ele é uma pessoa legal, que dá para ter um relacionamento mais sério com ele, aí sim (I.).

Independentemente da forma como elas encaram a constituição de uma relação na atualidade, muitas conseguem perceber que um aspecto da relação homem-mulher permanece fortemente atrelado a referenciais tradicionais. Nos dias atuais, parece reacender a ideia masculina da existência de dois tipos de mulher: (i) “as que são para casar” e (ii) “as que são para aproveitar”, revelando que, ao contrário do que se possa imaginar, as mudanças

almejadas pelas mulheres não conseguiram derrubar um dos mais expressivos fatores que ressaltam a dicotomia entre os sexos.

Não, isso mais do que nunca. Mais do que nunca. A prova disso é que você vai à noite no P; até meia noite é uma creche; quando dá duas horas da manhã, as pessoas mais interessantes estão todas na noite. Por que? Porque já deixou a namorada em casa, já deixou a noiva... entendeu? Assim, tipo, porque ele vai, o cara sai com a mulher, um exemplo, senta com ela na C, todo mundo viu, a noite inteira. Depois, vai a outra babaca lá e pega. “Ah! Eu fiquei com fulano de tal. Poxa, vai... O fulano de tal tem uma pessoa. O fulano de tal assume aquela pessoa para a sociedade. Você é uma pessoa que todo mundo sabe qual vai ser o seu papel nessa relação (C.).

Mas eu acho assim: que se um cara que já pensa isso de mim, se a gente for ter algo no futuro, acho que ele já não vai querer. Acho que ele vai ficar comigo só por uma noite... e tudo... e não vai querer algo mais (I.).

No universo da categoria Referenciais, o tópico da maternidade parece exercer influência menos decisiva no futuro das mulheres. Das 11 (onze) entrevistadas, 3 (três) têm filhos e, para elas, essa questão não entrou em pauta nas entrevistas. Já as outras 8 (oito), que ainda não tiveram filhos, manifestaram de alguma forma o desejo de ser mãe. A maior preocupação percebida diz respeito ao tempo. Tempo para o trabalho, tempo biológico, enfim tempo considerado intransponível para a realização da maternidade. Todas, contudo, demonstraram, das mais variadas formas possíveis, o desejo de ter filhos biológicos ou adotivos, com ou sem parceiro. No entanto, afirmaram não ser essa uma prioridade ou uma questão *sine qua non* da existência singular de cada uma.

A feminilidade dessas mulheres parece assentar-se em outros aspectos da vida cotidiana, como a realização profissional, a capacidade de se auto sustentar, de arcar com as próprias contas e de ter a “liberdade” de escolher o que e como quer fazer determinadas coisas.

Ah! Se eu quiser ser mãe, eu vou lá e adoto uma criancinha; não tenho problema nenhum com isso p’ra mim... Acho que a gente sofre muito mais, se a gente não for... não for bem profissionalmente. Entendeu? Não ter uma carreira muito legal, não ter uma coisa muito legal. Acho que ser mãe não é a melhor coisa do mundo... (B.).

Quando eu estou... quando eu imagino um casamento, às vezes, eu penso em filho. Às vezes, não. Não é prioridade para mim, não (H.).

Elas reconhecem na maternidade uma possibilidade a mais, não entendendo-a como a condição única para se tomar feminina, ou o imperativo capaz de modificar qualquer outra instância da própria vida.

... mas se também ela não casar, não tiver filho, eu acho que ela não vai se frustrar. Porque ela tem a carreira, ela tem uma vida, entendeu? É independente. Então acho que vai por esse caminho aí (I.).

Meu sonho era assim de família... filho; mas, agora, não. Penso mais, mesmo, num companheiro (J.).

Mas, não é o que eu vejo agora, nesse momento, não. Agora, na verdade, me dificultaria algumas coisas... Agora, eu não me vejo abrindo mão de muitas coisas, não (K.).

Contrariando as teorias de outrora, as mulheres parecem terem se distanciado do ideário que as subordinavam ao reconhecimento, enquanto ser, fortemente atrelado à maternidade. Se antes o valor da mulher era baseado na capacidade reprodutora e isso lhe garantia uma certa visibilidade social, hoje, ela já não acredita que isso venha lhe acrescentar nada além do que a satisfação de realização de si mesma.

Para Badinter (1986) a contracepção foi a mola propulsora de todo o movimento em torno da percepção de que a feminilidade não estava impressa na natureza. Ela permitiu que o destino maternal, outrora irrefutável, sofresse o deslocamento de uma posição central na vida da mulher para uma instância mais secundária. As mulheres voltaram o próprio interesse para si mesmas tanto na vida afetiva quanto na profissional.

Os autores pesquisados, com destaque para Lipovetsky (1997), Badinter (1986), Mary Del Priore (2013) e Márcia Arán (2003), compartilham a ideia de que o significado da maternidade sofreu modificações expressivas nos últimos anos, revelando que a possibilidade de se apropriar do próprio corpo dotou a mulher de perspectivas diferentes e, principalmente, da capacidade de modificar seu destino pessoal. Todos os esforços, a partir de então, foram feitos na sentido de tirar dos órgãos o caráter imperialista, convocando-os a se dobrar à investidas do desejo. É como se fosse possível, por meio da minimização da importância do aparato biológico, deixar fluir a manifestação do desejo.

A mulher passou a se reconhecer como indivíduo capaz de dirigir o próprio destino, sem que para isso precise construir uma família dentro nos moldes tradicionais, ou responder a uma demanda que não satisfaça os próprios anseios.

Em muitos momentos, dedicar-se ao exercício da maternidade exige das mulheres a interrupção, mesmo que temporária, das atividades profissionais. Além disso, imputam a

necessidade de dedicar um tempo a mais aos filhos e à casa, aumentando a sobrecarga física e mental. Nessa opção, elas passam a se autolimitar, comprometendo os projetos de carreira.

Essas limitações se evidenciam na fala das entrevistadas, que demonstram dificuldade em lidar com certos aspectos da maternidade:

Eu não me vejo assim, com aquele barrigãaaa de maternidade, toda inchada. O lado... deixa eu te explicar, o lado assim da sensualidade... assim acho que pesa muito, o lado da beleza, entendeu? Me ver velha, gorda... isso me afeta muito. Não me amar no espelho, isso me afeta mais do que um “fora”... É porque eu sou meio egoísta, também, né? A gente tem que dividir o tempo... e uma criança dependente muito de você. (B.).

No mundo em que o sentimento altruísta tem perdido, cada vez mais, o espaço nas relações, a maternidade acaba por perder o terreno fértil no universo feminino.

A deserção do sentido de coletividade para o de valorização de si mesmo e da busca pela auto realização acima de tudo, contagiou também as mulheres, que fizeram do desejo materno não um projeto em prol da sociedade como um todo, mas algo que venha a atender ao próprio ego. Neste sentido, o ego constitui fator ético dos novos tempos, no qual não amar a si mesmo é considerado mortal, inadmissível, um crime contra a própria existência. “... mas se também ela não casar, não tiver filho eu acho que ela não vai se frustrar. Porque ela tem a carreira, ela tem uma vida, entendeu? É independente” (I.).

Caso venham a ter filhos, eles são concebidos como obras-primas do ego, refletindo o narcisismo pulsante de cada ser que participa do ato de procriar. Além disso, a prole tem a missão de assegurar a continuidade dos cônjuges, renovando-lhes o prazer e ressaltando o que há de melhor neles, pois as pessoas não aceitam a ideia de poder gerar seres humanos que refletem qualquer tipo de fraqueza ou sentimentos negativos. Elas não querem ver a própria imagem refletida em alguém que se revele fraco, ou assuma possuir as qualidades negativas... tão comuns no universo humano.

Conscientemente ou não, hoje, prolifera-se o incentivo de contabilizar as perdas e os ganhos do ego nas mais diversas situações. Com a maternidade isso não é diferente: as mulheres, antes de tudo, reconhecem-se como possuidoras de um ego que se alimenta de consideração e respeito; portanto, para adentrar ao universo maternal ela só o fará se isso, de algum modo, lhe trouxer recompensas.

A Psicanálise atesta que o filho se configura como um representante fálico para a mulher. Segundo Freud (1989 [1905]), durante o desenvolvimento psicosssexual feminino, principalmente no período que antecede ao complexo de Édipo, a menina se depara com a

constatação da castração. Nesse momento, empenha-se para “entender” a diferença existente entre ela e um irmão, ou entre ela e um companheiro de brincadeiras do sexo masculino. Quando constata que a condição da mãe é semelhante à de si mesma, direciona a pulsão libidinal que coordena o desejo para o pai. Ele passa a ser reconhecido como aquele que pode lhe dar o que ela não tem. Essa percepção é mais evidente quando do nascimento de um irmão, por exemplo, que sinaliza para a menina que o pai “provê” a mãe de algo que ela própria deseja. O desejo de ter o falo desloca-se para o de ter um filho. Na concepção freudiana a equação filho-falo perpassa o desenvolvimento psicosexual da mulher, porque ela o “entende” como aquilo que lhe dará o sentimento de completude e o passaporte de acesso a uma feminilidade normal.

Para as entrevistadas, no entanto, parece que essa lógica freudiana sofreu algum tipo de diferenciação. Em nenhum momento, mesmo as que revelaram o desejo de se tornarem mães, enfatizaram ser esse o desejo mais relevante da própria vida. Elas revelam não priorizar esse fato como o principal investimento das suas aspirações. Além disso, a maternidade não é vista como algo essencial e fundamental para o próprio reconhecimento enquanto mulher. O trabalho, a ascensão social e a condecoração civil parece exercer maior influência no interesse do contingente pesquisado.

Outrora, o valor feminino estava associado aos valores privados e, quanto mais a mulher se aproximasse do ideário da época – dedicação à família, principalmente, aos filhos e ao marido –, mais positivamente era reconhecida. Hoje, contudo, essa lógica não permanece, pois, segundo as mulheres entrevistadas, ter uma carreira e ser independente é mais importante do que construir uma família baseada nos padrões tradicionais – pai, mãe, filhos. Optar pela perpetuação de descendentes não é obrigatório; é uma escolha. E quando acontece, eles se vêm, de alguma maneira, destituídos do poder falocêntrico. Não é possível afirmar que os filhos não representem, mesmo que temporariamente, o poder do falo; mas eles, por si sós, não bastam. Elas querem mais. Certas das diversas possibilidades de satisfazer ao próprio ego, desejar novas formas de satisfação parece ser compreendido como “normal”. O filho, diante desse emaranhado de oportunidades, configura-se como algo a mais e, não, como fim último da existência.

Logo, a feminilidade dessas mulheres apresenta-se assentada em outros aspectos da vida humana.

C) Sexo pelo Sexo

Durante as entrevistas, foi possível perceber que as mulheres reconheciam o exercício da sexualidade como algo associado ao ato sexual em si. No momento em que foram questionadas sobre a vivência de uma sexualidade livre, elas apresentavam a tendência a falar das relações que tiveram em algum momento da vida, sempre ressaltando que isso teve um sentido naquele momento, porque a sociedade passara a assegurar a legitimidade desse comportamento para ambos os sexos. Ao perpetuar a ideia de que é importante ser feliz, a despeito de qualquer norma social, as pessoas entenderam a felicidade como algo associado à vivência livre de todos os anseios pessoais, das ambições sem limites, da realização individual e do amor-próprio.

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud ressaltava que o ser humano, enquanto membro de uma sociedade, deveria abrir mão da exigência de realização de uma parcela de satisfação em prol da segurança. Já Bauman (1998) adverte: “Os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (p. 10). Essas mulheres se tornaram parte de um tempo em que vigora uma ideologia reconhecida por Lipovetsky (2004) como “individualista hedonista” (p. 24), na qual as condutas escolhidas e assumidas pelos indivíduos são tomadas como modelos aceitáveis, acabando por refutar os padrões prescritos pelos grupos sociais.

Seguindo essa ótica, a cultura contemporânea é caracterizada como “hedonista, psicologista, pois incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer” (Lipovetsky, 2004, p. 61).

A máxima profetizada é o não renunciar a nada e, seguindo essa acepção, o contingente feminino passou a adotar um tipo de comportamento similar ao dos homens. O sexo pelo sexo, sem exigência de um compromisso maior, ganhou valor igualitário nas relações entre homens e mulheres.

Tipo assim, eu conheci um menino no P. Muito louca, eu transei com ele na escada do meu prédio!!!! Tipo, a gente se fala até hoje; a gente já saiu em São Paulo; já saiu no Rio, tipo nada a ver!!!! E, tipo assim, eu é que forcei uma situação, entendeu? Mas eu estava a fim daquela parada no momento (B.).

Eu acredito que, hoje, as pessoas se encontram para ser feliz; curte o momento e ponto; o que passa disso, se continua, é consequência (C.).

Às vezes, dependendo do que eu estou sentindo naquele momento; dependendo da necessidade que eu estou naquele momento, seja ela física, ou seja ela de... de mostrar para mim mesma que eu posso encontrar um cara e fazer o que eu quiser (H.).

Argumentando à favor da equidade em todos os setores da condição feminina, elas passaram a apostar as próprias fichas também na vontade de viver o sexo livre, talvez influenciadas pela crença disseminada, nos dias atuais, de que se vive numa época em que tudo deve ser permitido; menos não atender aos apelos do ego. É preciso satisfazer-se a todo tempo, sem reservas e de todas maneiras possíveis, como se isso garantisse a integridade de cada um.

Nesse contexto, o gozo passa a vigorar como imperativo categórico dos novos tempos, fazendo com que as pessoas o assumam como meio mais propício de realização pessoal. Seguindo essa ótica, as mulheres pesquisadas demonstraram, em algum momento, a tentativa de aderir a um comportamento semelhante aos homens, no trato da sexualidade.

Tudo, tudo. Se eu tiver a fim e ele também, nessa altura do campeonato, eu com essa idade que eu tenho hoje, com a cabeça que eu tenho hoje, eu acho que eu iria, eu iria, passaria a noite com ele, tranquilamente (E.).

Ah! Eu... eu... é muito de momento, se pintasse um clima, uma atração forte... Uma coisa assim, eu acho que... eu não esperaria o dia seguinte para chegar numa transa... Eu transaria normalmente (F.).

Transei com ele, não deu certo, bola para frente, a vida é outra. Se aparecer um cara achar que ele é legal, que vai ser um cara que eu possa ter uma coisa com ele, fazer sexo com ele e tudo, faria tranquilo (I.).

Em um primeiro momento, essa atitude parecia atender aos anseios femininos de realizar os apelos da pulsão. É como se o Princípio da Realidade que, de acordo com a concepção freudiana, é o gerenciado pelo Ego, não conseguisse dar conta de barrar os anseios impulsivos do Id. Em alguns momentos as entrevistadas nomeiam as próprias atitudes como uma coisa louca, uma necessidade física de dar vazão a um impulso incontrolável.

De acordo com a Psicanálise, o ser humano é por natureza movido pelo Princípio do Prazer, ou seja, todos, ao nascer, apresentam o que Freud nomeou como pulsão (impulso que objetiva a busca de situações prazerosas) e como libido (energia psíquica pertencente à pulsão). No início, a primeira encontra-se desorganizada e tende a “buscar” a própria satisfação das mais diversas maneiras possíveis. Com o desenvolvimento do aparelho psíquico e, concomitantemente, com o desenvolvimento psicosexual, esse processo tende a se organizar de maneira dinâmica.

Segundo Freud (1988 [1923]), as instâncias psíquicas trabalham de acordo com os próprios objetivos, a favor ou contra o indivíduo. O Id quer a todo custo realizar as pulsões

sem qualquer tipo de avaliação. Ele se coloca a serviço das manifestações mais elementares e primitivas, podendo colocar em risco a integridade do indivíduo.

Esses aspectos da teoria psicanalítica podem ser percebidos nas falas das entrevistadas.

Eu também já tive muito de sair e de ficar. Teve uma vez que eu falei que eu fiquei terrível de ficar com três caras na noite, não ter sexo com todos, mas de ficar. É... querer sexo mesmo, querer ir para os finalmentes mesmo, achei que isso ia... (J.).

Quando eu estou em desequilíbrio comigo mesmo. Quando eu consigo um equilíbrio, eu penso... Quando eu estou numa fase desequilibrada... Eu vou no impulso (H.).

Com o passar do tempo, elas afirmam perceber que não davam conta de se manter nesse modelo. Algumas chegam a enfatizar que as mulheres, de forma geral, não aguentam bancar por muito tempo as exigências inerentes a essa forma de relacionamento e, quando o fazem, é na tentativa de se afirmarem como aquelas que são capazes de atrair a atenção de vários homens. Duas chegaram a associar essa atitude à necessidade, por parte das mulheres, de afirmarem o próprio poder de sedução e de se manterem donas da situação, o que dá margem para se pensar em uma busca de manutenção do próprio ego acima de qualquer outro aspecto da vida psíquica.

A princípio ela vai sentir um poder. [...] Tem mulher que tem esse sentimento de poder, porque ela acha que, se os homens estão procurando, é porque ela é boa de cama; é porque ela faz sexo bem (C.).

... ter vários parceiros, isso dá adrenalina. É bom, você sabe? Você ter várias pessoas que te deseja... ficar com você... (F.).

A maioria das entrevistadas fala sobre uma “sensação de vazio” recorrente nas sucessivas relações estabelecidas cujo fim único é o sexo.

Eu acho que deixa um vazio enorme, mas não sei se isso é opinião geral, não (A.).

... mas, depois, ela sente um profundo vazio. Entendeu? É uma lixeira. Foi lá, abriu o depósito de esperma, eles usaram, depois... (C.).

É normal, mas e o vazio? Eu acho que acaba, que... ao mesmo tempo que você se sente... então, agora, eu não preciso me preocupar porque não existe um preconceito disso. É... do... do valorize-se e tal; mas, se depois vem o vazio, entendeu? Então, eu acredito, sim, que aí isso tirou um peso das costas, né? Você não tem que ficar ali tão entre dedos se por um acaso acontecer. Ninguém vai te olhar como: “- Meu Deus! Essa daí não presta.” Não vai te olhar assim, né? Já é

mais normal, vamos dizer assim. Só que enquanto mulher... aí vem o vazio, assim... sabe? (D.).

Fisicamente, sim. Sabe? Mas, sempre dá um vazio porque, por mais que liberal e... e extravagante que a gente seja, é... falta o companheiro, o homem, né? Então, assim, não realiza plenamente... (F.).

Só na hora; mas, depois, vem um vazio muito grande (J.).

As entrevistadas fazem coro com a afirmação lipovetskyana de que as mulheres tinham acreditado na possibilidade de desfrutar uma vida sexual sem tabus e sem compromisso. No entanto, isso acabou revelando, de forma contundente, a insatisfação feminina, quando o envolvimento amoroso não está incluído.

O homem, sim. Ele lida muito bem com o sexo. Sabe transar. A mulher lida até um momento. Eu vejo por mim. Eu lidei muito com isso. É um momento! Hoje em dia, eu não lido mais. Foi a minha opção. Quando você não está satisfeita (B.).

A fila anda; mas, assim, no meu ciclo de amizades, as pessoas não arcam, não. Entendeu? (D.).

Então, eu achava que eu estava satisfeita; mas, depois, tipo assim, igual agora, no momento que eu estou, eu acho que sim. Era mais uma ilusão: você acha que estava legal, que estava satisfeita. Tipo assim, se forem igual, se elas pensarem do jeito que eu penso, lá na frente elas vão sentir falta. Se a maioria pensa do jeito que eu penso... (G.).

Então, respondendo à pergunta, há alguns anos atrás, eu ia te falar que não; não ia ter culpa nenhuma, porque eu fui, fiz e acabou. Eu sou dona do meu nariz; eu pago as minhas contas, acabou. Hoje... não. Hoje, se eu agir dessa forma, me dá uma coisa bem ruim, eu fico bem mal (H.).

Não, para o homem... eu vejo que o homem quer sexo, quer sexo mesmo, né? Claro que pode ter alguma mulher que basta; mas a mulher... ela quer mais que isso. Eu, pelo menos, quero (J.).

Na perspectiva dessas mulheres, por mais momentâneas que sejam as relações vividas, elas advogam a afetividade, referenciando a necessidade da presença de algum tipo de sentimento para que o encontro se viabilize. É como se continuassem vinculadas a um erotismo sentimental, cuja manifestação é capaz de dar sentido às escolhas e de torná-las mais aceitáveis no nível consciente. Inserir o fator sentimento nesses tipos de encontros parece amenizar os efeitos negativos que porventura venham a se manifestar. A verbalização da presença desse aspecto faz com que elas demonstrem uma certa tranquilidade em relação ao ato, pois ele se torna dissociado de uma visão vulgar.

Nesse contexto, parece haver uma intervenção direta da parte consciente do ego, permitindo que haja uma avaliação da ação com as lentes da racionalidade. Se há julgamento, isso leva a crer que houve uma avaliação consciente da circunstância, ou seja, viu alguém, percebeu que sentiu algo por aquela pessoa, imaginou que poderia ser bom e aí, sim, permitiu que algo acontecesse. Essa tomada de posição sinaliza para algo menos irracional, menos impulsivo e que, em muitas circunstâncias, figura como situação inadmissível para o ego. Na incapacidade de aceitar a própria vulnerabilidade diante dos apelos do id, é mais suportável tentar amenizar a impulsividade da ação pela inserção da justificativa sentimental.

Não. Não. Não rola, não. Eu preciso de algum vínculo afetivo p'ra ir com um homem p'ra cama. Não é essa... (A.).

Tem que ter algum sentimento, nem que seja uma atração, um carinho especial (C.).

Ah! É muito difícil. É muito difícil, porque a mulher, ela é mais sentimento, né? Ela não é mais só aquilo, ela é... mesmo eu com esse meu amigo, eu tenho um sentimento por ele. Não tem como, senão eu não conseguiria. Muito difícil (J.).

Ah! Tem que ter o mínimo de entrosamento; tem que ter o mínimo de carinho; tem que ter o mínimo de respeito. Isso não está desvinculado, não (K.).

Mesmo as que proclamam serem adeptas dos “Pinto Amigo” (P.A.), afirmam só serem capazes de recorrer a eles quando se tornam amigos, quando têm uma relação mais próxima ou alguma espécie de referência. De qualquer forma, embora tenham incorporado a ideia de poderem fazer uso do *casual sex*, quando isso ocorre é pela via dos Ps. As., pois eles lhes transmitem uma certa segurança, por serem conhecidos delas.

Se, por um lado, a superficialidade dos encontros se mostra comprometedora para o estabelecimento de relações mais duradouras; por outro lado, as mulheres, por sua vez, não aceitam viver submetidas a uniões que não tragam algum tipo de satisfação. Chegam a defender a solidão, quando não encontram a pessoa certa para compartilhar a vidas. Elas se aventuram de maneira mais acentuada, porque também desejam acertar mais. Querem viver o amor e o sexo, sem que isso gere danos à própria integridade. Desejam alguém que venha somar compartilhamento, de forma efetiva, e que não requeira nada além do que o ego possa aguentar. Se isso não for possível, preferem o retorno a si mesmas, a fim de limitar os efeitos nocivos que relações insatisfatórias podem provocar ao ego.

Segundo Badinter (1996), “em nossa ética analgésica, não há lugar para os riscos do sofrimento” (p. 280). A lógica disseminada nessa afirmação parece perpassar o modo como o universo pesquisado se posiciona diante a perspectiva de uma relação.

É. Hoje em dia, é. Hoje, eu penso assim: que eu não posso. Não é não posso, né? Mas, assim, ficar perdendo tempo com aquilo que não vai dar em nada, sabe? Pela questão, pela idade que eu tenho... por eu ter uma filha; então, é uma questão assim; eu quero uma pessoa que ela venha de fato somar, entendeu? É nesse sentido, assim, uma pessoa que vai vir p'ra somar comigo, assim... (D.).

Pois é, eu já tive relacionamento fechado. Eu fui casada durante doze anos... e... faltou muita coisa. Eu, como mulher, talvez não realizei dentro do casamento porque o relacionamento tem que ser mais completo do que... é... ter uma pessoa de corpo presente em casa. Hoje, a minha projeção para minha vida é continuar por um bom tempo da maneira que eu estou. Sozinha, com a minha filha, com os meus amigos, com a minha família e... (F.).

Só se fosse, se fosse para ser feliz. Se fosse para ficar com uma pessoa para falar que estou com ela, aí eu prefiro continuar do jeito que eu estou, sozinha, entendeu? Solteira, mas feliz, porque eu não magoo ninguém; não tem nada que me prenda a ninguém. Eu prefiro continuar assim. Daqui há cinco, dez anos, eu me vejo com alguém, mas um alguém para somar. Se for p'ra ficar com alguém só p'ra falar que eu não sou solteira, eu prefiro ficar sozinha. Se for para ter frustração, é... (I.).

Se outrora, o contingente feminino apostava todas as fichas em uma única relação e fazia dela o foco principal dos próprios anseios, hoje, as mulheres já não se veem “obrigadas” a se manterem unidas a uma pessoa que não corresponda àquilo que desejam. Em nenhum momento, percebe-se, na fala delas, qualquer tipo de repúdio ao término de relacionamentos que, porventura, se tornem desinteressantes. Além disso, as entrevistadas demonstram crer que não é preciso abandonar algo que conquistaram em função de um relacionamento. Para elas, o fato de ser uma boa profissional não compromete em nada a relação e, nesse sentido, comungam da perspectiva de que é perfeitamente possível conciliar a conquista e as exigências do espaço público com a preservação e as necessidades do espaço privado. Nesse sentido, as mudanças que se evidenciaram de maneira mais expressiva nas décadas de 60 e 70 do século XX, reverberaram de forma positiva na vida dessas mulheres, que ocupam profissões diversas e que, em algumas situações, se tornam as responsáveis pela organização financeira da própria casa e ainda encontram tempo para exercer a feminilidade.

Uma questão, no entanto, chamou a atenção da pesquisadora, a despeito de qualquer modificação nas formas de como as entrevistadas vivem as relações na atualidade: todas revelaram o desejo de ter um relacionamento sólido com um único parceiro. Ou seja, quando questionadas sobre como elas se veem no futuro, a resposta era sempre a mesma: todas se imaginam, a médio ou a longo prazo, estarem com uma pessoa.

Às vezes, quando eu começo a relacionar com alguém, com um homem, agora, que me interessa, que chama a minha atenção, eu imagino uma vida casada com ele. Eu imagino, assim, eu casada com essa pessoa, eu estar indo almoçar na casa da mãe dele. Eu imagino como seria a minha vida casada com essa determinada pessoa. Aí, em um relacionamento com outra pessoa, eu imagino como... Eu não me imagino só, só sair, só viajar, não. Eu já vou para vida de casada, porque o que eu estou desejando é essa vida de casada (H.).

Ah! Nesse, nesse quesito, né? Em relação à minha vida sexual e afetiva... eu gostaria, assim, de conhecer essa pessoa. Ficar só com essa pessoa (I.).

Porque eu ainda penso muito em ter uma família. Muito... Eu gostaria de arrumar alguém. Gostaria de ter alguém (J.).

Dez anos... quarenta e quatro... (risos). Eu acho que eu queria ter alguém. Não necessariamente... vivendo na mesma casa, não necessariamente... eu tive que... eu falei, eu não, não tenho o sonho de casar, nem nada disso. Não é algo que eu deseje, nem que eu rechace também... para mim, é indiferente... mas eu me ver... eu gostaria muito de, daqui a dez anos, realmente, ter alguém... É, não sei de que forma... mas, alguém com quem eu pudesse contar. Alguém que eu posso... ficar chateada e ligar no fim do dia e poder dizer: - Olha hoje aconteceu... hoje o dia foi terrível! (K.).

Embora elas afirmem não desejar um casamento que reproduza os moldes tradicionais, principalmente quanto à formalidade de uma oficialização, todas pretendem encontrar uma pessoa para dividir o dia-a-dia.

Essa visão reflete uma perspectiva evidenciada pela Psicanálise, quando Freud, nos idos de 1905, dispendeu esforços para construir um modelo que desse conta de explicar o desenvolvimento psicosssexual dos seres humanos. Inicialmente, ele afirmou ser possível partir-se de um único modelo para ambos os sexos, isto é, ao descrever o processo dos homens, o autor daria uma contribuição efetiva para o conhecimento do desenvolvimento psicosssexual da mulher. Contudo, com o desenrolar do trabalho empírico, ele percebeu que algo diferenciado ocorria no universo feminino, uma vez que as mulheres apresentavam especificidades, ao longo do desenvolvimento psicosssexual, pareciam ter uma participação contundente na construção da feminilidade dita normal.

Uma das entrevistadas ressalta a dissonância entre homens e mulheres na maneira de perceber a própria sexualidade e no fato de não compreender porque ambos trafegam de forma diferenciada no campo da sexualidade: - “Então, foi naquela de querer mostrar, mas nunca pensei... foi passageiro, passou. É um momento, é um momento. É passageiro. Eu não entendo como que, para o homem, não é igual. Não sei...” (J.).

Tendo posse do material apreendido nas observações clínicas, Freud estabeleceu que, em um primeiro momento, meninos e meninas têm como objeto de amor a mãe, já que ela os

provê de todos os cuidados necessários à sobrevivência. Nesse primeiro instante, não é possível fazer uma distinção entre o processo masculino e o feminino, mas é viável inferir que ambos se igualam em termos psicosssexuais, isto é, ambos direcionam a libido para um único objeto. Nas fases posteriores a essa, é que se tornará perceptível as nuances que promovem a dicotomia psíquica entre os sexos. Tudo muda de tom no momento em que meninos e meninas se deparam com a constatação da castração. Para ambos, esse instante terá reverberações na maneira como administrarão o entendimento do que vem a ser tornar-se homem ou mulher e na forma como irão se relacionar com os objetos do meio.

Tudo se principia com o investimento libidinal no objeto primário de amor. O menino reconhece a mãe como seu bem maior e investe boa parte da libido, que lhe é própria, nesse objeto a fim de obter aquilo que deseja: a satisfação das próprias necessidades. Ele nutre um amor intenso pelo agente materno, mas “observa” que não é o único a despertar o interesse e os cuidados dela. De maneira progressiva, se dá conta de que o pai é um rival em potencial, pois a mãe tem para com ele uma atenção especial. Temendo entrar em confronto com o genitor e perder seu bem maior (pênis), o menino renuncia ao amor de ambos os pais. Nesse instante ele “deserotiza” a relação dele com os pais, pela via da deserotização do próprio pênis, fazendo com que o próprio corpo direcione boa parte da energia sexual (libido) para objetos não corpóreos. A ameaça de castração – imaginada pelo menino - faz com que o infante volte as costas aos genitores e enfrente a jornada, em busca da própria masculinidade. Esse processo marcado pela solidão e pelo amor a si mesmo é que possibilita ao homem conhecer as nuances que caracterizam a condição masculina. Dessa forma, as atitudes adotadas nessa fase terão repercussões determinantes na forma como o menino irá encarar as relações que, porventura, venha a estabelecer.

Para a Psicanálise, os problemas da sexualidade infantil masculina ganham destaque pela via da ameaça de castração, que possibilita o rompimento do complexo de Édipo do menino (a veneração pela mãe e o forte vínculo a ela).

“Mediante este complexo, a sexualidade infantil do menino transforma-se em sexualidade adulta masculina normal e a sua libido concentra-se na sua área genital. Daí em diante ele sente-se ameaçado até o fim da vida” (Muraro e Boff, 2010, p. 141). Partindo dessa explanação é possível inferir que as relações mais profundas tornam-se, psiquicamente, fortes ameaças à integridade masculina. Por isso, em muitas ocasiões os homens valorizam tanto a satisfação no nível genital, já que estas não lhes remetem à reviver o temor original – a ameaça de castração. Relações “superficiais” são mais seguras e exigem menos investimento libidinal, eles podem evitar o reaparecimento do medo de ser aniquilado pelo sexo oposto.

Isso foi evidenciado na fala de algumas entrevistadas, que revelaram a frustração oriunda da percepção de que os parceiros não viam com bons olhos o fato de elas se revelarem interessadas na manutenção da relação.

Porque eu demonstrei para ele que eu estava super interessada. E aí, nele ver isso... é uma pessoa madura que não quer nenhum relacionamento agora. Ele é uma pessoa da noite, que trabalha com a noite, né? Que tem que dar atenção; não pode ficar me dando atenção à noite, porque tem que estar recebendo as pessoas e, aí, ele ficou meio que assustado. No ele ficar meio assustado, ele deu uma afastada (J.).

Do... as coisas para mim, elas precisam de ser claras e, muitas das vezes inclusive, não dá certo porque eu sou extremamente clara com... com o que eu quero, com o que eu gosto, o que eu não gosto, né?. E... e eu acabo me expondo e... eu cobro também um pouco essa clareza... e os homens fogem de mim... (risos). Todos eles, quando eu me exponho, eles simplesmente desaparecem da minha vida. Eles não me dão satisfação (K.).

Na concepção freudiana, para as mulheres, o início é praticamente o mesmo: elas também direcionam a libido para o agente materno, e é compreensível que assim o seja. Tal qual acontece com o menino, é a genitora que lhe atende as primeiras necessidades, esforçando-se para satisfazer seus desejos. A mãe vê-se, portanto, revestida pela áurea libidinal da menina. A menina, quando percebe que algo lhe falta – o falo –, tende a acreditar que se encontra nesta condição porque fez algo errado e, por isso, foi punida. No instante em que “entende” que a mãe é como ela, volta-se para o pai, tentando obter dele o que a genitora não foi capaz de lhe dar.

De acordo com a visão psicanalítica, a menina durante esta constatação, não precisa perder nada; ela já não possui e, portanto, ela não se sente, psiquicamente, ameaçada pela relação. Como não tem nenhum órgão para perder, ela continua, de forma menos intensa, ligada à mãe e, ao mesmo tempo, nutre a fantasia de que o pai é capaz de lhe prover os recursos necessários à própria edificação como mulher. A partir daí, a menina passa a partilhar o desejo pelo pai e isso não gera qualquer tipo de ameaça (sensação de morte).

Na visão de Muraro e Boff (2010) “... não [se] vê nessa partilha nenhuma ameaça de morte, mas um aumento, um enriquecimento de relação e comunicação” (p. 160).

Em suma, enquanto o menino se identifica com a figura masculina pela via da perda e da solidão, a menina se identifica com a mãe por meio da relação.

De acordo com essa visão é compreensível que as mulheres se apropriem da feminilidade por meio das relações que estabelecem. O dar, para elas, não é entendido em termos psíquicos como fonte de indício de perda da própria integridade. Ao contrário, remete-

lhes à vida, mesmo em termos biológicos. Por isso, estabelecer relações mais duradouras e profundas têm efeito revitalizador para o contingente feminino, uma vez que dessa maneira ela pode exercer a feminilidade e compreender o que é ser mulher.

Muraro e Boff (2010) ressaltam que o amor que salva o menino é o amor a si mesmo; por isso, é reconhecido como egoísmo; e o da menina é o amor do outro, portanto, o altruísmo. Os meninos guardam a fantasia de que precisam cuidar, em primeira instância, dos próprios interesses como forma de “garantir” a sobrevivência. Já as meninas “entendem” que é na relação com o outro que elas encontram o significado da condição feminina.

Talvez o cerne da incompatibilidade entre ambos esteja aí: o fato de ser ameaçado de morte por causa do amor primordial da mulher, o amor da mãe. Por isso, todos os amores mais profundos, imagina ele, levam à morte. A mulher, que não fez essa ruptura, quanto mais profundo for o amor, mas erotizada fica e sente-se cada vez mais próxima das experiências de gozo da infância, de antes da repressão” (Muraro e Boff, 2010, p. 181).

O universo da pesquisa que resultou nesta dissertação reforça esta constatação, evidenciando, em vários momentos, que as mulheres desejam coisas diferentes quando pensam em termos de união:

E não é toda pessoa que consegue separar assim; eu consigo separar o sexo do amor, tranquilamente. Mas, ainda assim, você fica com uma certa ternura, com um carinho, entendeu? A mulher, ela sempre vai ser diferente do homem nesse sentido (E.).

Consigo me ver casada, com filho... Isso que eu imagino para mim, entendeu? Eu sempre desejei isso, por mais que eu estava saindo... fazia isso e aquilo. Eu sempre desejei isso (G.).

Não adianta a gente querer comparar. Desde que o mundo é mundo, a mulher é mais sensível, a mulher é menorzinha... não no sentido de capacidade, não de tudo, mas de cuidados; a mulher quer um pouquinho mais de cuidados, até fisicamente dizendo, seu corpo, matéria e tal (H.).

A maioria dos homens, na visão das entrevistadas, sente a intimidade como ameaçadora. Parece que eles dissociam, de maneira clara, o sexo da intimidade. Ao passo que as mulheres relatam dificuldade de viver o sexo sem qualquer tipo de intimidade com a pessoa desejada.

Amor para eles acaba se tornando sinônimo de morte, de perda do controle sobre si mesmo; já para as mulheres, o amor é equiparado à vida, ao sentir-se desejada e amada. Ela se diz viva.

Considerando a riqueza do material coletado, muitos outros trechos das entrevistas realizadas poderiam ser recortados, destacados e analisados. Contudo, o que se selecionou até aqui foi suficiente para demonstrar o que se pretendia nesta dissertação. Certamente o material do anexo poderia enriquecer muito mais este trabalho, não fossem os limites próprios de uma dissertação, como trabalho acadêmico parcial para a obtenção do título de mestra. Ele pode, também, alimentar outras investigações a respeito da sexualidade feminina e de outros aspectos da vida das mulheres contemporâneas. Entretanto, esta dissertação deve parar por aqui, pois com o que foi selecionado e analisado já se tem material suficiente para a tessitura das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS INCONCLUSÕES

Nas várias teses e dissertações que foram consultadas para a elaboração da pesquisa que resultou nesta dissertação, raramente se encontrou o termo “Conclusões” para encerrá-las, mas, quase sempre, outras expressões para designar a parte de fechamento, tais como, “Considerações Finais”, “À Guisa de Conclusão”, “Questionamentos Finais” e, até mesmo, “Inconclusões”.

Também nesta dissertação, optou-se por “Inconclusões” e, como nas congêneres, não se trata de mera declaração subjetiva de modéstia, porque, de fato, quando se realiza uma pesquisa para a produção de um trabalho desta natureza, ao final, aparecem mais problemas, mais questões do que as que se tinha no início da elaboração do projeto. Além disso, na finalização do trabalho, fica sempre a sensação de que, se se tivesse mais tempo e outras condições de pesquisa, poder-se-ia explorara temáticas correlatas que emergiram ao longo do trabalho, bem como ir mais fundo em alguns aspectos.

Portanto, em suma, as conclusões que foram possíveis sacar da análise do material investigado, ao invés de constituírem novas teses, ou ratificações de teses já demonstradas, acabam por parecer hipóteses de futuras teses. Em outras palavras, fica-se com a impressão de que toda demonstração é sempre provisória, mesmo para o demonstrador, porque se ele tivesse mais tempo e melhores condições de investigação, certamente ele próprio enriqueceria, ou até mesmo derrubaria algumas das demonstrações realizadas. Então, vamos às considerações finais, ou melhor, “inconclusões”.

Em um primeiro momento, estas considerações se debruçam sobre a relação entre os conceitos e as categorias freudianas ou psicanalíticas e as expressões das 11 (onze) mulheres de Juiz de Fora que constituíram os sujeitos da pesquisa, naquilo que mais fundamenta o conflito que constituiu o objeto deste trabalho. Entretanto, não é demais repetir que a

Psicanálise foi eleita como referencial teórico desta dissertação. Por isso, antes de focalizar as expressões das entrevistadas, é necessário retomar cada uma das concepções freudianas, já explicitadas na Introdução, relacionando-as diretamente, às alocações da mulheres entrevistadas.

No texto *Um estudo autobiográfico* (1988 [1924/1925]), Freud descreve o percurso que o levou a abandonar as concepções que defendia no início da vida acadêmica. Como médico em formação, o universo de conhecimento pelo qual trafegava estava, fortemente, atrelado à compreensão orgânica (biológica) do ser humano. Tal como os demais colegas da época, em decorrência da própria formação acadêmica, ele tentava fundamentar todas as intercorrências que surgiam na clínica com explicações que se alicerçavam em justificativas orgânicas. Para a ciência daquele momento era considerado bastante plausível buscar-se explicações para os males humanos em fatos que pudessem ser comprovados pelas observações empíricas e pelo funcionamento biológico do ser.

No entanto, ao longo da própria trajetória como estudante, Freud se deparou com a existência de manifestações no corpo de algumas mulheres que fugiam ao escopo de qualquer ciência da época. A partir desse instante, o Pai da Psicanálise despendeu todos os esforços no sentido de compreender o que acontecia com essas mulheres e o porquê de tal fato.

Para os catedráticos daquele tempo tratava-se de uma doença eminentemente feminina reconhecida como histeria. As mulheres acometidas por esse mal costumavam apresentar as chamadas conversões histéricas, caracterizadas pela paralisação de uma parte ou partes do corpo, sem, contudo, ser constatada qualquer tipo de alteração física/biológica que justificasse o aparecimento de tal manifestação.

Freud foi o primeiro a “desconfiar” de que algum aspecto importante referente à histeria estava escapando do olhar científico dos médicos e estudiosos naquele instante. Dedicou-se, então, a observar mais atentamente as mulheres que apareciam na clínica e acabou por depreender os primeiros sinais para a construção de uma Teoria da Sexualidade. Para ele, o que corroborava o surgimento das conversões era uma espécie de energia psíquica que se submetia à repressão pela via da consciência. Ao ser desviada do objetivo primeiro, essa energia era direcionada para uma instância inconsciente, permanecendo, porém, ativa. Em algum momento, ela retornava sob a forma de conversão. Essa energia que, na visão freudiana, era de ordem psíquica, foi denominada Libido. Ainda nessa concepção, a energia psíquica mencionada estava presente em todos os seres humanos, desde o início da vida, e constituía a força motriz capaz de fazer com que o ciclo da vida permanecesse em constante movimento. Assim, ela não era exclusividade das mulheres, mas de todos os seres humanos,

fazendo com que eles se constituam como seres capazes de dar significado à própria existência. Essa energia se afigurava como de ordem sexual.

Para Freud (1989 [1905]), a criança é portadora de uma energia libidinal inicial que não conhece organização e isso repercute no fato de ela não conseguir se reconhecer como menino ou menina. Essa constatação ressalta a percepção freudiana de que, em algum estágio da vida, todos os seres humanos são, invariavelmente, bissexuais. Isto é, a princípio, embora exista uma anatomia sexual que aponte para uma estrutura física, psiquicamente, para ambos os sexos, ainda vigora características que são inerentes a ambos os sexos. Somente com o desenvolvimento psicosssexual ulterior é que ambos os sexos serão capazes de se constituir como homem ou como mulher, de acordo com as peculiaridades que lhes são pertinentes.

O fato de uma parte da humanidade tornar-se mulher e, conseqüentemente, percorrer o caminho rumo à feminilidade, está intimamente ligado ao desenvolvimento psicosssexual de cada uma das pessoas pertencentes a este semi-universo.

Em 1905, Freud dedicou-se a demonstrar, de maneira minuciosa, os passos para que o infante alcance o desenvolvimento normal da própria sexualidade. Inicialmente, ele tentou explicar o funcionamento psíquico em termos topográficos. Isso, talvez, tenha ocorrido em função da herança acadêmica e das exigências científicas da época.

No texto *O id e o ego* de 1923, o autor nomeou as instâncias pertencentes ao aparelho psíquico e ressalta os aspectos constituintes de cada uma. Essa foi, supostamente, a forma encontrada por ele para esclarecer, em termos científicos, como o processo psíquico se desdobrava na vida do ser humano. Para dar substância ao conhecimento sobre o desenvolvimento psicosssexual de todos os seres humanos, era necessário entender como o processo se dava e que aspectos corroboravam a manifestação deles.

Freud (1988 [1923]) acreditava que a mente humana trabalhava, estruturalmente, em torno de três níveis: consciente, pré-consciente e inconsciente. Nesse momento, ele tentava localizar, em termos mentais, o processo de organização da mente humana. No entanto, ao longo do próprio amadurecimento profissional, Freud constatou que esse processo não se dava de forma estanque, localizada e, sim, de maneira dinâmica. Partindo dessa nova ótica, ele nomeou o dinamismo evidente da mente humana, acreditando existir três instâncias que garantem o exercício da mente: o id, o superego e o ego.

Segundo ele, o id seria a instância psíquica caracterizada pela presença das pulsões sexuais primitivas, aquelas que demandam a realização imediata. Essa instância não conhece a realidade, sendo gerenciada pelo Princípio do Prazer, que rege a concepção primeira do ser humano.

O superego seria o constituinte da censura, aquele que tenta se impor ao id, retraindo-lhe as pulsões, sendo, portanto, o responsável pela repressão das impulsividades que acometem os seres humanos de maneira geral. Esse componente psíquico se constrói a partir do Princípio de Realidade. É pela via do conhecimento do mundo relacional de meninos e meninas com os respectivos genitores que a realidade externa se torna evidente, contribuindo para a necessidade de regular as pulsões que tendem a se manifestar de forma desordenada. É como se o superego funcionasse como o freio necessário para garantir a integridade do sujeito.

A terceira e última instância seria o ego, descrito como o intermediador das duas anteriores. Ele se porta como o negociador estratégico entre o id e o superego. Para Freud (1988 [1923]), estava claro que o ser humano era regido pelo Princípio do Prazer e, que por isso, demandava a realização de todas as necessidades de forma desregrada. Nesse contexto, o id se comporta como princípio básico do aparelho mental. Quando a pessoa começa a se relacionar com o meio, vai, paulatinamente, descobrindo a impossibilidade de realizar a todos os próprios anseios. Ele logo compreende que era preciso haver alguma espécie de censura (repressão) a pulsões desorganizadas que, porventura, viessem a se manifestar.

No entanto, era preciso que existisse algo no intercurso dessas instâncias que assegurasse a não prevalência de uma sobre a outra. O ego surge como instância necessária para “assegurar” que as pulsões do id pudessem se manifestar de maneira mais elaborada e alcançassem, em alguns momentos, a satisfação parcial, livrando-se de uma parcela das repressões incisivas do superego. É o ego que promove o “refreamento” do superego diante do id e, ao mesmo tempo, harmoniza as pulsões do id com o Princípio de Realidade.

Todo esse trajeto foi percorrido pelo autor como tentativa de promover a compreensão do processo de desenvolvimento psicosssexual do ser humano, já que ele passara a acreditar que a sexualidade humana era algo que transcendia a genitalidade. Na visão freudiana, a sexualidade dos seres humanos está presente ao longo de toda a existência, mas é na vida adulta que ela atende à genitalidade.

Em todas as entrevistas, as mulheres sujeito desta pesquisa demonstraram interesse em evidenciar a vivência de uma sexualidade mais fluida; sexualidade essa associada a encontros que tinham como destino final a relação sexual. De maneira geral, recorrem à explicação de que a relação sexual é uma necessidade vital que deve ser saciada. Contudo, foi possível perceber também que elas, embora em alguns momentos tenham se rendido às manifestações imediatas da pulsão sexual, exerceram uma sexualidade que extrapola a genitalidade. Falam de sentimento, de afinidade e de desejo, características que evidenciam que viver a relação

sexual é um dos objetivos, mas não se sobressai em relação a esses outros aspectos da relação. Em alguns momentos, relatam que, “no fundo, bem lá no fundinho” existe a expectativa de construir relações que não se restrinjam ao sexo.

Tomando como referência a ideia freudiana de que haveria algo no processo psíquico que é da ordem do impensável, do não dito, do insuportável de se admitir no nível consciente, é possível inferir que as mulheres entrevistadas reconhecem que existe um desejo que escapa à consciência imediata, durante os encontros eventuais, ou, no mínimo, precisa ser alocado em uma instância que não cause qualquer tipo de desconforto entre aquilo que vivem e aquilo que desejam viver. Deixar em um segundo plano algo que possa entrar em conflito com os atos conscientemente praticados parece evitar o confronto entre a vontade perceptível e o desejo inconsciente.

As saídas esporádicas com homens desconhecidos põem em relevo a possibilidade de viver uma sexualidade mais liberada, sem as amarras de uma “censura social”, que insistia, até um passado não muito remoto, em manter a mulher em uma posição de receptora dos investimentos masculinos. Esses momentos insinuam a ascensão de pulsões incontrolláveis. Em algumas situações, as próprias entrevistadas falam da “necessidade de querer sexo”, “de querer mesmo uma coisa muito louca”. Nesse instante, talvez, o que se insinue seja uma “vontade pulsional” que não conhece censuras. É como se pulsões originárias do id “exigissem” a satisfação imediata na forma de gozo. Este último ganha o foco das atenções, sendo perseguido como o ato propício à realização plena da satisfação.

As entrevistadas asseguraram terem, em algumas circunstâncias, adotado uma postura imediatista diante da efervescência das pulsões. Acreditavam que, dessa forma, sentiriam mais satisfeitas e realizadas. No entanto, com a chegada da maturidade, essa concepção sobre a sexualidade sofreu modificação significativa, revelando que, atender imediatamente aos apelos da pulsão, a consequência é um “sentimento de vazio”. Passagens das entrevistas congêneres com essa situação acentuam a existência de uma sexualidade que transcende o ato sexual em si. Se Freud, em 1905, afirmava que a sexualidade se assentava em uma perspectiva global do ser humano, essas mulheres vêm ilustrar essa concepção, pois revelam precisar de algo mais do que um breve encontro de anatomias para se sentirem satisfeitas. Nesse contexto, a sexualidade feminina revela-se uma sexualidade corporal intensa que ultrapassa o caráter imediato das relações avulsas.

Quando Freud, em 1930, insistiu em ressaltar, no texto *O mal-estar na civilização*, os perigos de se entregar aos apelos desenfreios do id, ele atestava a necessidade da existência

da repressão, pois, sem isso, o ser humano colocaria em risco não só a convivência com os demais membros da sociedade, mas também a própria integridade pessoal.

Em determinadas circunstâncias, as entrevistadas demonstraram um sentimento contraditório em relação às exigências sociais: elas querem viver uma sexualidade mais liberada, mas, ao mesmo tempo, quando racionalizam a possibilidade de viver tal situação, tendem a recriminar os atos cometidos por outras mulheres. É como se o superego entrasse em campo, tentando julgar e censurar o ato, emprestando-lhe uma conotação social negativa. Segundo elas, viver o sexo livre ganha ares de vulgaridade; algumas chegam a compará-lo com manifestações próprias a animais, porque muito “carnal”.

O gozo, em termos psicanalíticos, é da ordem da pulsão, mas uma pulsão que rompe com o mundo da fantasia do indivíduo e propicia a assunção do ato. Ele atesta a derrocada do desejo, já que legitima a efetivação do ato sexual. Ao assumir o gozo como princípio essencial para realização da própria sexualidade, as mulheres criam uma barreira à manifestação do desejo – caracterizado como aquilo que não pode ser realizado – que passa a não encontrar espaço nas relações que estabelecem. O desejo, segundo a Psicanálise, diz respeito ao que não pode ser realizado, sendo, portanto, da ordem da fantasia. É por meio dela que o desejo se constrói e se mantém vivo na existência de qualquer ser humano, motivando-o a se manter em movimento na busca de sua realização.

As entrevistadas asseguram não terem expectativas no primeiro encontro; negam que isso faça parte de seus anseios, como se o desejo perdesse, cada vez mais, espaço dentro das demandas existenciais dos novos tempos.

Verificada a relação mais íntima entre as categorias psicanalíticas e as manifestações sobre a própria sexualidade das entrevistadas, resta retornar às questões pelas quais iniciou-se este trabalho, para verificar se ele deu conta de responder a todas elas.

Considerando que o objetivo da pesquisa de que resultou esta dissertação era verificar a existência ou não de um “conflito entre as aspirações afetivas referentes a relacionamentos mais duradouros e a prática de uma sexualidade mais liberada” (v. Introdução desta dissertação, p. 13), ficou claro que, em alguns passagens dos depoimentos, as entrevistadas asseguram ter optado por essa sexualidade e, ao mesmo tempo, expressaram a vontade de viver relações afetivas mais duradouras.

Elas exprimiram a crença de que a sociedade atual tolera um pouco melhor as tentativas, por parte do contingente feminino, de assumir suas próprias escolhas em relação à sexualidade. No entanto, revelaram transitar entre os dois universos: o da permissividade e o do conservadorismo. Essa oscilação é revelada no instante em que admitem terem, em algum

momento de suas vidas, acreditado que conseguiram lidar tranquilamente com as saídas efêmeras com parceiros, sem maiores compromissos; embora, progressivamente, tenham percebido que só isso não era o suficiente para que se sentissem verdadeiramente desejadas e mais seguras em relação à condição feminina que lhes é própria.

O conflito que se estabelece, para as entrevistadas, não é somente evidenciado pela dissonância entre o que elas almejam em relação à própria sexualidade e o desejo de estabelecer relacionamentos baseados na afetividade, mas, também, na dificuldade em transitar entre dois universos de possibilidades: um considerado liberal e outro que preserva valores próprios de uma visão conservadora e tradicional quanto à sexualidade feminina.

Elas se debatem com a ideia, legitimada pela sociedade atual, de viver o sexo com maior liberalidade. Por isso, procuram encarar, de forma natural, as atitudes que vêm tomando em relação ao sexo, ou seja, aspirando que as sanções sociais as vejam com a mesma naturalidade com que aprovam as práticas sexuais masculinas. Tentam fazer parte de uma visão de mundo que reconhecia determinado espaço como campo adstrito ao masculino. Por algum tempo, isso fez algum sentido e lhes proporcionou a sensação de estarem vivendo situações igualitárias às dos homens. Essa realidade trouxe, contudo, consequências negativas para a população pesquisada, que continua a acreditar que, em alguns aspectos, as mulheres não podem se equiparar aos homens. Para elas, quando o assunto em foco é o sexo, não conseguem lidar da mesma maneira com que os homens o fazem, defendendo que aquelas que apostam todas as fichas nessa tomada de postura, costumam pagar um preço bem alto, não só em termos sociais, como também em termos afetivos. Isso se dá porque, por mais que se promovam mudanças sociais significativas na tentativa de liquidar as dicotomias entre os sexos, elas podem, em um primeiro instante, provocar mutações comportamentais imediatas, aparentes e superficiais, mas não possuem força suficiente para promover mudanças efetivas no modo como cada ser subjetiva a própria condição – masculina ou feminina.

Freud no texto *Sexualidade Feminina*, de 1931, esclarece os fatos que diferenciam a forma pela qual a mulher encontra o caminho da feminilidade e porque ela se distancia dos homens em relação à percepção que tem sobre o sexo. Para ele, a raiz de toda a diversidade entre o contingente masculino e o feminino se assenta sobre dois tempos: o momento em que a menina se reconhece como castrada e o momento em que ela passa pelo complexo de Édipo. Esse dois momentos parecem ser cruciais para que ela possa entender todo o percurso que terá que enfrentar se quiser alcançar uma feminilidade normal e assim, tornar-se mulher. O autor reconhece que o processo de desenvolvimento psicosssexual das mulheres é bem mais complexo que o dos homens, pois elas terão uma primeira zona erógena sexualmente

investida pela libido – o clitóris –, que dará lugar a uma segunda e definitiva zona erógena – a vagina. Esse percurso requer muita energia por parte da menina, que terá de dessexualizar uma região, inicialmente prazerosa, para que a “verdadeira” genitalidade feminina possa aflorar. Além disso, o fato de reconhecer-se castrada não é garantia de que ali estará uma mulher; mas, esse aspecto aponta para algo que exerce um efeito, em termos psíquicos, que não deve ser negligenciado.

Nessa perspectiva, a relação que a criança do sexo feminino estabelece com os pais, não se torna uma ameaça porque ela não tem nada a perder. Isso faz com que a menina se desenvolva, tendo na relação, a condição propícia para exercer a feminilidade que lhe está reservada.

Para os homens é totalmente diferente: a relação soa como algo ameaçador, pois o remete às primeiras relações, fazendo-o reviver o medo de ser castrado por um dia ter desejado o amor da mãe.

É por isso que homens e mulheres não conseguem se igualar psiquicamente no que diz respeito ao modo como encaram a relação sexual. Um deseja intimidade e aproximação; o outro a satisfação puramente genital. Isso porque ambos possuem uma forma singular de subjetivar a própria condição.

O universo pesquisado ilustrou tal constatação e revelou que as mulheres que participaram da pesquisa ainda não descobriram uma forma de subjetivar e de se organizar libidinalmente, de modo a aproximá-las da forma como os homens processam esses aspectos de suas vidas. Além disso, não conseguiram construir um modelo feminino equilibrado quanto ao exercício da sexualidade, permanecendo ainda contaminadas por um posicionamento que se assemelha ao masculino. É, portanto, cabível inferir que existe, sim, um conflito entre o instituído e o instituinte, que tem dificultado o exercício pleno de uma sexualidade eminentemente feminina. Em suma, o processo conflituoso vivido por algumas mulheres em Juiz de Fora revela um processo mais profundo do que um simples choque geracional histórico de que a Psicanálise dá conta.

BIBLIOGRAFIA

- Alizade, A. M. (org.) (2002). *Cenários femininos: diálogos e controvérsias*. Rio de Janeiro: Imago.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e o feminino. A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.
- André, S. (1994). *O que quer uma mulher?* (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- American Psychological Association (2012). *Regras essenciais de estilo da APA* (D. Bueno, trad., 6^a. ed.). Porto Alegre: Penso.
- Arán, M. (2002). A singularização adiada: o feminino na civilização moderna. In: J. Birman (org.), *Feminilidades* (pp. 59-86). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Arán, M. (2003, julho-dezembro). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 11(2), 399-422. Recuperado em 12 de junho de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000200004&script=sci_arttext.
- Badinter, E. (1980). *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Recuperado em 04 de março de 2014, de [http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf).
- Badinter, E. (1986). *Um é o Outro: relações entre homens e mulheres*. (C. Gomes, trad.,

- 3^a. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo* (A. Pinheiro, L. A. Reto , trads.). Lisboa: Edições 70.
- Barroso, C. & Costa, A. O. (orgs.) (1983). *Mulher, mulheres*. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas.
- Bauer, C. (2001). *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã/Edições Pulsar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. G. , C. M. Gama, trads.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. de (1980). *O segundo sexo: a experiência vivida* (S. Milliet, trad., 3^a. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (2003). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34.
- Boris, G. D. T. B. & Cesídio, M. H. (2007, setembro). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, 7(2), 451-478. Recuperado em 11 de janeiro de 2014 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1518614820070002&lng=es&nr=1.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (M. H. Kühner, trad., 11a. ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Carmo, P. S. do (2011). *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo.

- Castells, M. (1996). *O poder da identidade* (K. B. Gerhardt, trad.) São Paulo: Paz e Terra. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II).
- Chaves, E. (20013, julho-dezembro). A cabeça de Medusa. *Clinica & Cultura*. 2(2), 91-93. Recuperado em 23 de abril de 2014, de <http://www.seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/1938>.
- Childe, G. (1972). *O que aconteceu na história* (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Clévenot, M. (1987). *Enfoques materialistas da Bíblia* (P. R. Filho, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Cruz, A. B. L. da (2002). *Amok: feminilidade clínica* (tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro.
- Dabhoiwala, F. (2013). *As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual* (R. Mantovani, trad.). São Paulo: Biblioteca Azul.
- Diacov, V. & Kovalev, S. (1987). *A sociedade primitiva* (M. V. Sottomayor, trad.). São Paulo: Global.
- Duby, Georges & Perrot, M. (1995). *História das mulheres: o século XX* (A. M. Durães et al., trads.). Porto: Afrontamento.
- Engels, F. (1975). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (L.Konder, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, A.B.H (2010). *Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa* (8a. ed.). Curitiba: Positivo.
- Ferreira R. (2012). Masculinização Feminina. *Jornalismo responsável com Informação de qualidade*. Recuperado em 15 de dezembro de 2013, de <http://rosenvalferreira.blogspot.com.br/2012/03/masculinizacao-feminina.html>.

- Floresta, N. (1989). *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Trad. livre do original *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft. São Paulo: Cortez.
- Freud, S. (1988 [1905]). A Vida Sexual dos Seres Humanos. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. XVI, pp. 355-373, 2ª. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1905]). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., v. VII, pp.118-251, 2 a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1908]). Escritores Criativos e Devaneios. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. XIX, pp. 133-143, 2a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1923]). O id e o ego. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., v. XIX, pp. 15-80, 2 a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1924]). A Dissolução do Complexo de Édipo. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. XIX, pp. 191-199, 2 a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1925]). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., v. XIX, pp. 273-286, 2 a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1930]). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., v. XXI, pp. 67-160, 2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988 [1931]). Sexualidade Feminina. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., v. XXI, pp. 233-251, 2ª. ed.). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1948). La Feminidad. In *Obras completas Sigmund Freud* (L. L. –B. y de Torres, trad., v.II, pp. 839-851). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Julien, P. (1997). *A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade*. (P. Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino* (2 a. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lipovetsky, G. (1997). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino* (M. J. B. Reis, trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos* (M. Vilela, trad.). São Paulo: Barcarolla.
- Malinowski, B. (1982). *Vida sexual dos selvagens* (C. Süsserkind, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Marcuse, H. (1981). *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud* (Á. Cabral, trad., 8 a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Minayo, M. C. de S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (12a. ed.). São Paulo: HUCITEC.
- Montenegro, T. (2003, dezembro). Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 11(2), 493-508. Recuperado em 15 de março de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19133.pdf>.
- Mundy, L. (2013). *O sexo mais rico: como a nova geração de mulheres está transformando trabalho, amor e família* (E. Serapicos, trad.) São Paulo: Paralela.
- Muraro, R. M. & Boff, L. (2010) *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Record.
- Neri, R. (2008, março). A condição feminina. *Jornal do Conselho Regional de Psicologia*

RJ, 5 (17), 3-13. Recuperado em 12 de dezembro de 2013 de <http://www.crprj.org.br/publicacoes/jornal17-reginaneri.pdf>.

Pedro, J. M. (2012). Corpo, prazer e trabalho. In Pinsky, C. B. & Pedro, J. M. (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Prado, M.L. & Franco, S. S. (2012). Participação feminina no debate público brasileiro. In Pinsky, C.B. & Pedro, J. M. (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Priore, M. del. (2011). *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Planeta.

Priore, M. del. (2013). *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta.

Pinsky, C.B. (2012). A era dos modelos flexíveis. In Pinsky, C. B. & Pedro, J. M. (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Reich, W. (n.d.). *A irrupção da moral sexual repressiva* (S. Montarroyos, J. S. Dias, trans.). São Paulo: Martins Fontes.

Reich, W. (1977). *Materialismo Dialético e Psicanálise*. (J. J. M. Ramos, trad., 3a. ed.). Lisboa: Presença.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Saffioti, H. (1984). *Mulher brasileira: opressão e exploração*. Rio de Janeiro: Achiamé.

Saffioti, H. (1976). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis RJ: Vozes.

Scott, A. S. (2012). O caleidoscópio dos arranjos familiares. In Pinsky, C. B. & Pedro, J. M. (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Silva, P. F. da (2010). *A liberdade sexual administrada: contribuição à crítica do conformismo*. Curitiba: Juruá.

Soihet, R. (2012). A conquista do espaço público. In Pinsky, C. B. & Pedro, J. M. (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Süssekind, F.; Dias, T. & Azevedo, C. (orgs.) (2003). *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7letras & Casa de Rui Barbosa.

Valença, M. C. A. (2003). *A feminilidade em Freud e na contemporaneidade: repercussões e impasses*. (Dissertação de mestrado). Recuperado em 05 de maio de 2013, de http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=3912@1.

ANEXO I

Roteiro de Entrevistas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO
JUIZ DE FORA - MG

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

Nome (somente iniciais):

Idade:

Escolaridade:

Ensino Fundamental:

- Completo
- Incompleto

Ensino Médio:

- Completo
- Incompleto

Ensino Superior:

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

Estado Civil:

- Solteira
- Separada
- Divorciada
- Viúva

Filho (s):

- Sim
- Não

Reside:

- Sozinha
- Com parentes
- Com os pais

Trabalha:

- Sim
- Não

- 1) Com que frequência você sai à noite?
- 2) Como você percebe o jogo de sedução entre homens e mulheres, hoje?
- 3) Você acha que a liberação sexual da mulher contribuiu para modificar o modo como ela percebe suas relações afetivas?
- 4) Quando você está na noite quais são as suas expectativas?
- 5) Você convidaria um homem para sair?
- 6) Se você encontra alguém (um homem) que lhe interessa na noite, mas nunca viu antes, o que vale?
- 7) Qual critério você usa para escolher alguém? Como seleciona?
- 8) Você tem vida sexual ativa?
- 9) Você se considera uma pessoa liberada sexualmente?
- 10) Você já teve ou tem mais de um parceiro sexual?
- 11) Para você o sexo livre com vários parceiros é realizador?
- 12) Você sente falta de mais alguma coisa na sua vida sexual?
- 13) Como você projeta a sua vida amorosa/erótica no futuro?

Pesquisadora responsável: Natatcha Priscilla Romão – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues.

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “**Sexualidade e Contemporaneidade: pesquisa com um grupo de mulheres que frequenta a noite na cidade de Juiz de Fora**”. Nesta pesquisa pretendemos compreender se há conflito entre o que as mulheres esperam nos relacionamentos afetivos que estabelecem com os homens e a sua prática sexual. O motivo que nos leva a estudar este tema consiste na necessidade de tentar entender um pouco mais a relação da mulher com a própria sexualidade nos dias atuais e os conflitos psíquicos que permeiam esta vivência, tendo em vista que existem poucos estudos brasileiros nesta área.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos; agendamento de entrevistas com a senhora, um ou mais encontros conforme a sua disponibilidade e a nossa necessidade. As entrevistas serão semi-estruturas construídas de acordo com o objetivo da pesquisa. Estas entrevistas apresentam risco mínimo para as entrevistadas, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, podendo talvez causar algum desconforto ao lembrar ou relatar as diversas situações que tenha vivenciado. Apesar disso, a participante tem assegurado o direito de reembolso em caso de gastos com transporte ou alimentação que sejam necessários para se deslocar até o local da entrevista além de indenização no caso de quaisquer danos que possam ser produzidos pela pesquisa. Para participar deste estudo a senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

As entrevistas serão gravadas mediante a sua autorização sendo posteriormente transcritas e analisadas. Os resultados da pesquisa não apresentarão qualquer tipo de risco com relação à divulgação de seu nome, pois neste sentido, a senhora estará assegurada quanto a não revelação dos seus dados coletados. Estes dados estarão à sua disposição quando finalizados. Sendo assim, seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida à senhora. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos da pesquisa “**Sexualidade e Contemporaneidade: pesquisa com um grupo de mulheres que frequenta a noite na cidade de Juiz de Fora**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Nome Assinatura participante

Nome Assinatura pesquisadora

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFJF
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
CEP: 36036-900
FONE: (32) 2102- 3788 /E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: NATATCHA PRISCILLA ROMÃO
ENDEREÇO: DOUTOR JOSÉ BARBOSA, 175/903
CEP: 36.025.270 – SÃO MATEUS - JUIZ DE FORA – MG
FONE: (32) 3214 – 6158/E-MAIL: NATATCHA.PRISCILLA@GMAIL.COM

ORIENTADOR RESPONSÁVEL: PROF. DR. ANTENOR SALZER RODRIGUES
ENDEREÇO: DOUTOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA, 332.
CEP: 36.021-680 – BOM PASTOR - JUIZ DE FORA - MG
FONE: (32) 3215 – 5756/E-MAIL: ANTENORSALZER@OI.COM.BR

ANEXO III

Autorização do Centro de Psicologia Aplicada da UFJF

DECLARAÇÃO

Eu, Nara Liana Pereira Silva, na qualidade de responsável pelo Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora (CPA) situado na rua Santos Dummont, nº 214, autorizo a realização das entrevistas da pesquisa intitulada: Sexualidade e Identidade da Mulher na Sociedade Juizforana Contemporânea, a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Natatcha Priscilla Romão sob a orientação do Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa.

Juiz de Fora, 06 de novembro de 2013

CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA
CPA/UFJF


Prof.ª Nara Liana Pereira Silva
Coordenadora do Centro de Psicologia Aplicada
CPA/UFJF

CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA

Nara Liana Pereira Silva